

PUC

ALINE FERREIRA LINHARES

O TEMPO DO SUJEITO E A RESISTÊNCIA DO ANALISTA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO, AGOSTO DE 1986

Pontificia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Av. Marquês de São Vicente, 225 - CEP 22453

Rio de Janeiro — Brasil

-ham. 50 L752t TESE UC

-da O tempo do sujeito e a resistencia do analista



FUCE

0019413

UC - 11547-3

ALINE FERREIRA LINHARES

O TEMPO DO SUJEITO E A RESISTÊNCIA DO ANALISTA

Dissertação apresentada ao
Departamento de Psicologia da
PUC/RJ como parte dos requi-
sitos para obtenção do título
de Mestre em Psicologia.

Orientador: DR. CARLOS PAES DE BARROS

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO, AGOSTO DE 1986

not

1910
BIS. DTEGA
22/10/187
1941?

150
L 4527
TESE UC

AGRADECIMENTOS

- A Dr. Carlos Paes de Barros, pelo estímulo, pela atenção e pela tranquilidade na orientação e na espera pela realiza
ção deste trabalho.
- Àqueles com quem estudei e que exerceram grande influência na
minha formação teórica:
 - . Stefan Kucharski (Psicolinguística: Saussure - Mestrado de
Psicologia Social da U.G.F.)
 - . Sérgio Fernandes (Teorias da Verdade - Mestrado de Psico-
logia Social da U.G.F.)
 - . Dr. Carlos Paes de Barros (Freud: 'defesa' - Mestrado de
Psicologia Clínica da PUC/RJ)
 - . Isidoro Eduardo Americano do Brasil (Freud e Lacan: 'a es
trutura da Verneinung e a função Nome-do-Pai' - Movimen-
to Freudiano)
 - . Eduardo Affonso Vidal (Freud e Lacan: 'o Real, o Imaginá-
rio e o Simbólico' - Letra Freudiana)
- À Ana Maria Sérgio, pela dedicação no trabalho de datilogra-
fia e revisão deste texto.

e a meus pais,
Ericsson e Wanda,
e meus filhos,
Cintia e Silvio.

S U M Á R I O

I. INTRODUÇÃO.	01
1. RELEMBRANDO: FREUD E OS "PÓS"-FREUDIANOS	01
2. 'DE CIENTIFICITATE NON DISPUTANDUM'.	29
II. O SUJEITO FREUDIANO.	33
1. O APARELHO PSÍQUICO: A LINGUAGEM.	33
2. INCONSCIENTE E DISCURSO	56
3. A ESTRUTURAÇÃO PSÍQUICA: ÉDIPO.	65
III. A DINÂMICA DO SUJEITO	115
1. A DEFESA	115
2. DESEJO E SINTOMA	132
3. RESISTÊNCIA E TRANSFERÊNCIA.	135
IV. CONCLUSÃO: O TEMPO DO SUJEITO E A RESISTÊNCIA DO ANALISTA.	142
BIBLIOGRAFIA	151

RESUMO

Considerando a persistência de mal-entendidos a cerca dos conceitos freudianos em geral, e em particular os de 'defesa' a 'resistência' e, seguindo a orientação de J. Lacan, nosso principal objetivo neste estudo é pesquisar nos escritos de Freud as afirmações elementares que direta ou indiretamente estão relacionadas às nossas questões.

Freud nos apresenta um modelo de aparelho psíquico regido por leis associativas que revelam categorias linguísticas cujas estruturas suportam e sustentam a produção discursiva do sujeito. Freud sustenta ainda que esta produção se encontra na dependência das inscrições e das possibilidades associativas, já existentes nestas estruturas, quando ativadas por estímulos, os desejos inconscientes, provenientes do 'Campo do Outro'.

Nestas condições, a dimensão temporal revela-se prioritária e determinante na formação das leis associativas, no funcionamento, e na regulação homeostática deste aparelho. A estrutura fundante do sujeito se dá com sua inserção na ordem significante e sua conseqüente subordinação à temporalidade lógica discursiva, à vacilação, ao desaparecimento e retorno do sujeito no discurso. Esta estrutura fundante se dá, portanto, com o significante, sua defesa e sua resistência, representando a perda e a pre

servação do ser, nos fenômenos da alienação e da separação.

Definido o processo de cura como um movimento de criação associativa e produção discursiva, o trabalho analítico, percorrendo tal caminho, da alienação à separação, estará submetido a estas condições: à dependência ao 'Campo do Outro', representado pelo analista, e à determinação da ordem temporal do discurso.

. . .

ABSTRACT

There's a great deal of persistent misinterpretation about Freudian concepts in general and about 'defense' and 'resistance' particularly. Our aim, following J. Lacan's orientation, is to search in Freud's texts for his basic statements that are directly or indirectly related to our questions.

Freud presents us with a model of a psychical apparatus ruled by associative laws that reveal linguistic categories. Its structures support and sustain the subject's speech which is dependent upon the inscriptions and the associative possibilities that are activated by stimuli, the unconscious wishes, originating from 'le Champ de l'Autre'.

In such conditions, the temporal dimension reveals itself as the primary factor in determining the associative laws, the functioning, and the homeostatic regulation of this system. The subject's founding structure occurs with his insertion in the 'signifiant' order and consequent subordination to the logical temporality of speech, to his vacillation, to his disappearing and returning to his own speech. This founding structure therefor occurs with the 'signifiant', his 'defense' and his 'resistance', representing the loss and the preservation of his own being in the alienation and separation phenomena.

If the process of cure is defined as a movement of associative creation and speech production, the analytical work, ranging from alienation to separation, will be submitted to those conditions: to the dependence on 'le Champ de l'Autre', represented by the analyst, and to the speech temporal order determination.

. . .

Crátilo: Você por certo não pensa, Hermógenes, que pode aprender, ou que eu possa explicar, num momento, qualquer assunto importante — de qualquer forma, não a linguagem, que é talvez o maior de todos os assuntos.

PLATÃO,

'CRÁTILLO'

I. INTRODUÇÃO

1. RELEMBRANDO: FREUD e os "PÓS"-FREUDIANOS REVISÃO TEÓRICA

Freud inaugura a psicanálise com a publicação da 'Interpretação dos Sonhos' (Traumdeutung) em 1900. Realiza, neste escrito, um antigo desejo que o perseguia, pelo menos desde 1885, época do 'Projeto' (Entwurf): a construção de uma 'psicologia científica' através da descoberta das LEIS que regem o funcionamento mental. E não é por acaso que Freud escolhe o mecanismo da formação dos sonhos, processos psíquicos considerados 'normais', como representação das suas descobertas: as leis são as mesmas, na produção da 'saúde' ou da 'patologia'.

Representando uma completa revolução nos conceitos psiquiátricos da época, Freud estuda as leis do funcionamento psíquico independente das leis do funcionamento orgânico - uma ousadia, o abandono do modelo médico. Desde suas origens, a teoria psicanalítica independe tanto de uma noção de unidade psicossomática quanto de uma perspectiva evolutiva. Para tanto, Freud introduz a dimensão TEMPORAL, HISTÓRICA, do psiquismo humano e, no capítulo VII da Traumdeutung, elabora um modelo de construção do aparelho psíquico a partir da sedimentação de traços mnêmicos, verbais e não verbais, e suas leis de associação. Descobertas estas, realizadas através da observação da produção discursiva de seus pacientes. E, descobrindo leis linguísticas, revela a

relação fundamental e conflitiva do homem com sua linguagem e com seu próprio discurso: a determinação inconsciente do desejo.

Da patologia à vida onírica, dos atos falhos, dos lapsos, aos ditos espirituosos, o que Freud opera é esse descentramento do SER humano, mostrando sua divisão fundamental, desalojando o sujeito da consciência, o da Razão Clássica, para outro campo, o da Razão Inconsciente. E Freud é determinista mesmo - para ele não há livre-arbítrio, pois o sujeito é determinado por uma causa que desconhece, sua herança.

...

Em sua primeira tópica, a da Traumdeutung, temos um modelo do aparelho psíquico dividido em três sistemas: consciente, pré-consciente e inconsciente. Aqui, a divisão é baseada no modo de funcionamento dos processos psíquicos segundo as leis de associação: os processos primários e secundários. Isto, abrangendo tudo o que Freud vinha considerando desde 1885, a questão do trauma, da sexualidade, da memória, da defesa, etc. O sujeito freudiano é o sujeito da divisão.

Ao formular suas leis gerais do funcionamento psíquico, constatando essa divisão fundamental que torna o homem um ser constitutivamente fragmentado, partido, em con

flito, em falta, é que Freud torna indefinida a fronteira entre aquilo que poderia ser considerado patológico ou não. E este é um dos principais motivos do rompimento de Freud com Breuer e, simultaneamente, de sua própria criação. Em 1914, ao escrever 'A História do Movimento Psicanalítico', Freud descreve esse momento:

'Minha primeira divergência com Breuer surgiu de uma questão relativa ao mecanismo psíquico mais apurado da histeria. Ele dava preferência a uma teoria que, se poderia dizer, ainda era até certo ponto fisiológica; tentava explicar a divisão mental nos pacientes histéricos pela ausência de comunicação entre os vários estados mentais (...), e construiu então a teoria dos "estados hipnóides" cujos produtos se supunham penetrar na "consciência desperta" como corpos estranhos não assimilados. Eu via a questão de forma menos científica; parecia discernir por toda a parte tendências e motivos análogos aos da vida cotidiana, e encarava a própria divisão psíquica como o efeito de um processo de REPULSÃO que naquela época denominei de "defesa", e depois de "repressão". Fiz uma tentativa efêmera de permitir que os dois mecanismos existissem lado a lado, separados um do outro, mas como a observação me mostrava sempre uma única e mesma coisa, dentro de pouco tempo minha teoria da "defesa" passou a se opor à teoria "hipnóide" de Breuer'. (12, p.20)

A essa altura, 1914, os conceitos essenciais da psicanálise estão praticamente todos delineados, com exceção de um, o conceito de repetição (Wiederholung) que será introduzido na segunda tópica freudiana, após 1920.

Entre 1900 e 1909, o conceito de inconsciente (Unbewusstsein) é amplamente formulado, debatido e ilustrado em textos teóricos e clínicos. Os artigos mais importantes neste período são, além da Traumdeutung (1900), 'Psicopatologia da Vida Cotidiana' (1901). 'Os Chistes e suas Relações com o Inconsciente' (1905) e 'Os Três Ensaios sobre a Sexualidade' (1905). Nestes textos, o inconsciente se apresenta como o lugar onde se desenrola uma outra cena que escapa à percepção e re-conhecimento pelo sujeito da consciência. A noção de inconsciente, se opõe a noção de 'subjetividade', que, segundo Lacan, é o que dá aos homens a ilusão de serem compreensíveis para si mesmos. (cf. 46, p.11).

Apesar de Freud não estar informado do nascimento da linguística estrutural de F. de Saussure, é neste campo que suas observações se realizam.

Em 'A Psicopatologia da Vida Cotidiana', vemos, com muitos exemplos pessoais e não pessoais de linguagem, a NATUREZA TENDENCIOSA DA AÇÃO DA MEMÓRIA nos fenômenos INSCONSCIENTES.

'Acontece frequentemente que a idéia que desejamos reter é exatamente aquela que abre caminho em forma de um lapso de língua. (7, p. 89)

Isto, Freud nos diz depois de nos ter dado o exemplo de um caso onde, imediatamente após a negação de uma interpretação, o sujeito comete um lapso no qual a palavra censurada emerge, e só então ele se dá conta de que estivera negando. No caso seguinte, ao contrário deste, o sujeito intencionalmente retivera uma palavra e, não obstante, ela surge em seguida, em outro contexto, na forma de um lapso.

Em alguns casos, as relações fonéticas (similaridades) são fundamentais para a substituição de uma palavra por outra, mas, em grande número de substituições tais leis fonéticas não são determinantes e outras relações associativas se impõem. Em todos os casos, porém, estão presentes dois impulsos emocionais conflitantes que encontram expressão numa só palavra. E Freud conclui que os lapsos ocorrem com 'facilidade especial' em situações em que se DEVE RETER mais do que se PODE DIZER, sendo o motivo principal dessa retenção, a EVITAÇÃO DO DESPRAZER.

O inconsciente, então, é apresentado por Freud como um fenômeno em que antigas impressões são mantidas com uma aparentemente incompreensível tenacidade: ele é 'RETROSPECTIVO' (nachträglich) e 'RESSENTIDO' (nachtragend), (cf. 7, p. 51) . O lapso, portanto, se relaciona com um TEMA que é muito importante para o sujeito que constantemente se re-avalia POR COMPARAÇÃO com os outros:

'(...) pelos meus pensamentos passa uma

corrente contínua de 'referência pessoal', da qual, em geral, não estou ao par (...). É como se eu fosse obrigado a comparar comigo tudo que ouço a respeito de outras pessoas; como se meus complexos pessoais fossem colocados em estado de alerta sempre que outra pessoa me é apresentada. É impossível que isso seja peculiaridade da minha pessoa: com mais razão isso deve conter um indício da maneira pela qual entendemos 'algo diferente de nós mesmos' em geral. Tenho motivos para supor que nesse sentido as outras pessoas são bem parecidas comigo" (8, p.45).

Em 'Os Chistes e suas Relações com o Inconsciente', esse tema da comparação é retomado, em outra circunstância, quando Freud nos diz que ninguém se contenta em fabricar um chiste só para si, pois, ele DEVE ser contado a alguém mais (cf. 8 , p. 166). No estágio inicial, o chiste é um puro jogo de palavras e pensamentos. Realizado o jogo, é necesária uma outra pessoa a quem se possa comunicar o resultado, o trocadilho. Segundo Freud, o 'eu' não se sente SEGURO de SEU JULGAMENTO até que este seja APROVADO por alguém (cf. id., p.167), logo, quem se coloca em julgamento é o próprio 'eu' de quem produz o gracejo. O prazer envolvido nessas realizações se originam da suspensão de uma INIBIÇÃO - o prazer no NONSENSE - que acarreta o riso num PROCESSO de DESCARGA semelhante ao gozo (cf. id., p.168). Freud relaciona o riso, o gozo e o sintoma, pois estes tem em comum a

dependência dos processos inconscientes.

'(...) devíamos nos contentar em rir e não tentar SABER porque rimos, já que a REFLEXÃO PODE MATAR O RISO (...)' (id. grifo nosso).

. . .

Nos 'Três Ensaios', Freud aponta para o início BI-FÁSICO do desenvolvimento sexual, onde se interpõe um período de LATÊNCIA, e destaca o caráter errático do objeto do desejo humano que, enquanto perdido, adquire seu estatuto simbólico, TRANSFERENCIAL.

O período entre 1910 e 1920 se caracteriza por ser uma etapa intermediária na produção teórica. Os textos situados entre a primeira e a segunda tópica são textos de preservação e organização dos conceitos já existentes. É um momento em que Freud precisa defender a psicanálise dos desvios que a ameaçam principalmente a partir de Adler (1911) e Jung (1914), seus discípulos. Os artigos mais importantes são 'Os Artigos sobre Técnica' (1912/15), 'Os Artigos sobre Metapsicologia' (1914/17) e as 'Conferências Introdutórias sobre Psicanálise' (1915/7).

Nos artigos técnicos, Freud debate franca e fartamente o conceito de 'transferência' (Übertragung), relacionando-o ao conceito de 'resistência' (Widerstand) que, por sua vez, é relacionado à PRESENÇA DO ANALISTA. Transferência e resistência são ao mesmo tempo, impec

lhos à análise, e, por outro, as únicas garantias do processo de cura analítico. Tecnicamente, os objetivos clínicos ainda enfocam o sobrepujar a resistência, o que será abandonado posteriormente.

Entre os artigos metapsicológicos destacam-se 'Sobre o Narcisismo: uma Introdução' (1914), 'Os Instintos e suas Vicissitudes' (1915), 'O Inconsciente' (1915) e 'Luto e Melancolia' (1917).

No artigo sobre o narcisismo Freud nos mostra a importância da etapa narcísica na formação do sujeito por ser esta sua ESTRUTURA DE BASE. São apresentadas as relações entre auto-estima e erotismo, e as oposições entre os ideais sexuais e o 'ideal do ego' (Ich-Ideal), conceito que posteriormente, na segunda tópica, estará relacionado ao conceito de superego.

No artigo sobre os instintos, o conceito de 'pulsão' (Trieb), o conceito mítico de Freud, é definido como 'um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, enquanto um REPRESENTANTE dos estímulos internos que atuam sobre a mente com uma força CONSTANTE, ininterrupta. A pulsão é desmontável em quatro componentes: (1) sua 'fonte' (Quelle); (2) sua 'pressão' (Drang); (3) sua 'finalidade' (Ziel); e (4) seu 'objeto' (Objekt). Suas vicissitudes, não por acaso, também são quatro: (1) 'reversão ao seu oposto' (Verkehrung ins Gegenteil) (2) 'retorno em direção ao próprio eu' (Wendung gegen die eigene Person); (3) 'repressão' (Ver

drängung); (4) 'sublimação' (Sublimierung). Freud nos apresenta essas transformações da pulsão como 'modalidades de DEFESA (Abwehr) contra os instintos' (cf. 14, p. 147, grifo nosso).

→ No artigo sobre o inconsciente, este é descrito em seus aspectos topográfico, econômico e dinâmico. Aqui são discutidos os diferentes destinos dos afetos e das idéias nos processos defensivos, sendo retomada a questão dos movimentos pulsionais nestes mecanismos. Os processos defensivos, especificamente a 'repressão', nos são apresentados como u ma forma de NEGAÇÃO.

'(...) o que ela (a repressão) NEGA ã a apresentação é a TRADUÇÃO EM PALAVRAS que permanecerá LIGADA AO OBJETO. Uma apresentação que não seja posta em palavras, ou um ato psíquico que não seja hipercatexizado, permanece a partir de então no inconsciente em estado de repressão' (16 , p.230).

Em 'Luto e Melancolia', Freud relaciona a PERDA DO OBJETO com a FORMAÇÃO DO EGO, ampliando suas considerações sobre a importância do narcisismo e da auto-estima para a vida sexual e a estruturação do sujeito.

Nas 'Conferências', toda a psicanálise é mais uma vez revista por Freud.

Em 1920, inicia-se uma nova fase teórica, a segun

da tópica, onde nos é apresentada uma divisão, desta vez estrutural da mente, com os textos 'Além do Princípio do Prazer' (1920), 'Psicologia das Massas e Análise do Ego' (1920) e 'O Ego e o Id' (1923).

Em 'Mais Além ...', a noção de repetição ou 'compulsão à repetição' (Wiederholungszwang), que já havia sido mencionada em outros escritos, é desta vez desenvolvida como um conceito essencial para a teoria e prática psicanalíticas, ficando relacionada ao movimento pulsional e à formação e conservação da estrutura, e dando origem à postulação da existência de uma 'pulsão de morte' (Todestrieb).

Em 'Psicologia das Massas e Análise do Ego', o conceito de 'identificação' (Identifizierung) - o mecanismo da formação do ego - é esclarecido com a descrição do movimento identificatório em dependência do movimento pulsional nas relações transferenciais.

Com o texto 'O Ego e o Id' a segunda tópica é definitivamente apresentada. Surgem as estruturas psíquicas 'id' (Es), 'ego' (Ich) e 'superego' (Über-Ich), uma classificação de acordo com a origem, conteúdo e função de cada estrutura e suas inter-relações dependentes. Quanto ao id, Freud afirmou:

'Catexias instintuais que procuram a descarga - isto em nossa opinião, é tudo que existe no id' (28, p.95).

Em outras palavras, encontramos no id sua tendên
cia METONÍMICA, seus constantes deslissamentos.

O ego, em oposição, se distingue por sua tendên
cia METAFÓRICA, sua tendência a formar sínteses do seu con
teúdo, sua função de mediação na EVITAÇÃO DA ANGÚSTIA.

(cf. 33, p.98/100) Forma-se a partir do id em contato com
o mundo externo (os objetos), ou seja, apodera-se de par
tes do id modificadas pela influência do sistema PERCEPTI
VO, quando as catexias de objeto são SUBSTITUÍDAS por iden
tificações. (cf.28, p.42).

O superego (incluindo o ideal do ego) seria uma
parte 'REGULARMENTE' separada do ego com a função própria
de JULGAR e PUNIR, funções LEGAIS, as que PERMITEM ou PROIBEM -
"Pode!" ou NÃO pode! (linguagem BINÁRIA). Para Freud esta hipótese:

*'(...) realmente descreve uma relação es
trutural, e NÃO É MERAMENTE UMA PERSONI
FICAÇÃO DE ABSTRAÇÕES tais como a da
consciência' (cf. 33, p.84)*

Com a introdução desses conceitos, uma alteração
radical se impõe no método clínico freudiano. O foco do
'trabalho' (Arbeit) deixa de ser a análise das resistênci-
as - análise da transferência imaginária, para ser a análi-
se das repetições - análise da transferência enquanto REPE
TIDA NO REAL. O inconsciente NÃO RESISTE mais, ao contrá
rio, ele INSISTE (como o id) e se exprime pela compulsão
à repetição, expressão da pulsão de morte.

...

Contudo, a partir destas publicações da segunda tópica, o ego ganha um novo e inusitado destaque entre os seguidores da psicanálise, o que abre caminho para um deslocamento teórico: se ao nascer a psicanálise se propunha a ser uma ciência do inconsciente, agora, ela se encontra em risco de recair numa psicologia do ego.

A atitude de Freud frente às inovações e desvios de seus discípulos sempre foi muito rígida, mas, neste momento preciso, entra em cena um discípulo muito especial, sua filha Anna, legítima, mas não tão fiel, herdeira do trono psicanalítico. Sobre sua formação, sabemos que Anna não teve 'nenhuma formação científica', não chegando a completar o ginásio. 'Fez-se' professora de crianças pequenas e num certo momento, passa a desempenhar a função de secretária junto ao pai. Acompanha-o em suas aulas e conferências na universidade até que, a partir de pelo menos 1918, assiste a todas as reuniões da Sociedade Psicanalítica de Viena, sendo aceita como membro em 1922 com a apresentação de seu primeiro trabalho escrito 'Beating Phantasies and Day-Dreaming'. Em 1923, Anna inicia seu trabalho clínico atendendo unicamente crianças (cf. 55, 484).

Segundo as fontes consultadas, o seu trabalho sempre foi, desde o início, um trabalho que não seguia exatamente os moldes psicanalíticos. Era destinado à análise infantil e Anna cuida de 'adaptar a técnica clássica' aproveita

tando a sua experiência pedagógica. Sustentava que:

*'(...) antes de poderem aceitar as inter
pretações, as crianças precisam estabelece
er um relacionamento educativo com o te
rapeuta' (cf. id., p.493).*

Freud deixa isso - análise de crianças - o cargo da filha, que 'segue seu próprio caminho apesar do ceticismo pa
terno' (id.). Freud nunca recebeu crianças em seu consultó
rio para análise, e, do famoso caso 'Hanns', sabemos que a análise foi realizada por intermédio de seu pai, este sim, consultava Freud, e conversava com o filho. Sabemos também que Freud salientava sempre a não existência de uma pedago
gia analítica e nunca dava conselhos sobre como educar os fi
lhos. Isto era tão sabido que ninguém lhe ousava pedir tais conselhos. (cf. id., 494) No entanto, Anna insiste com sua pedagogia até conseguir enquadrar o ego num boletim escolar e classificá-lo de forte ou fraco, mas sempre cheio de arti
manhas e de recursos para enganar a professora. Tratava-se de decifrar-lhe as intenções e desmacará-lo.

Anna empenha-se em organizar o conceito de defesa classificando os diversos recursos de que o ego dispõe para resistir. E assim, abre caminho para muitos interessados na ressurreição do ego como Erikson, Hartmann, Lowenstein, e ou
tros, sendo enorme sua aceitação nos Estados Unidos.

Quando Freud completa oitenta anos, em 1936, Anna

publica 'O Ego e os Mecanismos de Defesa', onde tenta sistematizar o que já se conhecia por 'Psicologia do Ego'. Descreve dez tipos de defesa:

'A esses nove métodos de defesa que são muito conhecidos na prática e foram exaustivamente descritos nos trabalhos teóricos da psicanálise (regressão, repressão, formação de reação, isolamento, anulação, projeção, introjeção, inversão contra o eu e reversão) devemos acrescentar um décimo método, que pertence mais ao estudo da mente normal do que ao da neurose: a sublimação ou deslocamento dos anseios instintivos'.

(41, p.38).

Todos seriam mecanismos que o ego, observador e conciliador de tudo, utilizaria na defesa contra os ataques internos e externos. Mas não há lógica nem nenhum sentido nesta classificação que agrupa coisas diferentes sob o mesmo rótulo, e a mesma coisa sob rótulos diferentes - uma folia conceitual. As noções de ego e defesa, aqui, já não são mais freudianas, são ana-freudianas, uma formação reativa, um sintoma. Em lugar do Édipo Anna evoca um Messias.

É Jacques Lacan quem primeiro nos alertará para tal desvio:

'Este ego, que desde o início da descoberta freudiana, sempre foi considerado como sendo conflituoso, que, mesmo quando si

tuado como uma função com relação à realidade, nunca deixou de ser tido por algo que, tal como a realidade, se conquista num drama, e-lo de repente restituído para nós como um dado central' (47, p.19).

Não sabemos exatamente como Freud realmente se sentiu com relação a essas novidades. Idoso e já bastante doente, Freud parece deixar a cargo da filha a responsabilidade de dar seguimento a suas idéias: elogia-a brevemente no texto 'Análise Terminável e Interminável' de 1937, mas seus sentimentos ambivalentes com relação a essa nova arrumação teórica transpiram neste e em outros de seus últimos escritos. Freud não hesita em dizer, nesse texto de 1937:

'(...) "mecanismos de defesa". Nosso conhecimento deles ainda não é suficientemente completo'. (35, 268).

Antes da publicação do trabalho de Anna sobre as "defesas", em 1935, Freud já houvera recorrido, uma vez mais, à escrita, como testemunho de suas idéias e salvaguarda da psicanálise. A década de trinta é a época em que a psicanálise para a ser absorvida pelas mais diversas e antagônicas correntes do pensamento científico e filosófico. A psicologia do ego entra em franca expansão. Freud preocupa-se, é claro, e adiciona um 'Pós-Escrito' ao seu 'Estudo Autobiográfico' (Selbstdarstellung) de 1925. Aí confirma seus escritos anteriores — não há mais nada de novo, o fundamen

tal da psicanálise já está escrito. Nos diz que entre 1925 e 1935 dois escritos são importantes, 'Inibições, Sintomas e Angústia' (1926) e 'Fetichismo' (1927), como 'revisão' e 'explicação', mas que, na realidade, desde 1923 que não há mais contribuição teórica sua decisiva para a psicanálise. As suas últimas importantes hipóteses foram: em 1920, a postulação da pulsão de morte e o automatismo de repetição e, em 1923, a divisão estrutural do aparelho psíquico em id, ego e superego. E ainda neste 'Pós-Escrito' de 1935, encontramos uma afirmação curiosa de Freud, a sua preferência por seus primeiros interesses, por suas idéias originais:

'(...) interesses que eu adquirira num es
tágio mais avançado da minha vida ficaram
para trás, enquanto os mais antigos e ori
ginais se tornaram proeminentes mais uma
vez' (29 , p.89/90).

Até o 'Esboço de Psicanálise' (1938), a última tentativa de Freud de organizar teoricamente suas descobertas, não encontramos nenhuma classificação de mecanismos defensivivos, nem nenhuma conceituação de defesa ao menos semelhante à descrita por Anna Freud. Ele deixa intocada sua própria classificação de 1915 que está no artigo sobre as pulsões — não a re-afirma nem a refuta e, portanto, ela continua válida. E temos lá nesse artigo quatro modalidades de defesa: (1) reversão ao seu oposto, (2) retorno em direção ao próprio eu, (3) repressão e (4) sublimação.

Freud dedica-se a esse tema, defesa, infelizmente em pouquíssimas páginas, em outro de seus últimos escritos, também inacabado, 'A Divisão do Ego no Processo de Defesa' (1938). Enfim, o que Freud enfoca e destaca, com relação à defesa, é a DIVISÃO:

'Todo esse processo nos parece tão estranho porque tomamos por certa a NATUREZA sintética dos processos do ego. Quanto a isso, porém, estamos claramente EM FALTA. A FUNÇÃO SINTÉTICA, embora seja de importância extraordinária, está sujeita a condições particulares e exposta a um grande número de distúrbios'. (36, p.310, grifo nosso).

Freud, então, nos está dizendo que não existe uma natureza sintética nos processos do ego — quanto a isso estamos em FALTA — mas que ele, o ego, exerce uma função de síntese. O ego tem, portanto, suas funções, à primeira vista contraditórias: a função defensiva, um processo de divisão, e a função sintética, um processo unificante, metafórico, entre outras funções tais como a relacionada ao 'teste de realidade'. E, se o ego normalmente se encontra em situação de divisão, a função sintética se revela como uma tendência, apenas, à unificação — um eterno esforço, nunca realizável, puro MOVIMENTO, e a contradição desaparece.

E o que a psicologia do ego traz de novidade com relação à psicanálise já dita, então, ortodoxa? Muitas mu

danças teóricas e de objetivo clínico. Há uma nova re-classificação das defesas a que o ego recorre quando ameaçado , e, partindo-se da premissa de que todo mecanismo defensivo é patológico, com excessão da sublimação, resta eliminá-los. Tinha-se como objetivo não uma re-organização do ego, mas uma unificação já que a defesa, que provoca a divisão, desaparecia, extinguindo-se os conflitos. Bastaria para tanto interpretar a resistência verificada na relação transferencial. Com isso, desenvolvem-se os estudos sobre as relações objetais; a relação da criança com a mãe passa para o primeiro plano e a situação pré-edípica é re-descoberta. Aumentam os estudos sobre o desenvolvimento infantil. Entra em cena Melanie Klein.

Como Anna Freud, Melanie Klein também era professora de crianças e começa seu trabalho clínico praticando análise infantil. Melanie Klein era mais purista e não modifica a técnica analítica convertendo-a em prática pedagógica. Mas introduz o brinquedo nas sessões e utiliza rígidas interpretações simbólicas. Teoricamente sua contribuição principal, como de outros "pós"-freudianos, foi salientar a importância das etapas pré-edípicas do desenvolvimento. Estuda o relacionamento mãe e filho e classifica as diferentes posições do bebê com relação a seu objeto, mãe.

Até 1920, os analistas não consideravam psicanaliticamente importante as atividades da mãe. Freud houvera rejeitado os ensaios de Otto Rank e Jung neste sentido: em análise, a função mais importante é a função paterna, a LEI

do PAI. Melanie Klein, além de considerar o relacionamento com a mãe como o mais importante, postula um rudimento de ego desde o nascimento e formula a constituição da situação edípica aos seis meses de idade, quando já haveria um esboço de superego na criança.

Jean M. Palmier, em seu ensaio sobre Lacan, analisa as postulações de Anna Freud e Melanie Klein, e aponta um erro comum:

'Anna Freud, por exemplo, analisa longamente todos os mecanismos de defesa do ego, quer se trate do ego da criança ou do adulto, mas são muito raramente se interroga a respeito da sua constituição. O que é certo é que o ego que ela analisa é um ego já constituído e o problema dessa gênese do sujeito é rejeitado do seu horizonte de investigações. (...) Podemos, na realidade, fazer a Melanie Klein a mesma crítica que fizemos a Anna Freud: O eu é sempre considerado como constituído e não como se constituindo. (54, p.36)

Lentamente a psicanálise foi enveredando por caminhos que julgava-se ter ultrapassado há muito: retoma o modelo médico, que não difere muito do modelo pedagógico, reincorporando a noção de unidade e privilegiando a perspectiva evolutiva, e assim, vai deixando de ser psicanálise. Vários setores do conhecimento dela se apoderaram: a vertente socialista, a culturalista, a existencialista, et., e, como

consequência, verifica-se uma ploriferação desenfreada de diferentes tipos de "terapias de base analítica".

A partir disso, toda e qualquer discussão a respeito da psicanálise tem necessariamente que delimitar e distinguir de que se trata: da psicanálise de Freud ou dos produtos dos revisionismos adaptativos? As re-interpretações da obra de Freud foram tantas que já no início da década de cinquenta, Lacan precisa proclamar a necessidade urgente de se voltar aos textos freudianos. Na década seguinte, os representantes da Escola de Frankfurt assimilam a crítica lacaniana e se voltam a ler Freud. Althusser, em seu ensaio 'Freud e Lacan', pontua bem a dificuldade: todo aquele que deseja conhecer a psicanálise:

'(...) deve atravessar a custo de enormes esforços críticos e teóricos, o espaço imenso de preconceitos ideológicos que nos separa de Freud'. (1, 229).

. . .

Alfred Adler foi o primeiro discípulo a romper com Freud, em 1911, apresentando pontos de vista que se assemelham aos dos "pós"-freudianos. Adler considerava-se de formação socialista, e apresenta em 1909 um trabalho na Sociedade Psicanalítica de Viena no qual se empenha em salientar que toda a obra de Marx teria culminado na exigência de se fazer história (tanto coletiva quanto individual) conscien

temente. Aos poucos Adler substitui a 'consciência reprimida' da psicanálise pela 'consciência sociológica' e constrói sua 'Psicologia Individual'. Preocupando-se com a dimensão consciente, substitui o que é revolucionário na psicanálise — a determinação inconsciente — pelo "bom"-senso e Freud não lhe poupa críticas:

'Se uma pessoa professa acreditar em uma psicologia do 'bom-senso' e considera a psicanálise "artificial", seguramente essa pessoa não pode compreendê-la, porque é o bom-senso que produz todos os males que pretendemos curar'. (55,217).

Assim, em Adler, como em todas as psicologias orientadas para uma prática do "bom"-senso, são recusadas todas as 'inovações-complicações' freudianas como 'inconsciente', 'repressão', 'sexualidade infantil', 'libido', etc., em prol de uma maior 'utilidade' teórica e reconhecimento público. Freud nos diz:

'Adler jamais poderá reconhecer o valor dos fatos psicanalíticos porque o seu interesse está focalizado no ego e nos processos conscientes; a psicanálise, entretanto, apreende as questões tomando como base o inconsciente e a libido, que são ... os responsáveis pela neurose'. (id)

Cedo Freud percebeu como Adler se interessava de

mais pelo conceito de ego, e reconhecia que se tratava de 'um campo até agora bastante descurado da psicanálise', mas isso lhe parecia uma regressão na maneira de pensar os fatos psíquicos. Com sua psicologia Adler abre, curiosamente, caminho para uma 'ciência' do senso-comum que se aplicaria tanto às correntes socialistas quanto às correntes pragmáticas americanas. Seu objetivo: buscar meios de adaptação harmoniosa dos indivíduos à vida em comunidade. Toda proposta de Adler é baseada na importância do ajustamento, da educação correta, da orientação adequada:

'As influências educacionais que suavizam o caminho da criança tem uma importância de longo alcance aqui (...). Por outro lado, os erros na educação levam a tão frequentes desvantagens e sentimentos de desprazer que a criança buscará defesas (...). A necessidade de afeto torna-se a mala da educação. Um abraço, um beijo, um olhar amigável, uma palavra carinhosa são devem ser obtidos quando a criança se subordina ao educador no caminho da cultura. Seguem-se daí numerosas aplicações educacionais'. (citado por Jacoby, 43, p. 37).

Já em Adler a defesa era vista como algo indesejável e não constitutivo. A neurose se daria quando o 'sentimento de inferioridade' do homem não fosse compensado adequadamente pelo 'interesse social', e o neurótico seria um 'incapaz de se adaptar à sociedade'. Isso se daria não só com o neurótico, mas com todos os 'fracassados' aos quais

faltaria o 'sentimento de irmandade': psicóticos, criminosos, bêbados, crianças-problema, suicidas, pervertidos e prostitutas. (cf. id., p. 37/39) É a persistência de uma antiga tradição.

Em 1931, Adler chega a escrever que Freud havia se 'esquecido', ora, da 'unidade da personalidade' (cf. 55, p.) Adler volta-se ao antagonismo 'indivíduo' versus 'sociedade', esquecendo-se, ele, que é justamente esse antagonismo, assim colocado, e essas noções, que Freud desfaz quando aponta para a determinação inconsciente do desejo (cf. Introdução dos Sonhos) e para a indefinição dos limites das fronteiras do ego (cf. O Mal-Estar na Cultura, Esboço, e outros). E ainda, Freud percebe que tanto as culturas quanto os homens individualmente, vivem dos mitos que dizem respeito às suas histórias. Percebe que o homem tem necessidade de responder às experiências em termos de SÍMBOLOS consagrados, partilhados, partilháveis, discursíveis.

Estudando a internalização e sedimentação de diferentes discursos — sempre impostos — no psiquismo humano, Freud faz cair a noção de 'indivíduo', inviolado, uma 'unidade' fechada em si mesma e à qual faltariam ou não de terminados 'sentimentos' e mostra, ao contrário, a dependência de todos a uma determinação externa que lhes é anterior e imperativa — a determinação simbólica.

Respondendo a uma indagação de Ernest Jones sobre a verdadeira fonte histórica da repressão, Freud escreve:

'(...) toda barreira interna de repress
ão é o resultado histórico de uma obstru
ção externa. Isto é: a oposição é incor
porada internamente (*Verinnerlichung der*
Widerstände) ; a história da humanidade
está depositada nas atuais tendências ina
tas à repressão'. (citado por JONES, 44 ,
p. 445).

Com 'Psicologia das Massas e Análise do Ego' (1920)
e a descoberta do mecanismo de formação do ego , IDENTIFICA
ÇÃO, Freud equaciona a análise individual à análise social.
E assim, concebe-se como a própria noção de narcisismo, ener
gia voltada para si mesmo e não para os outros, estaria im
plantada em toda organização simbólico-cultural ao mesmo
tempo que na própria estrutura do sujeito. São as necessida
des da estrutura psíquica sendo supridas e sustentadas pelo
repertório discursivo de imagens escolhidas culturalmente.
Sem narcisismo não há ego — o reflexo e a miragem de uma
perpétua competição de identificações, puro movimento de
imagens narcísicas. O sujeito freudiano é esse sujeito que
tem que dar conta da sedução de apelos divergentes e, en
tres eles, afirmar uma posição.

. . .

A negação teórica dos 'psicanalistas' do ego é ini
ciada por Adler e duramente repelida por Freud, mas retorna
ria 25 anos depois com Anna Freud, iniciando-se uma nova fa

se: a dissidência, agora, brota literalmente do seio do movimento psicanalítico e Freud não a esclarece nem a rejeita suficientemente, e assim ela se expande. Daí por diante, praticamente quase toda psicanálise se perde e há que lhe ser feito um resgate. O conflito identificatório é substituído por noções como 'adaptação' na década de trinta, época suspeita, como já vimos, de re-valorização do ego. E na década de quarenta, a própria noção de 'adaptação' cede a vez para a noção de 'subjetividade' — uma subjetividade contida num invólucro fechado de um ser-em-si-mesmo. Surgem novos ideais, novos mitos, que se transformariam, talvez, na mais severa exigência feita ao homem em toda a sua história, a maior crueldade deste século, suas ideologias. Entram em circulação temas existenciais como 'self verdadeiro', 'personalidade', 'atualização', 'autenticidade', 'autonomia', 'independência', e outros.

Com Carl Rogers (1940), a filosofia existencialista é incorporada pela psicologia e psicanálise americanas, favorecendo o surgimento de nomes como Allport, Fromm, May, Maslow, todos dedicados à questão do ser humano, do 'tornar-se' (becoming) humano, predizendo com seus ideais, a natureza deste ser, o que seria legitimamente do homem. Segundo Rogers, os indivíduos estariam se voltando para o mundo psicológico 'à procura de um maior grau de autenticidade e realização', e CRIA, com essa afirmação, a sensação subjetiva dessa necessidade nos seus leitores e ouvintes. A mistificação do conflito, do real, acabou tendo como resul

tado a transformação dos ideais de 'autenticidade' e 'realização' à condição de uma mercadoria, entre outras, imposta pelos agentes sanitários.

Com a introdução da nova dimensão da subjetividade psicológica, devolve-se ao louco a sua culpa. A doença mental passa a ser revista como um 'desvio no padrão humano' (Allport), re-marcando-se bem a distinção entre os profanadores e os não profanadores da sanidade psíquica: categoriza-se e legitima-se, "cientificamente", as dores humanas. As excluídas desta classificação não são consideradas 'autênticas'. Assevera-se que o sujeito só, abandonado, pode 'tornar-se', 'amar', 'ser'. A liberdade de escolha, o livre-arbítrio é re-proclamada possível com o recurso da espiritualização (vide Rollo May). As mercadorias em oferta são "valores" e "metas", os mais nobres e virtuosos de todo mercado. E como apareceram consumidores, ávidos de autoridade, carentes de liderança!

E as consequências dessas intervenções terapêuticas? Desastrosas, nos diz Lacan, e podemos comprová-lo a todo momento na prática clínica: "valores" autorizados e desautorizados por higienistas mentais que se oferecem como um modelo ideal para identificação; destituições psicológicas, fruto de legitimações de maneiras de sentir, pensar, falar e agir como se o que a intervenção clínica tivesse a oferecer se fundamentasse numa Weltanschauung, visão do mundo, indiscutível.

Em 1932, Freud escreve as 'Novas Conferências In trudutórias' , e dedica a última delas à questão da possibi lidade da psicanálise criar uma Weltanschauung por si mes ma. Poderia a psicanálise proporcionar um tipo de conforto aos homens semelhante aos sistemas religiosos ou filosófi cos que se caracterizam por oferecerem poderosas sínteses explicativas da vida, sedutoras verdades? Não, nos diz Freud.

'A psicanálise não precisa de uma Weltans chauung ; faz parte da ciência e pode ade rir à Weltanschauung científica que difi cilmente merece esse nome, pois não é ca paz de abranger TUDO, é muito incompleta e não pretende ser auto-suficiente e cons truir sistemas'. (34, p. 219)

Freud aponta os traços negativos da ciência para esses fins: a 'submissão à verdade, de pretensões universa is' e a 'rejeição às ilusões' de que os homens tanto ne cessitam (id.). A ética psicanalítica encontra nesse ponto a sua QUESTÃO: terá que apoiar-se numa teoria que, justo por ser científica, é, por definição, incompleta. Aqui, ela apreende a FALTA e a transforma em ÉTICA.

O desvio teórico da psicologia do ego é um exemplo bruto, indisfarçado, de um desvio mais perigoso, camuflado, e que ainda ocorre em nossos dias em muitas instituições psicanalíticas. E seria muita pretensão não nos imagi narmos todos contaminados pelas imagens distorcidas da prá

tica analítica que já circularam ou ainda circulam nas suas mais variadas formas imaginárias. Buscamos sínteses teóricas, aparamos arestas e tendemos a formar nossas visões de mundo particulares, e, na verdade, isso não se pode dar de outro modo, precisamos de nossas visões de mundo para atuarmos no mundo. Só não podemos é acreditar que o que nossos analisandos esperam de nós seja que lhes emprestemos nossos olhos ou que lhe façamos engolir nossas imagens, e que, a qualquer sinal de indigestão, possamos evocar os efeitos da resistência.

Lacan observa uma obstinação nos psicanalistas em qualificar de emocional a natureza da resistência, considerando-a, com isso, estranha ao discurso, que, como tal, dela depende. À semelhança dos psicólogos do ego, esses psicanalistas,

'(...) dão a impressão de saber tanto quanto eles, os doentes, o que se DEVE PENSAR disso (...). É que não convém que esses miseráveis nos mantenham sem fôlego propondo-nos enigmas que se revelam extremamente maliciosos'. (51, p. 252).

Freud é bastante claro por toda a sua obra quanto ao desastre que as ambições terapêuticas do clínico podem provocar num processo de cura analítico. A prática analítica independe de uma visão de mundo particular, e seu objetivo clínico não fica assim prejudicado.

'Todo semelhante nosso que está insatisfeito com essa situação, que exige mais do que isso para seu consolo momentâneo, haverá de procurá-lo onde o possa encontrar. Não o levaremos a mal, não podemos ajudá-lo, mas nem por causa disso pensar de modo diferente' (FREUD, 34, p.220).

2. 'DE SCIENTIFICITATE NON DISPUTANDUM'

O estatuto de cientificidade da teoria psicanalítica é objeto de controvérsias que exaltam os ânimos nos debates ainda nos nossos dias. A teoria e o método freudianos — este, esplendidamente exposto na introdução do texto 'A Pulsão e suas Vicissitudes' de 1915, refletindo as consequências de suas próprias articulações teóricas — vêm sendo acusados de portarem uma fraqueza epistemológica que lhes impede o acesso à categoria do científico. A razão principal desta fraqueza estaria no caráter evanescente de seu objeto. Como dar conta deste objeto, O INCONSCIENTE? Que teoria da verdade lhe supriria as bases de uma sustentação epistemológica?

Essas questões vêm se ampliando com o questionamento da legitimidade dos próprios critérios de cientificidade de uma teoria. Se discutimos a questão da psicanálise ser uma ciência ou uma pseudo-ciência, que critérios usaremos para estabelecer tal demarcação?

Tratando exatamente desta questão, em 'Une Ilusion de Grand Avenir', Jacques Bouveresse (1976) nos adversi

te que,

'Segundo uma idéia muito difundida hoje em certos meios epistemológicos franceses, cada ciência possui seu próprio tipo, historicamente constituído, de cientificidade, isto é, (se bem o compreendo) , tem uma maneira inédita e imprevisível de ser científica, que não se parece a de nenhuma outra'. (2, p. 305)

Segundo Bouveresse, que a psicanálise seja ou não uma ciência não tem importância pois ela não tem necessidade de ser uma ciência para ser importante (id.). Já para outros, como Rudolf Carnap, os conceitos mais fundamentais da teoria de Freud — inconsciente, repetição, pulsão e transferência — devem ser tratados como conceitos hipotéticos (é nessa forma hipotética que Freud, na realidade, os apresenta a público), e assim essa teoria poderia ser tratada a priori como uma ciência, ao menos em potencial (cf. id, p. 294). Ambos não deixam de ter razão.

Com Lacan, a fecundidade dessa discussão está em levar-nos a questionar frente às Teorias do Conhecimento, a relação existente entre o SABER e a VERDADE, relação esta que se caracteriza principalmente por sua IMPOSSIBILIDADE — o saber nunca vai poder recobrir a verdade TODA ; e sua TRANSITORIEDADE — o saber é sempre PROVISÓRIO. O que não significa que, por isso, se deva abandonar uma teoria à primeira dificuldade que apresente, senão que, inversamen

te, o rigor de qualquer teoria há que ser buscado e prese
vado a qualquer preço, o tempo todo.

Na busca deste rigor para a psicanálise e apoiado na lógica formal ou lógica matemática (lógica tradicionalmente própria do método científico), Lacan extrai dos escritos freudianos os axiomas e teoremas que articulam os con
ceitos psicanalíticos fundamentais, criando, a partir daí, suas articulações. Para tanto, foi necessário que não ti
vesse dado pouca importância ao rigor dos próprios escritos de Freud. Por exemplo, referindo-se ao texto 'Die Verneinung' ('A Negativa', de 1925), Lacan nos fala sobre como ele deve ser analisado e estudado.

*'Esse escrito manifesta uma vez mais o va
lor fundamental de todos os escritos de Freud. Cada palavra merece ser medida por sua incidência precisa, seu acento, sua vez particular, merece ser inserida na mais rigorosa análise lógica'. (46, p.70).*

Com essa indicação de como deve ser feita a análi
se de um texto, Lacan nos mostra a própria concepção freudiana a respeito do método psicanalítico: a análise do dis
curso, do texto, da escritura. E, criticando a análise teórica dos discípulos de Freud, Lacan faz a denúncia de como uma apreensão errônea da teoria psicanalítica e dos objeti
vos clínicos se produz e se reverte numa má interpretação dos textos freudianos:

'É nisso que se diferencia dos mesmos termos agrupados mais ou menos vagamente por discípulos, para quem a apreensão dos problemas foi de segunda mão, se é que se pode dizer, e nunca plenamente elaborada, donde resulta essa degradação da teoria analítica que se manifesta incessantemente nas suas hesitações'. (id., p.70).

À parte as questões de cientificidade, podemos dizer que Freud funda uma ciência nova ao delimitar um novo objeto de estudo: O INCONSCIENTE e suas LEIS. Segundo Lacan, '(...) as consequências da descoberta do inconsciente não foram ainda nem mesmo entrevistadas na teoria (...) ' (cf. 52, p.265), e isso nos instiga ainda mais a nos esforçarmos no estudo e pesquisa da obra freudiana, em busca de uma melhor apreensão e alcance do fenômeno. Esse objeto novo que provocou tamanha mudança no estatuto do que é propriamente humano ainda enfrenta mal-entendidos nas suas delimitações e contornos, o que dirá de suas consequências ...

Freud pensou sua descoberta e sua prática dentro de conceitos importados, tomados de empréstimo a outras ciências de sua época, como a Física Energética e a Biologia, até que pudesse desenvolver os conceitos por seus meios próprios. Mas, neste empréstimo, a escolha não foi aleatôria, devendo os termos freudianos ser considerados até suas últimas consequências de significação.

Seguindo a orientação lacaniana, nosso recurso para estudo da psicanálise é o texto freudiano.

(...) pois eu não era mais uma criança que não falava, mas um menino falante. Lembro-me disso, e desde então venho observando como aprendi a falar. Não eram os mais velhos que me ensinavam palavras (...) num sistema metódico; mas eu mesmo, ansioso por expressar meus pensamentos por meio de gritos e pronúncia imperfeita e por vários movimentos dos meus lábios, eu que já tinha minha vontade mas ainda era incapaz de exprimir tudo o que eu queria, ou a quem eu queria, eu mesmo (...) fixava na memória os sons (...). E assim, ouvindo constantemente palavras, à medida que ocorriam nas várias frases, eu ia aos poucos compreendendo seu sentído; e, havendo rompido meus lábios a esses signos, eu ia enunciando. Assim, passei a transmitir aos meus circunstantes os signos de expressão de nossa vontade e assim lancei-me mais profundamente na tempestuosa sociedade da vida humana (...)

SANTO AGOSTINHO

'CONFISSÕES'

II - O SUJEITO FREUDIANO

1. O APARELHO PSÍQUICO: A LINGUAGEM

No Capítulo VII da 'Interpretação dos Sonhos', Freud descreve um modelo de aparelho psíquico e suas leis de funcionamento. Isto, como já ressaltamos, com hipóteses construídas a partir da produção discursiva de seus pacientes. Observa que os entraves dos mecanismos desse aparelho, seus sintomas, neuróticos e psicóticos, se produzem e reproduzem nos entraves do discurso e da própria linguagem. Percebe que a matéria-prima da estrutura desse aparelho é a própria matéria-prima da linguagem, a palavra. Estuda, então, as relações conflitantes do homem com sua matéria-prima, sua palavra, seu discurso. O que o homem faz com os discursos que se impõem à sua audição? Como eles, esses discursos, se armazenam na memória? Como o homem se defende e produz um discurso? Como se dão as afasias? Em resposta a questões deste teor, Freud constrói o modelo de um aparelho capaz de desempenhar essas funções: de percepção de estímulos (internos e externos), de memória, de desejo, de defesa, produção discursiva, entre outras.

O aparelho nos é apresentado como um instrumento composto de 'instâncias' ou 'sistemas', cada qual com suas características próprias. Para ilustrar essa tópica, Freud se utiliza da imagem de um instrumento ótico - 'um microscópio composto' - um instrumento que reproduz as ima

gens dos objetos modificando suas dimensões, alterando as distâncias, evocando presenças.

Essa imagem de Freud chama nossa atenção para uma das principais características desse aparelho que é a sua capacidade de falsear o real, anulá-lo até, criando imagens por conta própria.

Esse aparelho, nos diz Freud, deve ser construído como um ARCO-REFLEXO, Reflexapparat, havendo dois polos, o perceptivo e o motor.

'[...] toda atividade psíquica inicia-se a partir de estímulos [internos e externos] e termina em enervações [descarga] [...] (6, p. 573).

O desejo percorre o aparelho a partir de uma estimulação no pólo perceptivo, encaminhando-se em direção ao pólo motor. Na impossibilidade de uma ação motora, ou de uma realização simbólica do desejo, este faz um movimento de retorno em direção ao pólo perceptivo, ativando-o, categorizando-o, fabricando a alucinação do desejo. A isto Freud dá o nome de regressão tópica ou retrogressão, e seus efeitos se reproduziram nos sonhos, nas fantasias, nos sintomas, nos discursos.

No estado de vigília, uma estimulação contínua, externa, no pólo perceptivo, não permitiria essa regressão, devido à própria força do fluxo da excitação que im

pediria o re-fluxo. No estado de sono, pela cessação quase total da estimulação externa, a força do fluxo não é de todo interrompida, mas não é mais suficiente para impedir o refluxo, a retrogressão, e a atividade alucinatória que caracteriza o sonho.

A princípio, este modelo parece, como pareceu a Freud, insuficiente para explicar a psicose, situação em que, mesmo na vigília, o fluxo da excitação devida à estimulação externa não é suficiente para impedir o fenômeno alucinatório e delirante. Dizemos a princípio, porque a psicose envolve uma perturbação tal na atividade perceptiva que, mesmo na vigília, continua faltando estimulação, e desse modo o modelo do fluxo-refluxo permaneceria aplicável. Por outro lado, a estimulação externa depende da existência do desejo de um outro, ou seja, se este aparelho funciona como um arco-reflexo, não será no isolamento que ele poderá se desenvolver e se estruturar.

De qualquer forma, o conceito de regressão nos leva de volta a idéia de que a imaginarização do homem não conhece limites, é preciso barrá-la. E o que vem barrar, impedir uma produção alucinada de imagem é a Ordem Simbólica que impõe censuras à imaginação des-regrada — a que 'prolifera no escuro' — através de suas regras precisas de articulações lógicas: as leis gramaticais, leis sintáticas e semânticas, leis associativas, que possibilitam a simbolização do desejo e permite a troca de palavras, o discurso, a fala.

Partindo dessas duas características do aparelho psíquico descritas por Freud, sua capacidade de falsear o real — sua função imaginária, e sua capacidade de simbolizar (representar) este real — sua função simbólica, J. Lacan formula essa tópica em termos próprios, distinguindo três diferentes tipos de registros neste aparelho: (1) o registro do Real, o registro do impossível, do indizível, do que resiste a uma significação, e ao mesmo tempo, é o que insiste, o que está sempre aí; (2) o registro do Imaginário, que não conhece limitações e falseia o real — o 'domínio da erotização do objeto' (3) o registro do Simbólico, aquele que substitui a impossibilidade de se dizer o real por um símbolo que legitimamente o representa — o 'registro aberto à neutralidade da ordem do conhecimento humano'. (48, p. 203)

Esses registros, já existentes em Freud, embora não exatamente assim formulados, ilustram, na questão freudiana o compromisso do sujeito no processamento do real, a sua resistência. Isto nos leva a concluir que as dificuldades que se apresentam ao sujeito se localizam nas articulações do simbólico e do imaginário neste processamento. É a questão psicanalítica: como esses três registros se articulam? Como acontece existirem estruturas onde o imaginário, o simbólico ou o real, um deles, domina a função?

. . . .

Freud nos alerta que o importante nesta sua tópica, não é a discriminação de territórios, lugares, muito embora, nos diz,

'[...] os 'sistemas' até possam guardar uma relação espacial regular uns com os outros' (6, p. 573).

O importante é que essa tópica aponta para um SENTIDO ou DIREÇÃO que os estímulos percorrem no aparelho — os DESEJOS — podendo haver uma 'ordem fixa' de passagem da excitação que seria estabelecida por uma seqüência no TEMPO. Das percepções que 'colidem' com o aparelho restariam traços de memória ocasionando modificações permanentes nos elementos do sistema. (cf. 6, p. 573).

Daí surgem as primeiras regras ou leis de associação que se fundamentam nos sistemas mnêmicos e seus diferentes tipos de registros. A primeira delas nos diz que os laços associativos obedecem, antes de tudo, a uma seqüência temporal, à simultaneidade no tempo. Em segundo lugar, são registradas as relações de similaridade. E ainda outras 'coincidências'. A memória humana é vista, então, como um arquivo, uma biblioteca organizada por temas-índices onde uma só percepção é arquivada em diferentes tipos de registros permanentes. Os elementos desse sistema guardariam entre si relações de facilitação ou resistência à associação segundo essas leis do acaso, formando-se sé

ries de imagens e idéias inter-cambiáveis ou não umas com as outras. (cf. id., p. 575).

No texto 'O Simbólico, o Imaginário e o Real' Lacan chama nossa atenção para o fator TEMPO na constituição humana, observando que,

'O problema da constituição temporal da ação humana é absolutamente inseparável da relação do simbólico e do imaginário.'
(45, p. 23).

Na carta 52 à Fliess (de 06.12.1896), Freud já havia esboçado uma idéia do aparelho psíquico como um aparelho formado por uma espécie de estratificação, onde a memória não se formaria e transformaria homogeneamente, numa linha evolutiva contínua, ou seja, cronologicamente, havendo rupturas entre as séries associativas:

'[...] o material presente em forma de traços de memória estaria sujeito, de tempos em tempos, a um re-arranjo segundo novas circunstâncias - a uma re-transcrição. [...] Cada transcrição subsequente inibe a anterior e lhe retira o processo de excitação [...] Se falta uma transcrição subsequente, a excitação é manejada segundo as leis psicológicas vigentes no período anterior. [...] persiste um anacronismo.' (39, p. 319).

E, se todo ato psíquico deve ser visto como um arco-reflexo, temos as funções psíquicas—percepção, memória, pensamento, juízo, discurso — como processamentos de estímulos com o objetivo de viabilizar uma ação motora — o próprio pensamento, a fala — que reorganiza o sistema que é perturbado a cada re-intromissão de novos estímulos, novos desejos. Esta reorganização demanda um certo tempo, e neste tempo particular reencontramos a questão dos três registros. O que fica perturbado no sistema é a conjunção (interseção) do símbolo e do imaginário no processamento do real. Para regular tal perturbação, há, no aparelho, um princípio homeostático, que tenta dar conta da preservação deste aparelho neste processamento, regulando as descargas livres, imaginárias — o 'princípio do prazer-desprazer', que se desdobra no 'princípio da realidade', e que contrapõem a alucinação e o delírio à simbolização. Trata-se da dificuldade do sujeito de articular desejo e castração. (cf. 47, p. 83)

Lembramos que, em mais de um lugar em sua obra, Freud pensa na 'produção' da consciência como uma 'tarefa motora', um ato, que exige um certo tempo. A atividade do pensamento, o ato da fala, o discurso, exigem um tempo. E ainda, para Freud, a própria noção de tempo adiviria da maneira pela qual os estímulos são processados no aparelho.

'[...] o modo de ação do sistema perceptual é o que dá origem à idéia de tempo.'
(33, p. 98).

Segundo Freud, a simbolização só se dá a posteriori, ('aprés-coup'): há um período de latência do conceito, da idéia, no sentido de que o conceito é o tempo da perturbação homeostática do sistema.

O sistema consciente, estaria, então, relacionado às tarefas perceptivas e motoras e não conteria laços associativos nem reteria impressões. Sua necessidade de permanecer constantemente aberto a novas impressões o impossibilitaria disso, e esta é a razão de sua diferenciação dos outros sistemas, os sistemas mnêmicos, as bases de toda associação.

Entretanto, quanto à sua tarefa de percepção de estímulos do real, o sujeito da consciência, para Freud, é limitado por contingências constitutivas próprias, como a exemplo da insuficiência dos órgãos do sentido. O que fica prejudicado é mesmo o sentido, o desejo. Da mesma insuficiência sofreria o sujeito na percepção tanto dos estímulos externos quanto dos estímulos internos.

Os sistemas pré-consciente e inconsciente são os sistemas mnêmicos e se diferenciam pelos tipos de representação que suportam e pelas possibilidades associativas que sustentam.

O sistema inconsciente postaria 'representações de coisas' - imagens e discursos associados segundo as relações de simultaneidade e similaridade, sendo regidos

pelos chamados processos psíquicos primários. Nestes, as energias (catexias) se encontram livres, soltas, sem vinculação verbal, deslisantes; buscam a realização de uma ação motora. É o pólo metonímico do aparelho, a sede do princípio do prazer, lugar do desejo, da enunciação, do ato.

No sistema pré-consciente existiriam as 'representações de palavra', capazes de, ligadas às representações de coisas, fornecer novas possibilidades associativas segundo as categorias lógicas do pensamento - categorias de tempo, espaço, gênero, número, causa, etc. - e inclusas nas regras e leis sintáticas da linguagem e obrigatórias a todos os falantes de uma mesma língua. Estes seriam os chamados processos psíquicos secundários, onde a energia é quiescente, encontrando-se ligada a um símbolo, uma palavra que a representa (catexia verbal). Aqui, temos o pólo metafórico do aparelho, a sede do princípio da realidade, lugar do enunciado, da inércia.

Para Freud, o sistema pré-consciente é o sistema que 'detém a chave do movimento voluntário' (cf. 6., p. 557). Ele fornece as vinculações verbais, uma sintaxe e uma semântica. É o sistema que nomeia, hierarquiza, compara, estabelece relações, adjetiviza, classifica, censura, aguarda e modifica os critérios associativos do outro sistema, o inconsciente, para que seus conteúdos possam apresentar-se ao sistema consciente de forma não só aceitá

vel como também, e principalmente, perceptível. Para Freud, o terceiro sistema, o inconsciente,

'[...] não tem acesso à consciência exceto por via do prē-consciente, na passagem através do qual seu processo excitatório é obrigado a submeter-se a modificações.' [id.]

Em outras palavras, os conteúdos do sistema inconsciente dependem de uma TRADUÇÃO em palavras, uma NOMEAÇÃO, segundo as leis da linguagem para poderem, de forma condensada, metafórica, simbolizada, apresentarem-se à consciência (onde não cabe muita coisa de uma vez só) e serem, assim, percebidos, reconhecidos enquanto símbolo, aceitos ou não aceitos, e comunicados.

Nas palavras de Freud,

'O papel desempenhado pelas representações verbais se torna agora perfeitamente claro. Através de sua interposição, os processos internos de pensamento são transformados em percepções. É como uma demonstração do teorema de que todo conhecimento tem origem na percepção externa. Quando uma hipercatexia [catexia verbal] do processo de pensamento se efetua, os pensamentos são realmente percebidos - como se proviessem de fora - e, consequentemente, são considerados verdadeiros.' (28, p. 36/37).

Não devemos nos esquecer que os símbolos — imagens escolhidas culturalmente — realmente provêm de fora. O discurso que o sujeito tem gravado em sua memória é o discurso que se impõe à sua audição. São os estímulos que 'colidem' com o aparelho: discursos Outros.

Os conteúdos do sistema inconsciente, os desejos inconscientes, fruto das marcas e inscrições da primeira infância, buscam, antes de tudo, realização. Essa realização visa a re-aparição de uma percepção relacionada às primeiras experiências de satisfação. E é a partir do desejo (catexias) que o real é percebido, caindo constantemente em risco de ser alucinado. A compulsão associativa que impele à satisfação alucinada do desejo só é interrompida com sua simbolização, quando, desta forma, o desejo tem sua chance de reconhecimento.

Para tanto, necessita-se da tradução realizada pelo sistema pré-consciente, e, com isso, os desejos sofrem dois tipos de transformação:

(1) NO POLO METONÍMICO: o 'deslocamento' ou 'transferência' de valor psíquico que possibilita a tradução ou representabilidade do desejo por meio de 'formações simbólicas' (cf. FREUD, 6, p. 463) e que serve à função da censura e disfarce do desejo (cf, id., p. 714).

(2) NO POLO METAFÓRICO: a 'condensação' que revela a fun

ção sintética que se processa através de vários deslocamentos onde muitos conteúdos diferentes são substituídos por um elemento comum a todos. Este elemento comum perde seu significado próprio, combinando vários outros significados (cf. 6, p. 324), conseguindo, com isso, condições de representabilidade do desejo, ou seja, condições de defesa.

No inconsciente, encontramos os desejos não realizados e que insistem na busca de realização; no pré-consciente, encontramos suas condições de representabilidade e realização. (cf. FREUD, 20, p. 330).

Desse modo, Freud equipara sonhos, sintomas e atos falhos. Todos seriam atos psíquicos que, como quaisquer outros produtos e comunicações do sujeito, seriam causados por um desejo inconsciente, logo, possuiriam um sentido ← a direção desse desejo. Esses atos, sonhos, sintomas ou lapsos de linguagem se apresentariam como 'atos substitutos de algo que não aconteceu' (cf. id.), e que, justo por isso, insiste em acontecer. O sentido desses atos se revela na própria estrutura de cada ato, que aponta, sempre, a direção de um desejo.

Temos, em Freud, a seguinte definição de desejo:

'Uma corrente deste tipo no aparelho, começando do desprazer e visando o prazer foi por nós denominada 'desejo' e

afirmamos que somente um desejo é capaz de colocar o aparelho em movimento e que o curso da excitação nele é automaticamente regulado por sentimentos de prazer e desprazer. O primeiro desejo parece ter sido uma catexia alucinatória da lembrança de satisfação.' (6, p. 636/637, grifo nosso).

O desejo humano porta essa característica tão especial que é o fato dele, na realidade, ser irrealizável, a não ser através de satisfações substitutas, simbólicas, ou então, alucinatoriamente. O desejo humano é o desejo pelo objeto já perdido, e que se constitui, principalmente, por este seu caráter de ausência. O objeto do desejo perde, assim, sua realidade empírica e adquire seu estatuto simbólico (transferencial), surgindo, desse modo, um novo conceito de verdade para o homem: a verdade psíquica de cada um, sustentada por sua verdade histórica particular simbolizada.

As comunicações do sujeito, o seu discurso, a sua fala, são expressões desses desejos de forma simbolizada. Mas nenhuma forma simbólica é satisfatória, portanto, permanente. O movimento desejante, aliado aos movimentos pulsionais, exigem sucessivos deslocamentos. A passagem do tempo, a mudança da situação presente, exige constantes re-significações, novas condensações. Quando, mesmo com a passagem de muito tempo, um determinado acontecimento psíquico não sofre alteração na sua tradução, permanecendo

simbolizado de forma inalterada de acordo com um período anterior, a simbolização, a defesa, deixa de ser eficiente. A partir disso, a tradução do desejo, que indicaria a existência de uma nova fase, está inibida e o movimento desejante interrompido, porque está preso exclusivamente a uma representação específica não mais re-encontrável no real-externo.

No 'Projeto', buscando definir o que poderia ser uma defesa patológica, Freud afirma:

'É, portanto, a formação simbólica desse tipo estável que constitui a função que excede a defesa normal.' (vol. I., p. 463).

Como Freud coloca na carta 52: persiste uma anacronismo. Uma defesa que já foi útil, que já serviu, mas que agora já não serve mais e mesmo assim persiste de forma inalterada na sua primeira versão: um registro do imaginário, um registro do tempo passado. O tempo presente é uma função do registro do simbólico, função de atualização e realização.

Que os conteúdos sejam representados simbolicamente (deslocados), é a condição própria da representabilidade de todo material psíquico, e é assim, sempre, que ele se apresenta — como símbolo da coisa. Que este símbolo, uma palavra, contenha em si a possibilidade de re

presentar várias coisas ao mesmo tempo, com toda ambiguidade que isto implica, é também a característica própria da linguagem humana (vide a característica antitética das palavras primitivas). Enfim, o que a experiência psicanalítica descobre no inconsciente é a própria estrutura da linguagem, literalmente falando. O aparelho psíquico freudiano não pressupõe uma linguagem específica, diferente da linguagem comum. Na estrutura deste aparelho, é a própria estrutura da linguagem que condiciona as diferentes maneiras de pensar possíveis, que delas se serve, por diferentes meios, para atingir diferentes fins, segundo sua própria possibilidade estrutural de regulação homeostática.

É, em todas as maneiras possíveis de pensar, os elementos e mecanismos em jogo são os mesmos, os propriamente linguísticos: os elementos e mecanismos do SIGNIFICANTE em sua função de TRANSFERÊNCIA. E todos os transtornos do aparelho (da neurose à psicose) Freud descreve como transtornos da relação do sujeito com a estrutura significante: a palavra é seu alimento e seu dom.

É com essa descoberta que Freud inaugura a psicanálise na 'Interpretação dos Sonhos', onde toda essa trama de linguagem é descrita, caracterizando o que é próprio do símbolo, Verschlungeneit, sua propriedade de entre-cruzamento.

(...) cada elemento do conteúdo do so
nho é 'supradeterminado' pelo materi
al dos pensamentos oníricos; não se
origina de um único elemento desses
pensamentos, mas pode ter sua origem
remontada a todo um número deles (...)
Tal como as conexões levam de cada
elemento do sonho a diversos pensamen
tos oníricos, assim, em regra, um pen
samento onírico isolado é representa-
do por mais de um elemento onírico;
os fios da associação não convergem
simplesmente dos pensamentos oníricos
para o conteúdo do sonho, mas crúzam-
se e se entrelaçam uns com os ou
tros muitas vezes no curso de sua jor
nada'. (vol. V., p. 691, 692).

A elaboração psíquica e suas associações estão
sujeitas às leis linguísticas. Essa trama associativa des-
crevendo pluralidades e plurideterminações revela a cate-
goria do simbólico tal como esta se manifesta em toda lin
guagem corrente, em todo discurso.

Vejamos as categorias linguísticas a partir do
texto 'O Simbólico' de Guy Rosolato. Aí podemos ver a
topologia fundamental da linguagem.

O simbólico é uma decorrência do símbolo, sua fun-
ção em estado puro, uma lei. Rosaldo assim o descreve:

!Escondendo-se por trás daquilo que
dissimula, místico e secreto, o símbo

lo frisa o ínfimo, a ponto de denominarmos "simbólico" para entender aquilo que não existe mais, gesto simbólico que é senão isto, apenas indicativo da lembrança de um traço. (...) O símbolo é este sinal transmutato, reduzido ao simbólico, e preso em uma rede de relações entre significantes e significados, eles próprios, por esta razão, plurivalentes. Isto trás como consequência que o simbólico não leva em conta "coisa alguma", não representa mais nada.') (56, p. 112, tradução nossa, grifos e aspas do autor).

Em consequência,

'Esta plurivalência comporta, conjuntamente para um significante, a correspondência de vários significados e, ao inverso, por um destes significados quaisquer vários significantes." (id).

A essa plurivalência implicada pelo símbolo, se contrapõe a univalência convencional do signo. Neste, um significante se acha fixado a um significado, de diferentes maneiras, por diferentes motivos. É o signo que garante a possibilidade de haver trocas verbais correntes entre os homens; permite uma rápida decodificação, sendo estatisticamente identificável, não deixando, entretanto, por ser uma decorrência do simbólico, de estar aberto a outras in

terpretações. É nesta abertura que está implicado o conceito de inconsciente, na própria arbitrariedade do signo, que exclui a coisa significada e acarreta a convenção como razão. (cf. id., p.115).

Na categoria de signo, encontramos ainda: a alegoria, um signo de uso sempre novo e passageiro, segundo as imposições da moda; o sinal, que permanece no nível da pura convenção ou combinação, oferecendo uma mensagem do tipo binário — de presença ou ausência, de afirmação ou de negação — onde não cabe uma segunda interpretação (por exemplo, a "bandeira branca" ou o "sinal vermelho") e que não exige uma pesquisa prévia de significação. E, por fim, os signos algorítmicos, ou seja, os números, os signos algébricos, as anotações lógicas, que pertencem a um sistema ou conjunto fechado sempre bem definido (cf. id., p. 113).

O simbólico aparece como categoria, assim que o signo adquire sua função de símbolo, dada sua arbitrariedade, ampliando as possibilidades de interpretação pela plurivalência que porta.

Existem diferentes modalidades de combinação entre significantes e significados. No campo do signo temos: (1) as relações UNÍVOCAS: onde vários significantes correspondem a um significado, logo, os significantes perdem a diferenciação entre si e se igualam; (2) as relações CO-UNÍVOCAS: onde um significante remete a vários significados; e (3) as relações BI-UNÍVOCAS: onde um significante corresponde a um exato significado. No campo do símbo-

lo, todas essas combinações são possíveis, de maneira simultânea, por sentidos diferentes, tal como Freud descreve nos caminhos (paths) da elaboração onírica, o modelo básico de todas elaborações e formações sintomáticas. (cf. id., p. 114).

Temos, então, o movimento homeostático do aparelho psíquico como movimento de signos e símbolos, um vital para o outro, nas suas idas e vindas da excitação, do desejo, do pólo metafórico (perceptivo) ao pólo metoníni-co (motor); em alternância, deslisamentos (deslocamentos) e pontuações (condensações), desejo e castração.

O movimento do discurso é este: ordinal e cardinal; uma sucessão de articulações de metáforas e metoními-as, de signos e símbolos, em suma, articulações do registro do imaginário com o registro do simbólico. Os transtor-nos do discurso estão nessas articulações, causando desde um congelamento até um deslissamento desenfreado do desejo, transparecendo nas perturbações da fala — lapsos, ausências, neologismos, delírios, e afasias em geral.

Antes do 'Projeto' e da 'Interpretação dos Sonhos', Freud escreve um texto — 'Afasia' de 1891 — sobre o que ele denomina o 'aparelho da fala', e aí ele nos revela toda essa questão que estamos tratando. Parte deste texto encontra-se reproduzido na Edição Standard, no Apêndice C do artigo 'Inconsciente', com o título de 'Palavras e Coisas'. Neste, Freud pretende, através do es

tudo das perturbações da fala, apreender como funciona este aparelho. Observa a unidade da função da fala, a palavra, e nota que esta é uma representação (aqui, denominada, por vezes, 'apresentação') complexa, composta por quatro elementos: a 'imagem sonora', a 'imagem visual da letra', a 'imagem motora da fala', e a 'imagem motora da escrita'.

Na aprendizagem da fala, da leitura e da escrita, esses elementos vão se associando em complexidade crescente, e as afasias surgiriam da impossibilidade ou inexistência de determinadas associações.

No início do aprendizado, temos as associações UNÍVOCAS:

'Nessa fase do desenvolvimento da fala — a da primeira infância — usamos uma linguagem que nós mesmos construímos. Comportamo-nos como os afásicos motores, pois associamos diversos sons verbais exteriores a um unico som produzido por nós mesmos.' (p. 240/241).

Posteriormente, a criança precisa 'repetir' ou 'dizer à imitação de' outros, associando os significados (catexias) ligados aos sons verbais primários (quando vários significantes correspondiam a um só significado) às novas imagens sonoras recém-adquiridas, produzindo, então, as associações BI-UNÍVOCAS (cf. id., p. 241).

Com essa aquisição de signos lingüísticos, que para Freud é uma aprendizagem de uma 'nova língua' (cf. id. p. 242), está instalada a possibilidade de intervenção do símbolo, que implica ainda na produção de associações CO-UNÍVOCAS, onde se desdobram as interpretações surgindo a ambiguidade própria da linguagem no entrecruzamento as sociativo que a categoria do simbólico condiciona.

'ver-se-ã (...) que se trata de um processo muito complicado, no qual o curso das associações deve repetidamente mover-se para frente e para trás. (...) É de se presumir que posteriormente também realizemos essas diferentes funções da fala nos mesmos moldes associativos que as aprendemos.' (id. p. 242/243).

Entretanto, nos adverte Freud, essa aquisição da palavra, ou seja, dessas possibilidades associativas, só é possível se a criança adquire, conjuntamente às 'representações de palavras', as 'representações de coisas' ou 'apresentações de objeto', pois são estas as que emprestam a energia pulsional, porquanto valor, aos significados.

'Uma palavra, contudo, adquire seu significado ligando-se a uma 'apresentação de objeto', pelo menos se nos restringirmos a uma consideração de substantivos'. (id., p. 243).

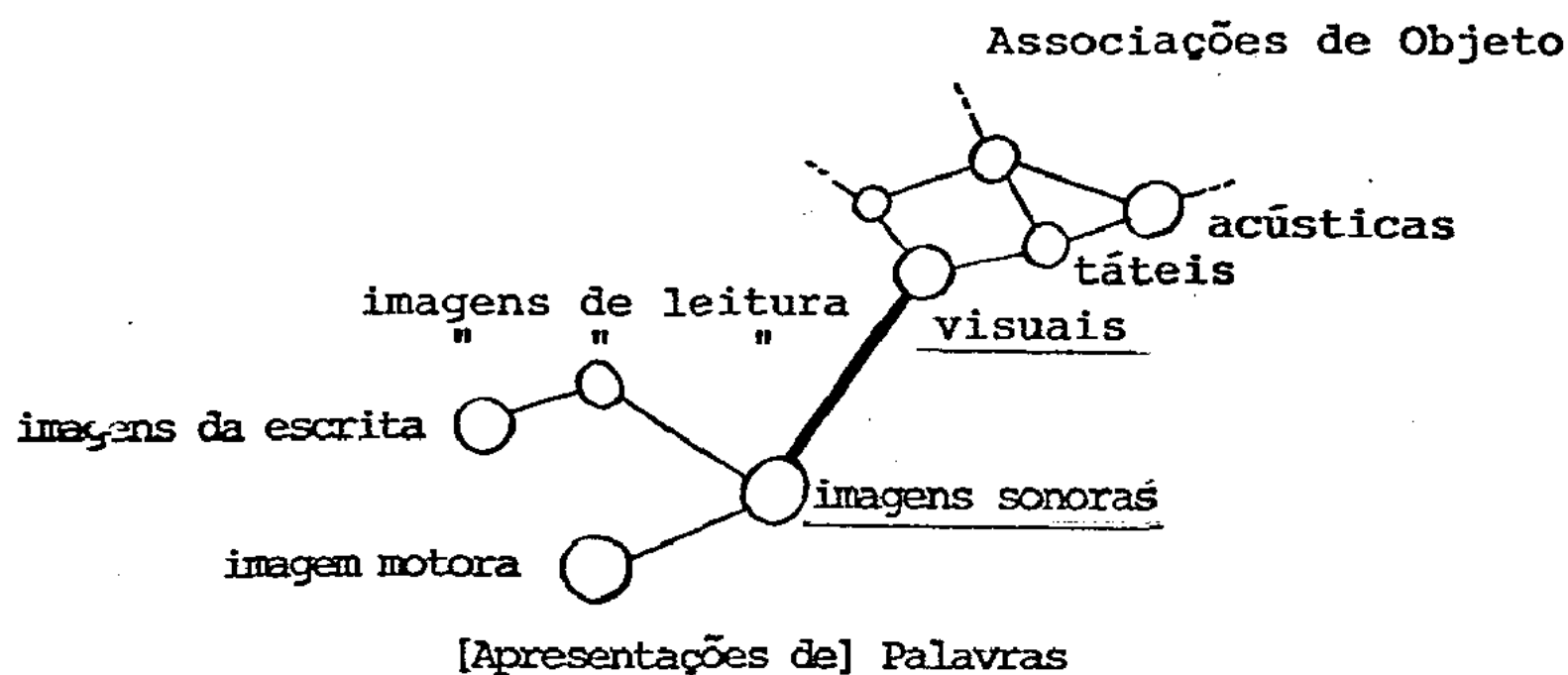
Tal como as representações de palavras, as representações de coisas ou objetos também se apresentam como um complexo associativo, só que estas incluem uma grande variedade de representações — visuais, acústicas, táteis, cinestésicas, e outras tantas que impossibilita a formulação de um inventário preciso de todas.

'Assim, a apresentação do objeto é vista como uma apresentação que NÃO É FECHADA e quase como uma que NÃO PODE SER FECHADA, enquanto que a apresentação da palavra é vista como algo fechado, muito embora capaz de extensão'. (id., p. 244, grifo nosso)

Freud nos apresenta, então, um diagrama indicando os pontos de associação necessários entre a palavra e o objeto. Isto demonstra a 'tradução' do sistema pré-consciente no sentido de que é este sistema que fornece novas possibilidades associativas ao inconsciente, estabelecendo o vínculo, pelos elementos de ligação (calexias verbais) que interpõe entre a imagem sonora da palavra, o SIGNIFICANTE, e a imagem visual do objeto introjetado que lhe empresta o verbo, o desejo, o SIGNIFICADO (catexias inconscientes).

Reproduzimos aqui o diagrama e sua explicação na íntegra:

DIAGRAMA PSICOLÓGICO DE UMA APRESENTAÇÃO DE PALAVRA



'A apresentação da palavra é indicada como um complexo fechado de apresentações, ao passo que a apresentação do objeto é indicada como um complexo aberto. A apresentação da palavra não está ligada à apresentação do objeto por todos os seus elementos constitutivos, mas apenas por sua imagem sonora. Entre as associações de objeto, são as visuais as que representam o objeto, da mesma forma que a imagem sonora representa a palavra. As conexões que ligam a imagem sonora da palavra às associações de objetos que não as visuais não vem indicadas." (id, p. 244)

Chegando à conclusão de que o essencial para

qualquer produção discursiva está na associação entre a imagem acústica da palavra, o significante, e a imagem visual do objeto, o significado, Freud discrimina duas 'espécies' de perturbações da fala: (1) a afasia verbal (ou simbólica, poderíamos dizer), onde a perturbação associativa ocorre entre os elementos da apresentação de palavras; deste grupo constam as neuroses e as perversões; e (2) a afasia assimbólica, quando, o que se encontra perturbado, ou até inexistente, é a associação 'essencial' entre as representações de palavras e as representações de objetos: grupo das psicoses. (cf. vol. XIV, p. 245).

Todo processo psíquico, re-afirma Freud em 1915, se apresenta como sendo dominado por considerações de REPRESENTABILIDADE. (cf. id., p. 259) Tais são as considerações dos efeitos discursivos de todo transtorno encontrado na clínica.

2. INCONSCIENTE E DISCURSO

Na primeira das "Conferências Introdutórias", em 1915, Freud diferencia a psicanálise da psiquiatria nos seguintes termos:

'A psiquiatria, como parte da medicina, se empenha em descrever os distúrbios mentais que observa, e em agrupá-los em entidades clínicas (...) nada se conhece da origem, do mecanismo, ou

das mútuas relações dos sintomas dos quais se compõem essas entidades clínicas (...) essa é a lacuna que a psicanálise procura preencher.' (18, p. 33).

Descobrir como os sintomas se formam, de onde vêm, a que finalidade servem, enfim, descobrir o que é um sintoma, foi o passo inicial de Freud para a construção do conceito de inconsciente e de toda teoria psicanalítica.

'A psicanálise começou seus trabalhos ... com aquilo que é, dentre todos os conteúdos da mente, o mais estranho ao ego — sobre os sintomas'. (FREUD, 33, p. 76).

E foi nessa direção, a do ESTRANHO ('Unheimliche': o que não é familiar), que Freud deu seguimento a seus trabalhos. Todos os sintomas, sonhos, chistes, esquecimentos, lapsos, tudo aquilo que é percebido pelo próprio sujeito que os produz como ALHEIO a si, o leva a formular a existência dessa região psíquica 'independente', o inconsciente, que funciona e se manifesta segundo suas próprias leis.

'(...) existe uma região da mente, por completo isolada do resto.' (FREUD, 20, p. 329).

E, numa primeira definição geral de inconsciente, temos:

'Denominamos inconsciente um processo se somos obrigados a supor que ele está sendo ativado no momento, embora, no momento, não saibamos nada a seu respeito'. (FREUD, vol. XXII, p. 89)

Ou seja, o que é inconsciente produz efeitos, à revelia do sujeito que, aí, se sente ultrapassado, desconsiderado, deslocado. Mas isso não é tudo.

No primeiro capítulo do texto 'O Ego e o Id' , Freud nos dá uma definição de inconsciente que nos indica a complexidade do conceito:

'(...) nós chegamos ao termo ou conceito de inconsciente (...) pela consideração de certas experiências em que a dinâmica mental desempenha um papel. Descobrimos — isto é, fomos obrigados a presumir — que existem idéias ou processos mentais muito poderosos. (e aqui um fator quantitativo ou econômico entra em questão pela primeira vez) que podem produzir na vida mental todos os efeitos que as idéias comuns produzem (inclusive certos efeitos que podem, por sua vez, tornar-se conscientes como idéias), embora eles próprios não se tornem conscientes'. (28, p. 26, grifos do autor)

Essa definição de Freud se apresenta, à primeira vista, na forma mais de um enigma que de uma definição. De qualquer forma, o efeito inconsciente é esse mesmo de enigma (rébus) e é dessa forma que ele sempre se manifesta.

Na 'Interpretação dos Sonhos', Freud coloca o inconsciente como pertencendo a 'uma outra cena' ('Eine andere Schauplatz'), lugar a que o sujeito não tem acesso como se o que lá estivesse não lhe pertencesse. Entretanto, o sujeito é determinado a partir desse lugar alheio, que J. Lacan denominou Grande Outro ('Autre') para designar o lugar daquilo que existe fora das consciências individuais, aquilo que é anterior e exterior ao sujeito, que o precede e ultrapassa, que é imperativo, um mandato, ou seja, a Lei, a Ordem da Linguagem, aquilo que constitui o que é, propriamente falando, humano.

O inconsciente contém inscrições desse Grande Outro a quem os pais e outros emprestam a voz: suas afirmações e significações, seu discurso. Nesta Outra Cena, há esse discurso, desejos alheios ao sujeito, mas que, ao mesmo tempo, lhe pertencem — um dia foram catexizados; à revelia, caso tenham sido. Temos, então, a fórmula de Lacan: o inconsciente é o discurso do Outro, ou, o inconsciente é o desejo do Outro.

Vejamos na 'Interpretação dos Sonhos'. Há uma inscrição no inconsciente, um 'conteúdo ideacional' - cf. 6, p. 620) que traça o curso do desejo (um comple-

xo associativo). Freud se pergunta: como o desejo inconsciente tem poder de interferir nos desejos pré-conscientes? Como explicar que a realização de um desejo possa trazer angústia?

Antes de tudo, Freud afirma que os desejos inconscientes 'permanecem sempre ativos', e, mais do que isso,

'Na verdade, é um aspecto saliente dos processos inconscientes o fato de serem eles indestrutíveis. No inconsciente, nada pode ser interrompido, nada fica para trás ou é esquecido'. (6, p. 616).

E a angústia? Freud prossegue:

'Um segundo fator, muito mais importante e de maior alcance, mas que é igualmente desprezado pelos leigos, é o seguinte: não há dúvida de que uma realização de desejo deve trazer prazer, mas surge então a questão "Para quem?". Para a pessoa que tem o desejo, naturalmente. Mas, como sabemos, a relação do que sonha com os seus desejos é muito peculiar. Ele os repudia e os censura — em resumo, não tem apreço por eles (...) sua realização não lhe dará prazer mas exatamente o oposto (...) esse oposto aparece sob a forma de angústia (...). Desse

modo, o que sonha, em relação a seus desejos oníricos, só pode ser comparado a um amálgama de duas pessoas separadas que se acham ligadas por algum importante elemento comum. (...) se duas pessoas não se encontram unidas uma à outra, a realização do desejo de uma delas pode não acarretar mais que desprazer para a outro.' (6, p. 619).

Lembramos, então, da afirmação de que o sistema inconsciente contém as 'primeiras e verdadeiras catexias objetais' (16, p. 230), as 'representações de coisas' ou 'associações de objeto' (id., p. 244). O discurso que lá está é o desejo desses primeiros e verdadeiros objetos, que por sua vez, portam desejos de outros tantos objetos, e assim sucessivamente, contendo, portanto, esse discurso, o desejo de um Grande Outro anônimo. Freud, nos leva, ele próprio, a pensar nisso, quando, com a introdução do conceito de superego, a ele se refere como proveniente de um somatório infinito de desejos ou discursos que representariam a Lei. Na realidade, o conceito de superego implica nesta diferenciação:

'[...] no id, que é capaz de ser herdado, acham-se obrigados resíduos das experiências de incontáveis egos; e quando o ego forma o seu superego a partir do id, pode talvez estar apenas revivendo formas de antigos egos e ressuscitando-as.' (FREUD, 28, p. 52)

Os efeitos do inconsciente são efeitos desses de sejos ou discursos que se apresentam à consciência na for ma de idéias, embora eles próprios, os desejos, permane çam ocultos, extravazando, apenas, nos momentos de abertura do inconsciente, a seu tempo.

A descoberta freudiana revelou, como temos vis- to, que as manifestações inconscientes — os dados empíri- cos das observações clínicas, os sintomas, sonhos ou lap- sos — se expressam por operação lingüísticas e figuras de retórica na fala do sujeito, indicando, segundo a nature- za das operações realizadas, a sua posição sintomática. Os sintomas, efeitos do inconsciente, se manifestam na própria superfície do discurso. O discurso é o efeito sintomático a ser trabalhado.

Em consequência, temos tido, então, com Freud, a outra tese fundamental para a psicanálise enunciada por Lacan: o inconsciente é estruturado como uma linguagem, funciona como uma linguagem e seus efeitos são efeitos de linguagem, ou seja, efeitos de discurso, a fala humana.

O inconsciente é o lugar dos traços, marcas e inscrições que portamos como herança e que são a nossa causa, o que nos determina. O que está inscrito é um discurso: o registro indelével de afirmações, (Bejahungs), palavras que se impuseram ou se impõe à audição, segundo as leis do acaso, numa determinada seqüência temporal, nomeando, identificando, determinando.

Esses traços, impressões ou registros, são da ordem da escrita, da letra, e o que temos mais gravado é o som, a materialidade desta letra que em si não é nada além de um traço sonoro: a marca significativa. Mas é a partir dessa marca significativa, o lugar de uma palavra, que é possível ao sujeito produzir significados, efeitos de discursos, demandas. Jamais se constroem sintomas, logo, discurso, por processos conscientes:

'Não apenas o sentido dos sintomas é, com regularidade, inconsciente, mas também existe uma relação inseparável entre este fato de o sentido dos sintomas serem inconscientes e a possibilidade de eles existirem'. (FREUD, 20, p. 330).

O inconsciente não porta a significação, que é um dos seus efeitos no discurso. Ele porta a possibilidade de que haja significação. Encontra-se no inconsciente registros do real: o real ou realeza de uma Lei; o real de uma inscrição desejante constantemente ativado por um real pulsional que, em suas voltas à busca do real de um objeto perdido, condiciona o fenômeno da compulsão associativa, da REPETIÇÃO. O real inconsciente é o desejo permanentemente insatisfeito que se repete na busca do que falta, do que, como já vimos, ainda não se realizou.

O inconsciente é o lugar de uma escrituta. Em

sua gramática, porém, não interferem, por exemplo, o adjetivo nem as categorias lógicas do pensamento. Lá não existe qualidade, significado, interpretação, não existe contra-dição. Lá não existe o NÃO: tudo é. O que lá encontramos é a imposição mesma da Lei, a que obriga o uso do símbolo pelo homem para toda e qualquer apreensão do real, indispensável à sua sobrevivência. A Lei que ordena que o homem seja falante, nomeie, deseje, e demande: que faça um discurso.

Para Freud, o que é inconsciente se caracteriza principalmente por seu caráter negativo, de ausência (cf. 18, p. 33), enquanto que seus efeitos se caracterizam por serem feitos de presença. Tais são os efeitos do símbolo.

A estruturação psíquica se dá com a aquisição do símbolo pela criança, que é a que a faz entrar na ordem da linguagem e da cultura, o mundo humano, e a faz sujeito. As diferentes estruturas (neuróticas, perversas e psicóticas) refletirão as diferentes maneiras possíveis do sujeito ser atravessado pelo significante, pelo símbolo.

A descoberta do inconsciente é a descoberta desta determinação.

3. ESTRUTURAÇÃO PSÍQUICA: ÉDIPO

As modificações introduzidas na segunda tópica, a partir de 1920, são conseqüências das vivências clínicas de Freud, principalmente das dificuldades que estas apresentavam. A observação clínica sempre foi seu ponto de partida, seu guia metodológico nas elaborações sucessivas da teoria e da técnica psicanalítica. E tudo em clínica demanda um tempo. Algumas questões necessitaram um certo tempo até poderem ser formuladas por Freud, principalmente porque ele próprio necessitou um certo tempo até poder vê-las e formulá-las. O tempo que Freud levou para afirmar a existência do fenômeno da repetição foi o tempo necessário para que a própria repetição pudesse se manifestar de forma que ele pudesse repetidamente apreendê-la, a ponto de introduzir mudanças radicais não só na teoria, como também, e principalmente, nos objetivos clínicos.

O texto 'O Ego e o Id', de 1923, é uma decorrência das idéias apresentadas em 'Mais Além do Princípio do Prazer', de 1920, onde a teoria do inconsciente é revestida de uma nova linguagem conceitual que discrimina 'estruturas' mentais ao invés de 'sistemas'. Freud justifica a introdução dessa nova nomenclatura pela insuficiência da anterior para a descrição das inter-relações dinâmicas das estruturas. Estas são agora representadas pelo sujeito do verbo das orações do discurso, os pró-nomes: (1) o ego ('Das Ich') que Freud utiliza tanto para representar o

'eu' da primeira pessoa do caso reto, em francês 'je', o sujeito do verbo da voz ativa, o sujeito do inconsciente, quanto para representar o 'mim', da primeira pessoa do caso oblíquo, em francês 'moi', o objeto do verbo da voz passiva, o sujeito da consciência; (2) o superego ('Das Über-Ich'), traduzido também por 'super-eu' (o que está acima de mim), indicando um sujeito a meio caminho entre o 'eu' e o 'mim', a 'instância crítica' que domina e estabelece uma relação possível entre ambos. Em francês é traduzido por 'sur moi'; e (3) o id ('Das Es'), pronome NEUTRO para o qual não existe equivalente direto em português. Corresponde ao 'it' inglês e tem sido traduzido corretamente por 'isso'. Com isto, Freud não deixa mais dúvidas de que tem tratado e trabalhado com estruturas linguísticas o tempo todo.

Por outro lado, o termo 'sistema' facilmente nos remete à idéia de um conjunto fechado, à semelhança da mônada dos filósofos, cuja dinâmica interna se encontra delimitada por uma superfície contínua, a exemplo de uma esfera, perfeita, indivisível, e assim, invisível. O termo 'estrutura' nos remete à idéia de um conjunto aberto, à semelhança de uma célula viva, cuja superfície é porosa, e assim, realiza trocas com o meio externo. As imagens fisiológicas de Freud, quando tomadas ao pé-da-letra, ou seja, enquanto símbolo, são de uma clareza — via de regra desprezada — impressionante, na revelação do pensamento freudiano. E por falar em clareza, esta é uma

das características mais marcantes do seu estilo e podemos observá-lo até na nossa infeliz dupla tradução. O ego, Freud o afirma repetidas vezes, não é uma unidade fechada, é uma extensão do mundo externo, uma sucessão de imagens refletidas, caleidoscópicas, em formação permanente (cf. 32, p. 84). O termo estrutura implica nisto.

Entretanto, gostaríamos de lembrar aqui uma afirmação de Freud, escrita em 1917 na 'Conferência XXIV', onde ele nos faz uma advertência com relação à interpretação de seus escritos:

'(....) quantos dos termos técnicos que usei significavam a mesma coisa ou eram substituídos apenas por motivos de eufonia; (...) nem sempre se pode levar a cabo as intenções racionais. Frequentemente, no próprio material existe algo que toma conta de nós e nos desvia de nossas intenções iniciais. Mesmo uma realização banal como a organização de determinada quantidade de material não depende inteiramente da escolha do autor; as coisas podem tomar o rumo que lhes apraz, e tudo quanto se pode fazer é perguntar-se, após os fatos, porque estes se passaram desta e não daquela maneira.'
(24, p. 441/442).

As estruturas id, ego e superego (incluindo o ideal de ego) são definidas em sua origem histórica, conteúdo e função.

A origem histórica dessas estruturas nos é revelada pelo complexo edípico, o núcleo da formação do sujeito do inconsciente em sua historicidade lógica, sua determinação temporal. Quanto a esse termo 'história', em psicanálise, como já vimos, não se trata de uma perspectiva evolutiva que pressuponha um desenvolvimento contínuo:

'A idéia de um desenvolvimento individual, unilinear, pré-estabelecido, comportando etapas que vão aparecendo cada qual por sua vez conforme uma tipicidade determinada, é pura e simplesmente o abandono, a escamoteação, a camuflagem, a denegação propriamente falando, e inclusive o recalque, daquilo que a análise trouxe de essencial.' (LACAN, 48, p. 23).

Aqui, o termo histórica denota uma cadência, um ritmo particular de escansões do tempo. A entrada e a saída do Édipo revelam de que história se trata: a da sujeição do homem ao símbolo e da autonomia deste símbolo em sua determinação temporal (cf. 47, p. 45/49). É a passagem pelo Édipo que determina a estruturação do sujeito do inconsciente, o sujeito marcado por uma falta fundamental a que o símbolo

substituiu. É a história das substituições - a dialética de sentimentos que se recusa, se nega, a história das diferenciações entre as estruturas fundamentais do sujeito: id, ego e superego.

A base de todo processo, nos diz Freud, é a identificação. A identificação,

'(...) é a ação de assemelhar um ego a outro ego. (...) que não é o mesmo que 'escolha objetal' (p. 82).

A identificação implica no desejo de SER IGUAL (ao pai); a escolha objetal implica no desejo de TER (o pai). E, via de regra, segundo Freud, a escolha objetal 'regride' para a identificação na perda de um objeto (cf. id). O ego se constitui de perdas, e a perda é uma escansão no tempo do sujeito.

'Pode ser que esta identificação [a primária] seja a única condição em que o id pode abandonar seus objetos. De qualquer maneira, o processo, especialmente nas fases primitivas do desenvolvimento, é muito frequente, e torna possível supor que o caráter do ego é um precipitado de catexias objetais abandonadas e que ele contém a história dessas escolhas do objeto'.
(FREUD, 28, p. 43/44, grifo nossa)

No princípio havia coisa ('Ding') e pulsão ('Trieb'): todo o conteúdo do id.

'Esse pronome impessoal parece especialmente bem talhado para expressar a principal característica dessa região da mente — o fato de ser alheia ao ego.' (id., 33, p. 92).

O id — 'parte inaccessível da nossa personalidade' (id., p. 94) — funciona, como o inconsciente sistema, segundo as leis dos processos primários: catexias livres, energia facilmente deslocável; vigora o 'princípio do prazer-desprazer'. Lembrando uma afirmação de Freud já citada:

'Catexias instintuais que procuram a descarga — isto em nossa opinião, é tudo que existe no id.' (id., p. 95).

Essas 'catexias instintuais', implicam num investimento pulsional nas representações de coisas (as catexias inconscientes), ou seja, nos objetos das pulsões: o leite, o seio, a voz, o olhar, as fezes. E no id não existe uma organização. As pulsões descoordenadamente buscam satisfação. As leis lógicas do pensamento, da linguagem, não lhe pertencem, não há contra-dição, e impulsos contrários persistem — são 'virtualmente imortais' — lado a lado. É um registro do real: de correspondências UNÍVOCAS.

O ego se forma a partir do id, contrapondo - se ao id, que, em contraste com o ego, é, na sua maior parte de caráter NEGATIVO, mas não simetricamente negativo. O ego,

'(...) é primeiro e acima de tudo um ego corporal; não é simplesmente uma entidade de superfície, mas é, ele próprio, a projeção de uma superfície. (...) Isto é, o ego, em última análise, deriva das sensações corpóreas principalmente das que se originam na superfície do corpo. Ele pode ser assim encarado como uma projeção mental da superfície do corpo.' (FREUD, 28, p. 43/44, grifo nosso).

O que significa que a superfície do corpo é o LUGAR inicial da estrutura. O ego é essa imagem projetada, imagem especular, formada no narcisismo primário por uma identificação imaginária: identificação à uma imagem, uma 'gestalt', um traço, que fornece ao ego a ilusão de totalidade e unidade. Pertence ao registro do imaginário: de correspondências BI-UNÍVOCAS.

O narcisismo primário é o momento da pré-história do sujeito, momento anterior a qualquer estruturação lógica, quando a criança - o infante, o não falante - se encontra num estado de FASCINAÇÃO frente à uma imagem entre aqueles que a cercam e cuidam. Pela via do OLHAR, a criança se identifica com uma imagem totalizante e com ela

se confunde. Em Lacan, esta é a etapa final do 'Estádio do Espelho', momento em que todas as catexias do id, todo investimento pulsional, está preso, cativo dessa imagem que fascina, e que é TUDO para o não-falante, o outro e si próprio indiferentemente. As pulsões descoordenadas, desconectadas e discordantes do id são amalgamadas a essa imagem totalizante do outro pela qual a criança fica cativada e se espelha. É o momento inicial da formação do ego, momento em que, pela primeira vez, a criança se reconhece como uma unidade, muito embora esta seja 'uma unidade alienada, imaginária, virtual' (cf. LACAN, 47, p. 69). É o momento da inscrição dos signos).

Vejamos em Freud. Ele afirma que a diferenciação ego-id é 'uma expressão inevitável da influência do mundo externo' (28, p. 53) e que, o ego,

'(...) tem início no sistema perceptual, que é seu NÚCLEO, e começa por abranger o pré-consciente, que é adjacente aos resíduos mnêmicos'. (id, p. 37).

O ego se forma de percepções, imagens verbais (auditivas), visuais, cinestésicas, etc., que se transformam, segundo sejam catexizadas, em registros permanentes. Assim, a imagem pela qual a criança se fascina é internalizada, decalcada em sua memória ponto a ponto.

Dessa forma, a criança é introduzida numa pr

meira oposição de vivências. Por um lado, as exigências das pulsões descoordenadas, a vivência do corpo despedaçado — as manifestações da pulsão de morte, o vazio, a angústia. Por outro, as vivências de satisfação com a imagem do fascínio, o traço, a marca, a letra, pela qual a criança se identifica e obtém a ilusão de unidade — uma vicissitude das pulsões de vida, a ilusão e a alusão.

No narcisismo primário, momento anterior a qualquer relação de objeto — não podemos nos esquecer que a constituição do objeto é correlativa à constituição do sujeito — o investimento pulsional é todo dirigido para essa imagem, que se encontra, ao mesmo tempo, fora e dentro. O narcisismo primário não é, propriamente falando, um narcisismo, que pressuporia um investimento libidinal em si próprio; esse narcisismo sem 'si próprio' é antes um estado de indiferenciação entre o que é externo e o que é interno, ou, entre o que é psíquico (imaginário) e o que é real. Lacan aponta, aqui, uma situação de colagem do registro do imaginário no registro do real, representado topograficamente pela banda de Moebius, que não tem avesso e que, percorrendo-a,

'(...) se retornará matematicamente à superfície que supostamente a duplicaria.' (49, p. 222).

Neste momento primitivo do narcisismo primário, portanto, não é possível diferenciar ainda as duas tendên

cias pulsionais fundamentais: a libido sexual (Sexuallibido), centrada na função imaginária; e a libido do ego (Ich-Trieb), centrada na função simbólica. Aqui elas ainda se encontram confundidas e misturadas, são uma coisa só, e, apenas num momento futuro, haverá tal diferenciação.

Essa bi-partição essencial se impõe a Freud a partir do postulado da biologia de sua época, segundo a qual, os instintos se dividiriam em dois grandes grupos: os instintos de preservação do indivíduo e os instintos de preservação e continuidade da espécie. É com a passagem pelo Édipo que os instintos se direcionam a tais finalidades de preservação.

Na hipótese freudiana, no início de tudo só há pulsão de morte: as vivências do corpo despedaçado, energias NEUTRAS que buscam descarga. Com o narcisismo primário introduzido pelas vivências de fascinação, as pulsões, anteriormente descoordenadas, e agora lideradas pela PULSÃO ESCÓPICA, se fusionam, por assim dizer, e se FIXAM à imagem fascinante, formando a BASE do ego. Essa primeira fusão das pulsões fixadas a uma imagem, ou seja, esse primeiro investimento ou catexia libidinal — as representações de coisas ou apresentações do objeto — corresponderia às primeiras manifestações das pulsões de vida. As pulsões de vida impelem à fusão, ou talvez sejam a própria fusão em si, das pulsões, na experiência

do fascínio. Elas dependem, portanto, de uma imagem que faça confronto às pulsões descoordenadas e as suplante.

A oposição de vivências de angústia e prazer introduzem na estrutura a alternância de situações de colagem e descolagem do imaginário e do real na dependência da existência dessa IMAGEM fundamental representante do Outro, como uma primeira METÁFORA. Esta é designada por Lacan como metáfora-paterna, o Nome-do-Pai, em sua função de nomeação. Neste momento, a criança adquire seus primeiros signos, segundo Freud, relembramos, como se fosse a aquisição de uma nova língua, por 'imitação' ou 'dizer à maneira de': a identificação primária.

A imagem do outro tem valor cativante para o sujeito pela antecipação de uma ORGANIZAÇÃO que representa sua imagem totalizante tal como ela é PERCEBIDA. O narcisismo primário permite, assim, uma certa organização do mundo, se bem que de um mundo indiferenciado ainda — onde o Innenwelt se desdobraria em perfeita harmonia no Umwelt — mas já se estabelecendo os PADRÕES das suas relações com esse mundo no seu estilo de apaixonamento, a Verliebtheit. Essa fascinação que o objeto exerce sobre o sujeito neste seu estado de total dependência, implica necessariamente numa perversão da realidade, dada

a sobre-estimação e idolatria pela imagem do objeto amado. Essa perversão implica que já nesta etapa, o objeto real seja deposto e substituído por uma imagem. As pulsões de vida dependem sempre de uma imagem na representação do objeto, pertencendo, portanto, ao registro do imaginário.

Este se distingue por sua função pré-consciente, egoica, de ligação, de atração de catexias, sua função METAFÓRICA, quando, ao ser conjugado ao registro do simbólico, que intervém com o símbolo, se descola e se diferencia do registro do real. Com a emergência do símbolo como representante da representação do objeto (Vorstellungsrepresentanz), este, o objeto, cai definitivamente junto com a imagem ideal que o representava (Objekts-representanz). Sem a intervenção do símbolo, o imaginário fica impossibilitado de exercer devidamente suas funções. O símbolo possibilita estas representações de palavra, introduzindo as correspondências CO-UNÍVOCAS.

A partir da situação do narcisismo primário, a polaridade pulsional experiencia uma série de fusões-desfusões, segundo as primeiras experiências de satisfação e de angústia, que traçam um perfil, configuram, dão contorno e caracterizam o objeto do fantasma, o objeto da fascinação, do gozo. Este objeto não é uma pessoa, um outro indivíduo, ele se compõe de um conjunto x de traços (percepções) que tocam às pulsões e as estimulam

neste momento anterior a qualquer simbolização quando, na verdade, toda realidade é uma realidade fantasmática. O objeto do fantasma é o objeto da primeira catexia libidinal da vida do sujeito, sua primeira paixão.

Do ego original, o Ur-Ich, foi dito que existem tensões, e que seu funcionamento pode ser definido segundo as condições objetivas dos princípios homeostáticos. Estes procuram manter, conservar as tensões num certo nível, o mais baixo possível, sem necessariamente alcançar o nível mais baixo, o que significa a morte. Este nível de tensão não contida inicial implicaria em indiferenciação ou inexistência de oposições.

No auto-erotismo que caracteriza o ego prazer, o Lust-Ich do narcisismo primário, introduz-se, como vimos, não uma diferenciação estabelecida interno-externo, mas a oposição de vivências de prazer e desprazer, Lust-Unlust.

Neste momento, a regulação homeostática psíquica se depara com novos elementos com que lidar, pois, com a primeira síntese do ego, ou, com a aquisição dos primeiros signos lingüísticos, as primeiras correspondências bi-unívocas, que circunscrevem o prazer, são adquiridas as primeiras diferenciações qualitativas — típico das tendências metafóricas das pulsões de vida — os primeiros adjetivos, o amor e o ódio, o bom e o mau, o bonito e o feio, e assim por diante. Os objetos existentes,

ou, considerados existentes, são aqueles que estão relacionados diretamente ao prazer. As tensões deverão ser mantidas neste certo limite mais baixo pois esta estrutura inicial, corpórea, não comporta, não suporta acúmulos de tensão, pois não possui defesas que re-direcionem tais pressões. O Lust-Ich guardará a soma do que foi identificado como prazeroso nos objetos e dará origem ao ego ideal, o Ideal-Ich, instância imaginária, marcada por signos, fonte de todo erotismo futuro. Por outro lado, o que foi considerado desprazeroso, segundo o princípio do prazer, é inassimilável ao ego e compõe, no seu conjunto, o que caracteriza um não-ego, que, não obstante, foi experienciado pelo sujeito e terá seu lugar na estrutura na forma de um registro do real.

Neste primeiro momento da constituição do sujeito basta uma pequena mudança do nível libidinal em relação a este limite para que se transforme a QUALIDADE da tensão que varia, da descarga ao acúmulo, do prazer ao desprazer, do amor ao ódio, e, até que sejam adquiridas novas condições estruturais, ou, novas condições de defesa, haverá OSCILAÇÃO dessas sensações.

Relembrando ... a criança se encontra fascinada por uma percepção, uma imagem, que lhe dá prazer e/ou desprazer. À desaparecimento dessa imagem surge a angústia; no retorno da imagem cessa a angústia; ou vice-versa. A criança evoca a percepção que trouxe satisfação, a aluna. Sente um prazer momentâneo que logo é transformado

novamente em angústia. Como será que essa criança vivência e codifica a ausência ou presença dessa imagem fascinante ou terrorífica que, afinal de contas, é o que lhe delimita, dá contorno e ilusão de unidade? Trata-se da sobrevivência da imagem, da ilusão, na ausência das figuras reais que lhe fornecem a miragem. Mas trata-se, também, de saber que juízos e articulações lógicas esta criança precisou elaborar até que, entre um "FORT!" e um "DA!", ela tenha podido dizer "Bebê-FORT!", ou seja, que mecanismos essenciais ocorrem para que seja possível tal realização.

. . . .

Em 'Mais Além do Princípio do Prazer', Freud introduz essa questão — do fort-da — referindo-se a uma brincadeira, um jogo, observado em seu neto de um ano e meio, uma brincadeira comum, universal até, das crianças. Discute as teorias que tratam dessas brincadeiras e xistentes até então, 1920, criticando-as por não considerarem o fator ECONÔMICO, seu principal motivo.

'Essas teorias esforçam-se por descobrir os motivos que levam as crianças a brincar, mas deixam de trazer para o primeiro plano o motivo econômico, a consideração da produção de prazer envolvida.' (26, p. 25).

Este jogo de 'aparecimento' e 'retorno' pode ser observado em qualquer criança ao final do primeiro ano

de vida e começo do segundo. Elas atiram longe os objetos com muita satisfação e os recebem de volta das mãos de outro ou pelas suas próprias mãos com mais satisfação ainda. Mas no jogo descrito por Freud, há ainda duas outras circunstâncias envolvidas: a sinalização das ações da criança pelos signos fort e da; e a utilização do carretel amarrado por um barbante como representante do objeto.

Num primeiro ato, ao arremessar longe de si o objeto, a criança expressava um longo 'o-o-o-o!', que Freud conclui não tratar-se de uma simples interjeição, mas de uma 'verdadeira palavra', o advérbio de NEGAÇÃO fort, que em alemão expressa: (1) um IMPERATIVO: vamos!... fora!; (2) uma ação REFLEXIVA: ter-se ido (alguém), ter-se perdido (alguma coisa), ou como em fort-begehen, ir-se embora; e (3) um estado de AUSÊNCIA. (cf. 42, p. 819).

No segundo ato, quando a criança puxava o objeto para si, expressava um 'alegre da', um advérbio de LUGAR, que significa: lá, ali, acolá, aí, aqui, cá. (cf. id., p. 760).

A primeira interpretação de Freud para essa atividade insistentemente repetida é a seguinte:

'A interpretação do jogo tornou-se então óbvia. Ela se relacionava à grande realização cultural da criança, a

renúncia instintual (isto é, a renúncia à satisfação instintual) que efetuara ao deixar a mãe ir embora sem protestar.' (26, p. 27).

Mas há ainda um terceiro ato, quando, após uma ausência mais prolongada da mãe, a criança a recebe com as palavras: 'Bebê o-o-o-ô!'.
.

'(...) logo se viu que, durante esse longo período de solidão, a criança havia encontrado um MÉTODO DE FAZER DESAPARECER A SI PRÓPRIA. Descobrira seu reflexo num espelho de corpo inteiro que não chegava inteiramente até o chão, de maneira que, agachando-se, podia fazer sua imagem no espelho 'ir embora'. (id. p. 27.)

Freud considera o primeiro e o terceiro ato como os mais relevantes para a questão que quer discutir: além do prazer, a repetição. Donde, não é o fato do alegre retorno do segundo ato, que implica na satisfação maior, que importa, mas sim o fato do primeiro ato, o mais frequente, ser encenado como um jogo em si mesmo, como um ato isolado.

'(...) em suas bricadeiras as crianças repetem tudo que lhes causou uma grande impressão na vida real, e assim procedendo, ab-reagem à intensida

*de da impressão, tornando-se, por as
sim dizer, senhoras da situação.' (id.,
p. 28).*

No advento de tal impressão ou 'colisão' causa
da por um estímulo excessivo — o TRAUMA — que foge ao
domínio do ego-prazer, uma mudança essencial de posição
da criança ocorre ou deve ocorrer nas suas relações com o
objeto real, o que caracteriza o início da estruturação
das relações inter-subjetivas: a TRANSFERÊNCIA.

*'Quando a criança passa da passivida
de da experiência para a atividade do
jogo, TRANSFERE a experiência desa
gradável para um de seus companheiros
de brincadeira e, dessa maneira, vin
ga-se num substituto. (...) mesmo sob
a dominância do princípio do prazer,
há maneiras e meios suficientes para
tornar o que em si mesmo é desagradá-
vel num TEMA a ser rememorado e ela
borado na mente.' (id., p. 29).*

Nessas questões, o domínio (da passividade pa
ra a atividade) não é o elemento central da situação,
pois aqui ainda se acha existente o componente prazer e
Freud quer ir além (id.). A interpretação corrente é a
que considera este jogo o exemplo de simbolização pri
mordial, o que também consideramos, e Freud, ele prô
prio, se refere literalmente à aquisição do fort pela
criança como a aquisição de um CONCEITO de SEPARAÇÃO.
(cf. 6, p. 493).

Aqui, já teríamos a função simbólica agindo em conjunto com a função imaginária, no jogo. Mas, se gundo Lacan, não é aí que se encontra a força explicativa da repetição. Que o simbólico condicione a repetição en quanto introduz as primeiras marcas significantes, numa determinada seqüência temporal, e, que essa seqüência, essa ca deia significativa, na sua insistência pulsional, se reproduza sempre na mesma seqüência associativa, à revelia do sujeito, isso já está implicado no conceito de inconsciente. Lacan aponta, então, na repetição inconsciente, pa ra o além do princípio do prazer, a estrutura essencial da ALIENAÇÃO do sujeito no campo do Outro, com o signifi cante representando esta PERDA do SER.

Do campo do ego primordial, objetivável, da homeostase pelo prazer, se despreende o Outro campo, o do desprazer, do estímulo excessivo, não assimilável, traumático, que não favorece à homeostase, o campo do não-ego, e que, apesar disso, ou melhor, por causa disso, es tá lá de alguma forma registrado, no escuro e indestrutível. Assim, nos deparamos novamente com a categoria do estranho. Vejamos com Lacan, a partir de uma leitura do texto 'A Pulsão e suas Vicissitudes' de Freud.

'(...) o que é da ordem do Unlust, se inscreve no eu como não-eu, negação, mutilação do eu. O não-eu não se con funde com o que o cerca, a vastidão do real. Não-eu se distingue como

corpo estranho, fremde Objekt.' (49, p. 232).

A palavra alemã fremd significa: alheio, desconhecido, forasteiro, estrangeiro, estranho (cf. 42, p. 821). No não-eu, campo do Outro, encontram-se, como já vimos, certas associações ou representações, como um corpo estranho, porém, um corpo marcado por essa presença fundamental do Outro, a presença significante, graças à ausência estruturante do outro e de si. Dessa forma, instala-se no sujeito um campo que, não lhe pertencendo e pertencendo ao mesmo tempo, o deixará permanentemente suscetível ao desejo do Outro, seguindo o ritmo pulsional, num estado VACILANTE de fechamento e abertura do inconsistente.

Retomando Lacan comentando o fort-da:

' (...) não é da oposição para e simples do fort e do da que ele [Freud] tina a força inaugural que sua essência repetitiva explica. (...) Nos dois fonemas se encarnam os mecanismos próprios da alienação — que se exprimem (...) no nível do fort (...) Não há fort sem dã e, se podemos dizer, sem Dasein. Mas justamente, contrariamente ao que tenta apreender, como fundamento radical da existência, toda a fenomenologia da Daseinanalyse, não há Dasein com o fort. Quer

dizer que não se tem escolha. Se o pequeno sujeito pode exercitar-se nesse jogo do fort-da, é justamente que ele não se exercita de modo algum, pois nenhum sujeito pode apreender essa articulação radical. Ele se exercita com a ajuda de um carretelzinho, quer dizer, com o objeto a. A função do exercício com esse objeto se refere a uma alienação, e não a qualquer suposto domínio, do qual mal se vê o que o aumentaria numa repetição indefinida, ao passo que a repetição indefinida de que se trata manifesta às claras a vacilação radical do sujeito.
(49, p. 226).

Vacilando entre o ser e o sentido, o sujeito estará sempre, na sua alienação constitutiva, oscilando entre dois significantes, (h)ora no fort, (h)ora no da.

Nisto, o sujeito do discurso se define por ser heterotópico, por estar situado no intervalo, entre dois significantes, nos pontos ZERO de uma seriação e, portanto, em lugar nenhum. Com isso, ele pode estar em cada uma das posições, no fort ou no da, em diferentes momentos.

O fenômeno da alienação aqui em causa se refere diretamente ao Outro, no que este é estrutura de linguagem e que, no momento inicial é EQUIVALENTE ao outro, o objeto mesmo da pulsão, o objeto pequeno a: a voz, o

olhar, etc. Com o jogo, inicia-se a diferenciação (A ≠ a), pois podemos notar que já há deslocamento e substituição, quer dizer, jogo imaginário e realização simbólica. Essas interpretações estão no texto freudiano, e exprimem, no seu conjunto, um domínio, mas do próprio símbolo, do conceito, quando, nos fenômenos de ausência dos objetos reais, é eliminada toda fonte de REFERÊNCIA e, logo, de EXISTÊNCIA do pequeno sujeito que se encontra, por força, PRIVADO da satisfação de ser NO e PELO seu objeto, mãe.

O brinquedo, enquanto representante do objeto, torna-se um intermediário indispensável para a instalação da relação inter-subjetiva e de um real contato entre a criança e o sujeito.

As articulações fundamentais e estruturantes do campo do Outro se definem, portanto, por suas funções essenciais de ALIENAÇÃO e SEPARAÇÃO. Para além do prazer pulsional com o objeto, a função simbólica, impulsiona da pelo que é pulsão de morte, estrutura o que é da ordem da ausência do próprio sujeito, a sua alienação na palavra do Outro, no fenômeno mesmo de afânise ou fading: o bebê-fort!, sai de cena.

As atividades deste jogo, várias vezes retomadas, indicam a existência de um processo de pensamento e julgamento em ação, onde já se estruturam e conjugam as pulsões de morte e vida. Entretanto, na ordem IMPERATIVA ou PERFORMATIVA da linguagem, como é o caso das pri

meiras palavras enunciadas por toda criança, estamos no nível puro do SÍMBOLO, aquele que não representa 'coisa alguma', a não ser sua AÇÃO ou IMPOSIÇÃO mesma, pela força própria do não representável, a ameaça da morte, o MESTRE ABSOLUTO. Este é o principal fator econômico, além de todo o qualquer prazer.

. . . .

Vejamos alguns detalhes do surgimento da linguagem na criança. Na última década, no campo da psico-lingüística, muitas pesquisas foram realizadas para o estudo dos primeiros enunciados da criança e suas funções semânticas. Chamamos atenção para o fato de que os pesquisadores deste campo limitam-se exclusivamente à área cognitiva da linguagem, e suas observações, portanto, não consideram os motivos psicanalíticos, a questão econômica. Contudo, são observações empíricas.

Os primeiros enunciados são formados por um signo só, as chamadas 'palavras-frase' (one word sentence), que só podem ser entendidas dentro de um contexto, de uma ação específica da criança, dada a diversidade de uso que ela faz de uma mesma palavra.

Há unanimidade entre os pesquisadores em concluírem que as crianças, neste estágio e nos postériores, entendem muito mais das relações entre enunciados pronunciados pelos adultos do que são capazes de enunciar elas mesmas. Em geral, concordam que a aquisição futura das relações gramaticais servem para expressar noções

relacionais já concebidas pela criança num estágio anterior, o que nos remete à noção do aprés-coup. E ainda, que a série das noções expressas na FALA da criança reflete sua APERCEPÇÃO do mundo. A aquisição da linguagem é associada ao brinquedo simbólico, à imitação, e ao uso de instrumentos, que implicam em: 'representações internas e um declínio no comportamento impulsivo e ligado ao estímulo! É considerado como uso precursor da língua o uso IMPERATIVO e, em seguida, o DECLARATIVO. (cf. 57, p. 113/116).

No estágio de enunciados de uma só palavra, são realizadas importantes e diferentes funções comunicativas, ou semânticas, da linguagem, numa ordem comum de emergência. Esses primeiros enunciados não nomeiam objetos ou acontecimentos, mas são as 'PARTES VOCAIS DE AÇÕES RITUAIS', como ao dizer-se 'bye-bye' enquanto acena-se com a mão. Esses primeiros RITUAIS são, via de regra, RITUAIS de SEPARAÇÃO. Neste primeiro momento está em ação a função semântica PERFORMATIVA da linguagem, que pode surgir na criança a partir, mais ou menos, dos oito meses de idade.

Os próximos enunciados, ainda desse primeiro estágio, servirão para nomear pessoas e coisas, além das ações e volições, sendo que, os últimos a surgirem são os que expressam os desejos da criança de modificar alguma situação, e aqui se inclui a RECUSA, o NÃO.

'De modo geral, os primeiros enunciados relacionais dizem respeito à relação entre uma entidade (um agente e um objeto) e uma ação; depois, expressam-se as relações entre duas entidades; e, caminhando para o fim do estágio de uma palavra, a criança começa a falar de modificações de acontecimentos.' (57, p. 112).

No segundo estágio, os enunciados se compõem de duas palavras cujas relações semânticas expressam a aquisição de novas categorias lógicas. Num estudo feito com crianças de seis línguas diferentes, foram encontrados, invariavelmente, neste segundo estágio, sete principais grupos de funções semânticas desses enunciados, numa espécie de classificação dos significados: (1) LOCALIZAR, NOMEAR, [p. ex., em inglês, 'there book' (livro lá); em alemão, 'Buch da' (livro lá); em russo, 'Tosya tam' (Tosya lá); em finlandês, 'vettä siinä' (água lá); em iuo, 'en saa' (isso relógio); em samoano, 'keith lea' (Keith lá)]; (2) PEDIR, DESEJAR; (3) NEGAR; (4) DESCREVER EVENTO ou SITUAÇÃO; (5) INDICAR POSSE; (6) MODIFICAR, ATRIBUIR QUALIDADE; (7) PERGUNTAR. (cf. id., p.121).

A essa altura, todas as mais importantes funções comunicativas da língua já estão adquiridas com o uso de apenas dois signos em cada enunciado, e, segundo os pesquisadores, o crescimento da complexibilidade proposicional é surpreendentemente rápido, ou, ao contrário,

lento, em função de uma maior ou menor intenção comunicativa das enunciações da criança. (cf. id., p. 122).

No primeiro estágio, os signos adquiridos são: os advérbios de lugar (da, lá), as preposições que também indicam lugar ou ação (up, down) e os substantivos (mama, dada). No estágio seguinte surgem: os verbos, os advérbios de negação, os pronomes possessivos e interrogativos e os adjetivos. (id).

Bloom (1970) descreve três diferentes tipos de negação que ocorrem na segunda etapa: (1) negação de existência (p. ex., 'no wet', isto é, seco); (2) negação de atribuição (p. ex., 'no girl', não menina, contestando afirmação anterior); e (3) rejeição (p. ex., 'no wash', isto é, não me lave). O não é ainda muito utilizado em frases interrogativas. (id).

A última categoria lingüística que as crianças adquirem são os PRONOMES PESSOAIS.

A ampliação das funções gramaticais dos enunciados denunciam uma ampliação equivalente nos processos associativos do pensamento infantil, seus primeiros julgamentos, deslocamentos, substituições e recusas, em suma, suas primeiras IDENTIFICAÇÕES, que a poderão levar à realização da separação da holófrase A + a, e à distinção da imagem e do símbolo.

Partindo do estado inicial de indiferenciação, onde o Outro (A) se confunde com o outro (a) e o imaginário se confunde com o real, é que o pequeno sujeito, que ainda não pronuncia o eu e o tu, perturbado pelas pulsões de vida, é iniciado na dialética edípica, nossa questão.

O Édipo porta a estrutura de uma questão, a própria do processamento do real. Trata-se de saber o que é interno e o que é externo, o que está dentro e o que está fora. Pertence ou não pertence? A entrada no Édipo é a entrada no drama humano da busca de uma verdade particular: "Quem sou?". A questão é BIO-GRÁFICA. (cf. FREUD, 28, p. 51).

. . . .

No texto 'A negativa', de 1925, Freud investiga a função psicológica do juízo, julgamento (Urteil), uma função do sujeito do inconsciente que lhe permite a entrada nos processo de secundarização, ou seja, seu acesso ao símbolo, distinguindo duas espécies essenciais de julgamento, o de atribuição e o de existência. Freud assim define o julgar:

'Julgar é a AÇÃO intelectual que decide a escolha da AÇÃO motora que põe fim ao adiamento devido ao pensamento e conduz do PENSAR ao AGIR.' (30, p. 299).

O primeiro desses julgamentos se daria nos mol-

des do ego-prazer do narcisismo primário, quando, o que entra em consideração é o ATRIBUTO da representação (bom ou mau). o que o fará decidir considerá-lo como pertencente a si ou não.

'Expresso na linguagem dos mais antigos impulsos instituais — os orais — o julgamento é: 'Gostaria de comer isso', ou 'gostaria de cuspi-lo fora', ou, colocado de modo mais geral, 'gostaria de botar isso para dentro de mim' e manter aquilo fora'. Isso equivale a dizer: 'Estará dentro de mim' ou 'estará fora de mim'. Como demonstrei noutra lugar, o ego-prazer original deseja introjetar para dentro de si tudo quanto é bom, e ejetar de si tudo quanto é mau. Aquilo que é mau, que é estranho ao ego, e aquilo que é externo são, para começar, idênticos.' (FREUD, 30, p.297).

O segundo julgamento surgiria do interesse do ego-realidade que se desenvolveria a partir do ego-prazer inicial, quando, a regulação homeostática do princípio do prazer se desdobraria no sentido da instalação do princípio da realidade. Para tanto, já deverá ser possível à estrutura suportar uma quantidade x de acúmulo de tensão, pois, aqui, neste momento de virada, ocorre uma mudança brusca na condição estrutural e sua homeostase: entre esses dois tipos de julgamento o drama edípico se desenrola.

O novo julgamento visaria decidir se uma representação interna pode ser re-encontrada no real externo:

'Agora não se trata mais de uma questão de saber se aquilo que foi percebido [uma coisa] será ou não integrado ao ego, mas uma questão de saber se algo que está no ego como representação pode ser redescoberto também na percepção [realidade]. Trata-se, como vemos, mais uma vez de uma questão de EXTERNO e INTERNO. O que é irreal, meramente uma representação e subjetivo, é apenas interno; o que é real, está também lá fora.'
(*id.*, p. 297/298).

Talvez possamos pensar a questão do Édipo em articulação com uma formulação de J. Lacan a respeito do tempo do sujeito na resolução de suas questões. Esse tempo (do sujeito) se comporia de três tempos distintos, três 'momentos da evidência', que não perfazem uma cronologia, mas que situam as diferentes posições do sujeito em sua conquista de uma 'teoria', de um símbolo, um símbolo particular, e ainda um signo, seu nome próprio.

A modulação do tempo, para Lacan, poderia ser estruturada da seguinte forma: (1) o instante do OLHAR; (2) o tempo para COMPREENDER; (3) o momento de CONCLUIR. Essas modulações se alternariam e sucederiam segundo as questões lógicas que se impõem ao sujeito solucionar. (cf. 50, p. 78).

Sendo a estrutura do Édipo, a de uma questão, sua travessia, portanto, implicaria em diferentes modulações do tempo do sujeito nos seus julgamentos; modulações estas que serviriam de modelo para resolução de suas futuras questões.

O instante de OLHAR introduziria uma série de julgamentos lógicos alternados a partir do surgimento de uma percepção que se impõe ao sujeito. Talvez possamos pensar que, nesse instante, o que está sendo ativado é o registro do real pulsional.

No tempo de COMPREENDER, os julgamentos lógicos seriam realizados. O sujeito olha para ver se algo existe no real ou é alucinado — o julgamento decidirá: 'HÁ' ou 'NÃO HÁ'. Esse algo, existindo ou não no real, também será classificado, categorizado, valorizado, comparado — o julgamento decidirá: 'É ≠' ou 'NÃO É ≠'. Esse tempo afetaria o registro do imaginário, pela oscilação e ambivalência aí implicadas.

O momento de CONCLUIR, é o momento da realização simbólica quando, entre essas questões, o sujeito antecipa uma posição e sustenta uma verdade, nomeando um desejo. É o momento de ativação do registro do simbólico e de intervenção do desejo do Outro.

Para tanto, para que o sujeito realize esses julgamentos, nos adverte Freud, é preciso que tenha adquirido o SÍMBOLO DA NEGATIVA:

'O desempenho da função de julgamento contudo, não se tornou possível até que a criação de símbolo da negativa dotou o pensar de uma primeira medida de liberdade das conseqüências da repressão, e, com isso, da compulsão do princípio do prazer'. (id., p.300)

É a situação do Édipo que impõe à criança adquirir este símbolo primeiro, inicial, a NEGATIVA, a partir do qual toda simbolização posterior será possível. A criança aprende a negar — o que sinceramente não gostaria de fazer — quando se vê obrigada a abandonar uma posição que já se lhe torna desfavorável, por outra, que, por sinal, lhe é imposta. A criança aprende a negar com a aquisição do signo lingüístico, o NÃO, símbolo da negativa, através do qual, forçadamente (a escolha é forçada), passa a poder se exprimir, e assim, (tentar) mudar de posição.

A dissolução do Édipo implica em que a aquisição do símbolo seja acompanhada da aquisição da função deste símbolo, a função simbólica, que é o que possibilita a representação e a negação da representação, possibilitando, assim, a diferenciação (interno versus externo), em sucessivas substituições de representações, de metáforas.

Para Freud, a essência da relação simbólica está nela constituir-se por uma espécie de comparação, mas não uma comparação de um tipo qualquer. São comparações

com limitações especiais, ele nos diz. Por sua vez, o conceito de símbolo o remete a noções tais como substituição, representação ou alusão. Por comparação, há que haver um elemento comum. (cf. FREUD, vol. XV, p.182/183). Por comparação, a coisa e o símbolo se diferenciam. E o símbolo é a estrutura mesma do pensamento humano, pois, pensar é substituir símbolos.

Partilhamos símbolos consagrados, metáforas, imagens escolhidas culturalmente. Temos também nossos símbolos particulares, familiares e individuais, nossas metáforas favoritas e mesmo nossas imagens mais secretas. Estes são os signos. A função do signo é a função da metáfora, função de parada do deslize significativo, quando este se fixa a um significado. É isto que, como vimos, caracteriza o signo lingüístico: a amarração de um significante num significado, ou, no vocabulário de Freud, a fixação de uma catexia — e aqui entra a questão do valor, ou, do significado — a uma representação específica, ou seja, um significante. O signo, enquanto momento de parada num significado qualquer, justamente por essa sua tendência à inércia, pertence ao registro do imaginário — aquele que se fixa por paixão, por fascínio. Temos, então, o ego, um conjunto de signos em constante permutação, ao sabor das identificações, ou seja, das paixões do significante.

Em contraste com a noção de signo, a noção de

símbolo evoca, não um significado qualquer ou específico, nem a significação em si, mas sim a possibilidade do significante de se des-ligar de um significado e ligar-se a outro e a mais outro e outro, sucessivamente. Com a conexão de significantes, uma cadeia ou um complexo associativo indicaria, não uma significação, mas um sentido, a direção de um desejo. Por sua vez, um desejo remete sempre, também, a um outro desejo. A função significante é essa de deslizamento, de conexões, uma espécie de 'facilitação sináptica' ou 'diminuição das barreiras de contato'. Sua função é metomímica. Temos, então, no id, no inconsciente, uma cadeia significante no seu deslizar constante, insistente, apontando direções. É a face real do significante tomado ao pé da letra, da inscrição.

No entanto, para que estes movimentos se dêem é necessária a passagem, a travessia pelo Édipo, quando se impõe a aquisição da função significante. Como a criança adquire seu primeiro símbolo, o da NEGATIVA, que lhe permite o acesso à função e seus investimentos?

. . . .

A partir da introdução dos primeiros signos, a imagem totalizante, maciçamente investida, é alternadamente amada e odiada, surgindo, então, uma AMBI-VALENCIA de sentimentos dirigidos à imagem total que, no real, é dupla, composta por pai e mãe (ou, sendo mais exato dizer-se, composta por mais de uma figura real). A introdução ao Édipo se caracteriza por essa decomposição da ima

gem gestáltica inicial pela polaridade pulsional, quando, com a separação dos pares de opostos implicada pela ação dos adjetivos, dos signos do bom e do mau, do amor e do ódio, o investimento amoroso é dirigido a uma das figuras reais e o hostil à outra. Com isso, a imagem total fascinante e aterrorizante ao mesmo tempo, se diferencia, aparecendo duas novas imagens: a de uma figura protetora — a função materna, e a de uma figura hostil — a função paterna; que não se confundem com os pais reais.

Aqui, a dificuldade encontrada no caráter triangular da situação edípica se complica com a evidência da bissexualidade constitucional de cada um, e o Édipo se apresenta, então, como uma estrutura quaternária, a partir de quatro POSIÇÕES, quatro TENDÊNCIAS. Segundo Freud, nos 'Três Ensaios'.

'(...) sem levar em conta a bissexualidade, creio que dificilmente seria possível chegar a uma compreensão das manifestações sexuais que podem efetivamente ser observadas em homens e mulheres.' (p. 226)

Já em 1899 Freud considerava essa questão por sugestão de Fliess, e na 'Carta 113' de 1º de agosto deste ano, escreve:

'Bissexualidade? Estou certo de que você está com a razão a respeito de-

la. E estou-me acostumando a encarar todo ato sexual como um acontecimento entre quatro indivíduos.' (cf. 28, p. 48).

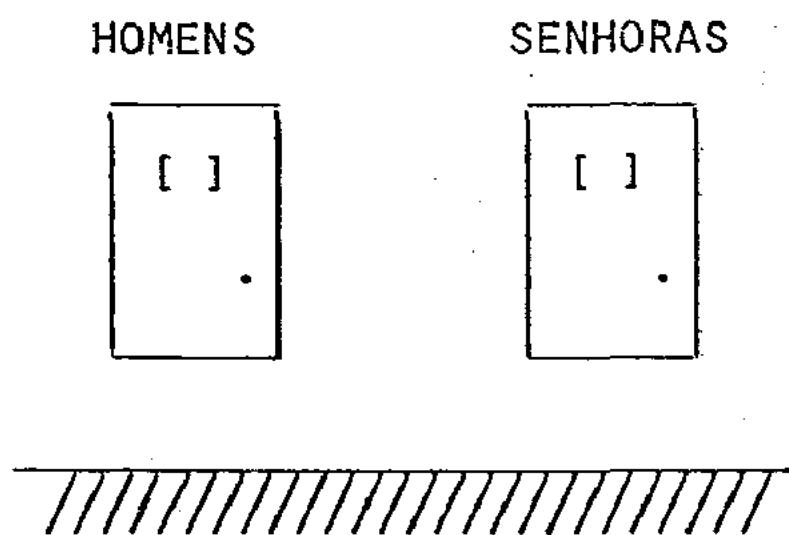
Esta bissexualidade, a princípio, não significa apenas a dupla tendência em cada sujeito, mas, anterior a qualquer possibilidade identificatória, ela significa a própria AUSÊNCIA de IDENTIFICAÇÃO, ou seja, o não reconhecimento por desconhecimento da diferença entre os sexos. Esta diferença será ainda estabelecida, e, para tanto, a criança atravessará sucessivos julgamentos lógicos, criando, nessa caminhada, uma seqüência de TEORIAS da SEXUALIDADE que se substituem a cada NOVO julgamento, numa sucessão TEMPORAL.

A bissexualidade é, portanto, uma decorrência da própria estrutura significante da constituição humana, pois, os gêneros masculino e feminino suportam sua existência pelas marcas significantes que as diferenciam dentro de uma dada organização cultural, ou uma língua particular. Se a nossa cultura tem tradicionalmente designado e assemelhado, por exemplo, o feminino à passividade e o masculino à atividade, como Freud nos indicou, isto é uma questão de uma tradição significante: nas línguas indo-européias e suas diferentes culturas regionais, tem sido convencionado assim.

O importante é que há um diferença que tem que

ser reconhecida e isto não é uma tarefa simples nem fá-
cil para o sujeito. Um movimento mais constante re-encon-
trável nas atuais alegorias do gênero é o de um amorteci-
mento desta diferença, que passa a ser relativizada dada
a revelação da arbitrariedade, ou melhor, contingência,
de sua distinção. Ao biológico não resta mais nenhum do-
mínio, já que é o ego corporal, com sua coleção PRÉ-DI-
LETA de signos, que lhe designará a imagem a sustentar,
seja às custas do que for.

No clássico exemplo de Lacan, de duas INSCRI-
ÇÕES sobre duas PORTAS, duas ENTRADAS numa plataforma
de uma ESTAÇÃO ferroviária, designando 'HOMENS' e 'SENHO-
RAS', ele nos interroga e responde:



'Aqui, o quê as crianças vêm? (...) duas pátrias para as quais suas almas se atirarão (...); ninguém poderia ceder quanto à primazia de uma sem atentar à glória de outra. (51, p.231)

Todas as segregações entre o que é masculino e feminino ou entre o que é de adulto e o que é de criança, por exemplo, são de-marcações e re-afirmações das diferenças e provêm do campo do significante, do inconsciente (A), que não deixa 'nenhuma de nossas ações' fora de seu alcance (cf. id., p. 245). Isto porque o que constitui o mundo humano depende destas diferenciações, ou seja, da ATRAÇÃO que os objetos diferenciados, identificados, podem nos provocar.

No narcisismo primário, ainda não existe a antítese consciente-inconsciente. Esta é uma aquisição do Édipo, quando QUESTÕES são introduzidas pela prévia separação de pares de opostos, efeito das perturbações das pulsões de vida, de Eros, o 'promotor de desordens' (cf. 28, p. 76).

Por outro lado, a relação triangular, a existência de um terceiro termo, aliada ao fato da bissexualidade constitucional, conferem ao Édipo um caráter múltiplo, no mínimo duplo, de verso e reverso, positivo e negativo, pois, na realidade, tanto o pai quanto a mãe estavam, inicialmente, sendo amados e odiados ao mesmo tempo. A diferenciação realizada na criança que a introduz ao Édipo, já é uma primeira eleição (imaginária) de uma imagem amorosa e de uma imagem hostil. Essa eleição se dará nos moldes das tendências já existentes no registros gravados de vivências anteriores com as figuras reais e seus desejos.

' (...) as crianças freqüentemente RE-
AGEm, em sua atitude edipiana, a
um estímulo proveniente de seus pais,
que amiúde se deixam levar, nas suas
preferências pela diferença do sexo,
de modo que o pai escolherá a filha
e a mãe escolherá o filho como favo-
rito, ou, no caso de um esfriamento
conjugal, como SUBSTITUTO de um obje-
to de amor que PERDEU VALOR. (28, p.
248)

Esclarecendo o caráter duplo do Édipo, que impli-
ca na existência das quatro tendências, Freud simplifica
suas explicações tomando como base apenas o modelo do Édi-
po 'positivo', ou seja, aquele que se inicia com o in-
vestimento amoroso na figura materna e o investimento hos-
til na figura paterna, para ambos os sexos, e se justifica:

' (...) de modo algum o complexo de
Édipo simples é a sua forma mais co-
mum, mas representa antes um simplifi-
cação ou esquematização que é, sem dú-
vida, freqüentemente justificada para
fins práticos.') id., p. 47)

É essa disposição que implicará na identificação
com o elemento hostil, a lei do pai, como um elemento
central na formação da estrutura do sujeito, tendo essa
identificação, uma função regulativa, portanto, homeostá-
tica: a função LEGAL DE REGULAÇÃO e ORDENAÇÃO do desejo,
a CASTRAÇÃO SIMBÓLICA.

Na verdade, pai e mãe, reais, cumprem tanto a função protetora — que fornece uma defesa do desejo, quanto a hostil — que exige a defesa do desejo, funções convencionalmente atribuídas à mãe e ao pai, respectivamente, e assim, a travessia do Édipo implica na aquisição dessas duas funções paternas, com a dominância de uma sobre a outra, de acordo com as possibilidades identificatórias pré-existentes no triângulo edípico.

'(...) o resultado, então, é uma SÉRIE com o complexo de Édipo positivo normal numa extremidade e o negativo invertido noutra, enquanto que os seus membros intermediários exibem a forma completa, com um ou outro dos seus dois componentes preponderando. (id., p. 48).

Estabelecido o triângulo na separação dos pares de opostos, surgem, na criança, os sentimentos de rivalidade e ciúme: a figura amorosa, se existente, não lhe pertence, está fora, dela criança, pois se ausenta, e às vezes, com o rival. Para Freud, é a RIVALIDADE e o CIÚME que dão início à dialética do Édipo e sua série de juízos (cf. id.). Portanto, se a imagem fascinante não se confunde mais com a criança, uma diferenciação já se impõe, e mais, se essa figura amorosa, além de não lhe pertencer, ainda pertence a um rival, que realizações deve essa criança enfrentar para tentar sair dessa posi

ção? Além disso, como modificar essa situação sem lhes perder o amor?

O Édipo se desenrola, portanto, devido ao próprio DESCONFORTO da posição inicial da criança que, a partir daí, deverá buscar outras melhores soluções. Muitas questões que nunca foram antes sequer levantadas, agora se impõem resolver. Não há escolha: a estrutura é determinada pelo desejo do Outro, e o Outro impõe essas questões como a Esfinge propõe seus enigmas. A criança se impõe sair da posição indiferenciada do narcisismo primário que já não dá mais conta da estrutura pela invasão dos intensos sentimentos ambivalentes que se apresentam como um perigo, uma ameaça de extinção à sua vulnerável integridade e coordenação. E é graças ao incômodo dessa intensa oscilação sem solução que esta posição é abandonada. Em outras palavras, é a regulação homeostática do aparelho, mais uma vez, entrando em funcionamento na determinação de uma mudança da estrutura, e essa regulação dependerá, para tanto, das possibilidades significantes que a estrutura já porta, ou seja, das primeiras incrições desejantes, que determinarão o rumo tomado na questão, emprestando-lhe o VERBO, a catexia.

À semelhança da dialética do senhor e do escravo hegeliana, a esse primeiro momento de rivalidade, momento de co-aptação imaginária, de luta por puro prestígio, se contrapõe o momento seguinte, o do PACTO que se

estabele entre os dois rivais, quando um se reconhece escravo e o outro senhor. No Édipo, cabe à criança reconhecer a existência de diferentes lugares, diferentes POSIÇÕES possíveis, outras opções. Cabe-lhe, então, reconhecer o lugar do pai e o seu lugar de filho deste pai, numa promessa de ser um futuro pai, semelhante a este, tão especial e importante, que tem a figura amorosa e protetora para si, legalmente.

As modificações estruturais que aqui ocorrem implicam numa nova disposição dos investimentos amorosos e hostis: a criança mantém um investimento possível na figura amorosa (mãe) e promove um desinvestimento da figura hostil (pai), identificando-se com ela. Este seria o primeiro movimento de RETORNO propriamente dito das pulsões, já que agora há um real desinvestimento de uma imagem externa e um primeiro investimento em si próprio que caracteriza o narcisismo secundário, o verdadeiro narcisismo, que dará seqüência à formação do ego. A libido se distribui, nesse momento, repartindo-se em libido sexual e libido do ego, segundo esses investimentos. A gestalt totalizante internalizada durante o narcisismo primário se contrapõe, agora, essa identificação ao pai, fruto do primeiro DESLOCAMENTO RE-ATIVO de catexias (cf. 28, p. 59).

Ao ego incipiente, à imagem inicial, o ego ideal,

se contrapõe essa nova imago portadora da lei, que, en quanto internalizada, dá origem ao superego que, por sua vez, veicula a instalação do ideal de ego.

'Na dissolução do complexo de Édipo, as quatro tendências em que ele consiste, agrupam-se de maneira a produzir uma identificação paterna e uma identificação materna. A identificação preservará a relação de objeto com a mãe que pertencia ao complexo positivo e, ao mesmo tempo, substituirá a relação do objeto com o pai que pertencia ao complexo invertido; o mesmo será verdade, mutatis mutandis, quando à identificação materna. A intensidade relativa das duas identificações em qualquer indivíduo refletirá a preponderância nele de uma ou outra das duas disposições sexuais'. (O Ego e o Id, p. 48/49).

Estas identificações, fruto do primeiro deslocamento reativo de catexias, trazem consigo uma renúncia, uma RECUSA, o primeiro abandono de objetivos sexuais, uma dessexualização, segundo Freud, 'uma espécie de SUBLIMAÇÃO', a primeira da vida do sujeito, que lhe abriria a possibilidade de realizar sublimações futuras.

'Em verdade, surge a questão que merece consideração cuidadosa, de saber se este não será o caminho universal à sublimação, se toda sublimação não

se efetua através da mediação do ego, que começa por transformar e libido objetal em narcísica e, depois, talvez, passa a fornecer-lhe outro objetivo.'
(*id.*, p. 44).

A identificação com a função paterna forma e estrutura o superego, a instância simbólica que retém consigo as antigas catexias objetais do id, suas primeiras paixões, e, portanto, o lugar do superego é bem próximo ao id, e tal como ele, pertence ao sistema inconsciente e se manifesta na forma de um 'IMPERATIVO CATEGÓRICO', à esteira do caráter compulsivo dos desejos.

'O superego contudo, não é simplesmente um resíduo das primitivas escolhas objetais do id; ele também representa uma formação reativa enérgica contra essas escolhas. A sua relação com o ego não se exaure com o preceito: "Você DEVERIA SER assim (como o seu pai)". Ela também compreende a proibição: "Você NÃO PODE SER assim (como o seu pai)", isto é, você não pode fazer tudo que seu pai faz; certas coisas são prerrogativas dele.' (*id.*, p.49).

É desta forma imperativa que o superego oferece a lei que regula e possibilita a REPRESENTABILIDADE do desejo: ele fornece o CÓDIGO que legitima o disfarce, a farsa, e assim, compele ao disfarce e à farsa. O super-

ego fornece o código de linguagem que impõem e legitima a NEGAÇÃO, a recusa, no RECALQUE PRIMÁRIO, e a SUBSTITUIÇÃO desse recalcado por uma formação de compromisso, um discurso, que regula o ser, através dos sucessivos recalques futuros orientados pelo recalcado original.

No recalque primário, os desejos são negados de uma maneira diferente dos recalques posteriores, os recalques propriamente ditos. No recalque primário é negado que algo chegue a ser significado: as 'primeiras e verdadeiras catexias de objeto.' A estas, não poderá corresponder nenhum significante porque não lhes é dada tal permissão: "Não pense mais nisso", fala Jocasta a Édipo. (cf. SÓPHOCLES, p. 52). Com essa interdição, são recalcados simultaneamente a imagem totalizante e o real, instaurando uma falta imaginária e uma falta real que exigirão, em algum momento posterior, alguma significação, surgindo, assim, as formações sintomáticas. A imagem do objeto recalcada, para todo o sempre inacessível, PERDIDA, forma o núcleo do inconsciente e o inaugura.

O recalque, portanto, não implica num julgamento no sentido de uma escolha consciente — esta jamais será possível — porém, prepara o terreno para os julgamentos conscientes que, a partir de então, serão possíveis. Com a internalização da oposição externa já efetuada, esta fornece ao sujeito o recurso do NÃO, da negativa, do disfarce do desejo inerente ao código da linguagem. O su

perego regula o DIZER: o que dizer, como dizer, o que não dizer, ou seja, as ENUNCIACÕES. O superego regula o ATO da palavra, o que significa, regula o tempo presente.

Por outro lado, a identificação com a função paterna que indica o caminho da sublimação, viabiliza a identificação com a função materna, a função protetora, sendo instalado o ideal do ego, a instância imaginária regulada pelo superego, que, como o nome indica, estabelecerá os IDEAIS a serem atingidos pelo ego num tempo futuro: "Você DEVE SER assim." O ideal do ego retém os signos que adjetivizam, qualificam e desqualificam os conteúdos do ego, suas identificações, e dessa forma, é a instância que tanto enaltece o sujeito quanto a anarquiza e deprime. Enquanto o superego regula o ato, as ações no presente, o ideal de ego propõe as ações futuras, o vir-a-ser, as próximas identificações.

Com a passagem pelo Édipo, portanto, o sujeito adquire uma importante nova categoria lógica: estando relacionado à função perceptiva, o ego, o eu, a primeira pessoa do SINGULAR, o sujeito do verbo, confere aos processos mentais uma ORDEM TEMPORAL. (cf. 28, p. 72). O sujeito adquire os tempos: (1) passado: registros do imaginário (voz passiva) cujos protótipos são o ego ideal e o ideal do ego; (2) presente: registros do simbólico (voz ativa) sob o comando do superego; e (3) futuro: registros do real nos movimentos de retorno dos circuitos pulsionais.

Para Freud, com essa aquisição, o sujeito está capacitado a exercer sua função de 'teste da realidade' : ele agora poderá e deverá julgar se há ou NÃO há no real externo, algo que existe internamente como representação.

'Interpondo os PROCESSOS DE PENSAMENTO, assegura um ADIAMENTO das descargas motoras e controla o ACESSO à MOTILIDADE. (...) necessita de um tempo, HESITA.' (id, grifo nosso).

O sujeito hesita, oscila entre representações e, enquanto está nesta situação, o sujeito é pura angústia, e surge da angústia. O ego, o eu, Freud o coloca como sendo a 'sede real da angústia'. Seu temor é o de aniquilamento, e por isso teme o real: ver o que não há, o temor da castração, medo no processamento deste real de uma FALTA.

'(...) a mesma situação que fundamenta o primeiro grande estado de ansiedade do nascimento e a ansiedade infantil do DESEJO, a ansiedade devida à separação da mãe PROTETORA.' (id., grifo nosso).

Logo, é necessária a separação da mãe protetora para que o sujeito possa adquirir uma CATEXIA PROTETORA, entrar no circuito do DESEJO. Como herdeiro desta separação, desta ausência, surge o significante do falo (Φ), fru

to do primeiro significado NEGADO, instaurando-se assim, uma falta significante que reassegura a instalação da primeira metáfora, a metáfora paterna, o Nome do Pai, em substituição.

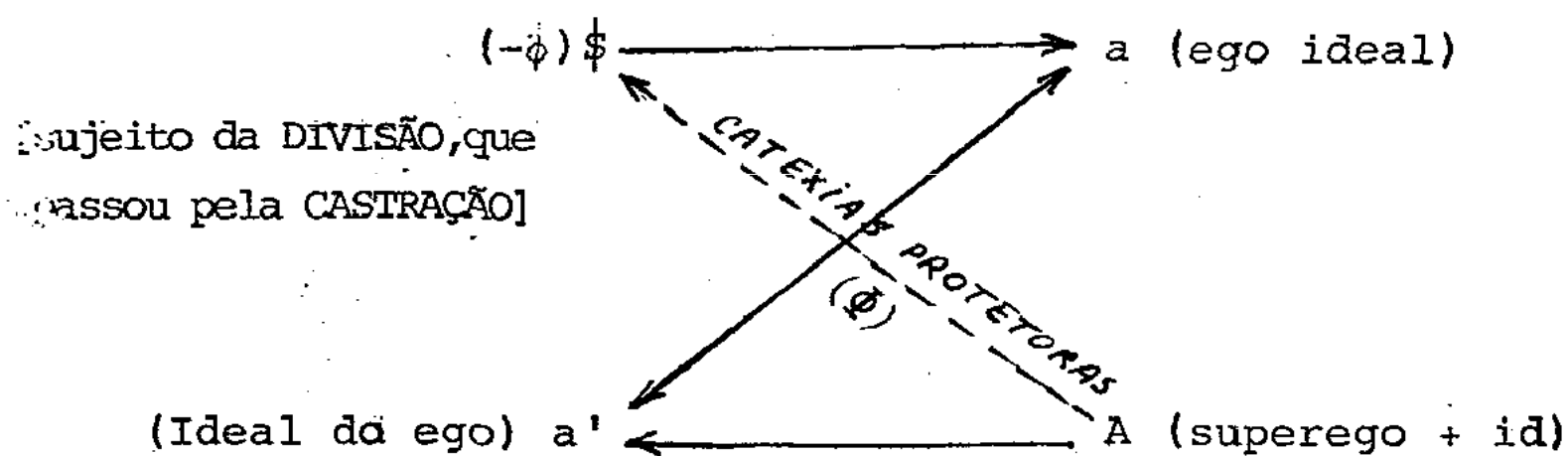
Este significante da falta, o significante do falo, surge na medida em que o sujeito reconhece que os outros, pai e mãe reais, também são faltantes, e não só ele próprio, e desse modo, o sujeito se identifica com um desejo. O significante fálico é o significante do desejo do Outro, o fornecedor de catexias protetoras que substituirão, após o recalque primário, a falta significante. Para a formação de uma catexia protetora, o superego fornecera um significante, e o id fornecera a catexia; ambos forneceram um signo de amor, o que possibilita ao sujeito entrar num circuito desejante. Só pela via simbólica o sujeito pode se IDENTIFICAR a um DESEJO e, com a simbolização, a proteção torna-se novamente presente.

O falo não é uma fantasia, ou um objeto ou um órgão, ele é uma FUNÇÃO de DIVISÃO, a do recalque primário, Urverdrängung, que possibilita, na identificação com um desejo, o aparecimento do APELO, da DEMANDA, do DISCURSO.

As diferentes estruturas possíveis, neuróticas, perversas e psicóticas serão conseqüências da ausência ou presença dessas articulações edípicas essenciais, o

símbolo fálico e o signo identificatório.

Na estrutura neurótica, o recalçado original con diciona os recalques posteriores, as substituições sucesivas de identificações e as formações sintomáticas, dis cursivas. O neurótico simboliza o real. Os registros estão articulados por esta simbolização, fruto da VERDRÄN-GUNG, o recalque. Lacan nós apresenta um esquema (o esquema L), que ilustra tal articulação:

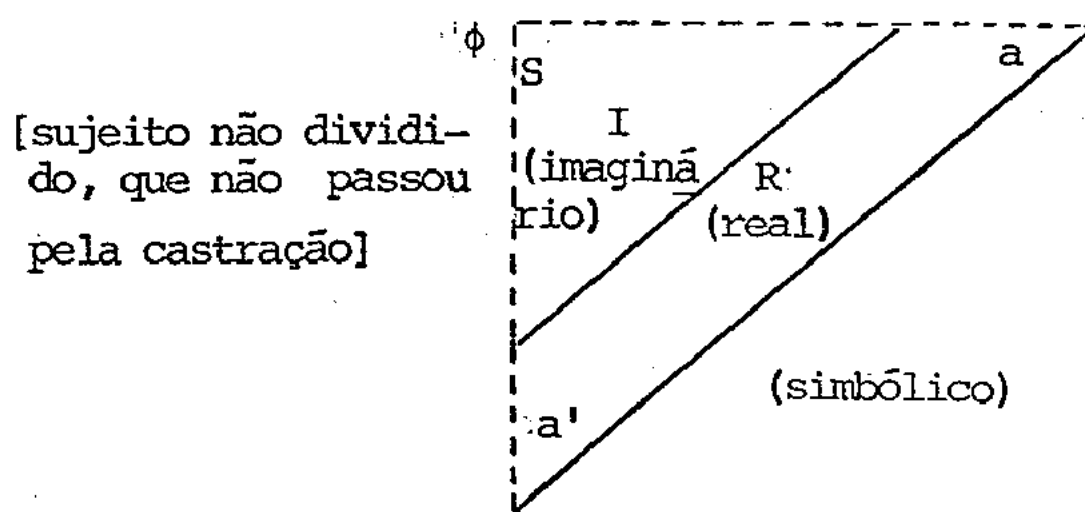


Na estrutura perversa, embora haja identifica ção primária e a instalação do Nome do Pai, a metáfora paterna em sua função de nomeação, a dialética edípica se interrompe no fenômeno da oscilação há x não há, no limi te do reconhecimento da castração, ou seja, no limite do reconhecimento do desejo do Outro. Com esse fenômeno da recusa da castração, a VERLEUGNUNG, a estrutura per versa se fixa no plano imaginário, lúdico, sendo, portan- to, uma estrutura sempre frágil, submetida a constantes inversões de posições, de mudança de signos, de sinais,

positivo e negativo. Não há parada da oscilação ou vacilação, sendo o mais característico da relação perversa a INCERTEZA, (segundo Lacan, a característica que lhe dá valor).

A estrutura psicótica, onde falta a identificação primária, não porta essa possibilidade de se utilizar da substituição do que falta no real nem por um símbolo nem por uma imagem e, portanto, alucina e delira sobre este real, sempre presente, nunca ausente, nunca representável. A rejeição VERWERFUNG, da metáfora paterna não permite que o sujeito abandone a catexia objetal com a figura protetora, mãe, não adquirindo uma CATEXIA PROTETORA SUBSTITUTA, uma IDENTIFICAÇÃO a um desejo, um SÍMBOLO. O imaginário não está vinculado ao simbólico para o processamento do real e, não identificando um desejo, o psicótico não entra em nenhum circuito desejante.

Lacan nos apresenta, então, como esquema representante da estrutura na psicose, um esquema onde os registros do simbólicos, do imaginário e do real existem, mas, completamente desarticulados, não conjugados pelo significante fálico:



Com a ausência de articulação desta estrutura, as experiências, impossibilitadas de serem simbolizadas, retornam infinitamente do real, no fenômeno da alucinação e do delírio. Com a ausência da função de nomeação da metáfora paterna, os objetos e as coisas não se diferenciam, perdendo seu poder de atração dada sua indiscriminação.

...

Oedipus: (...) My fear misled me.

Jocasta: Think no more of it.

Oedipus: There is the other still to fear... my mother...

Jocasta: Fear? What has a man to do with fear?

Chance rules our lives, and the future is all unknown.

Best live as best we may, from day to day.

Nor need this mother-marrying frighten you;

Many a man has dreamt as much. Such things

Must be forgotten, if life is to be endured.

SOPHOCLES

'OEDIPUS THE KING'

III. A DINÂMICA DO SUJEITO

1. A 'DEFESA' (ABWEHR)

No comentário introdutório do editor inglês das obras de Freud, James Strachey (vol. I), é dito que o termo 'DEFENSE', assim como sua tradução portuguesa 'DEFESA', em bora uma tradução correta, tem uma conotação mais passiva que o termo alemão ABWEHR. O "verdadeiro" sentido da pala vra incluiria uma noção de atividade maior com em 'recha ço' : não admitir, repelir, rejeitar. Interessante é notar que ABWEHREN, como verbo intransitivo — aquele que não necessita de objeto — tem o sentido de 'divergir' , 'di ferir' ; e como verbo transitivo — aquele que pede um ob jeto — tem o sentido de 'des-colar' (cf. 42, p.672). Em francês, em 'DÉFENSE DE' há ainda uma nova idéia, a de 'interdição' (cf. 53, p.155). Portanto, de saída, o termo 'defesa' deixa muito a desejar em relação ao que foi expr imido originalmente por Freud: uma ação que, poderíamos di zer, intenta uma DIFERENCIAÇÃO (quando não há objeto) ou um DES-COLAMENTO (quando há objeto) e que representa uma IN TERDIÇÃO.

Em Freud, o termo 'defesa' aparece pela primeira vez em 1894 no texto 'As Neuropsicoses de Defesa' (Die Abwehr-Neuropsychosen) como o resultado da divisão da cons ciência, o que possibilita a inibição da associação de idê ias, o que seria comum a vários fenômenos: histéricos, fô

bicos, obsessivos etc... . Existiriam as procedimentos de defensivos em consequência da necessidade do sujeito de se proteger da angústia.

Breuer usa esse termo em 1895 nas suas 'Considerações Teóricas' dos 'Estudos sobre a Histeria', apontando um sentido que Freud desenvolveria posteriormente. Ele questiona se todas as manifestações histéricas seriam 'IDEOGÊNICAS' ao considerar que a reação normal a uma excitação intensa seria 'COMUNICÁ-LA PELA FALA'. E as manifestações histéricas patológicas corresponderiam a determinadas excitações retidas e não comunicadas, o que Freud denomina, nesta ocasião, de 'manifestações histéricas de retenção' (cf. 3, p. 265). Na sugestão de Breuer, a 'defesa' corresponderia à

'(...) supressão deliberada de idéias penosas que parecem ameaçar a felicidade ou o amor-próprio do indivíduo' (id., p. 268).

No 'Projeto' (1895), Freud desenvolve esta questão partindo da noção de 'defesa biológica' (imunologia) e ex tendendo-a até a noção de defesa psíquica ou 'defesa de pensamento'. Neste texto a patologia aparece relacionada à ausência de inibição ou à ausência de defesas, o que cor responderia aos processos psíquicos primários:

'A catexia de desejo, levada ao ponto da

alucinação e a completa produção do des
prazer, que implica no TOTAL CONSUMO DA
DEFESA, foram por nós consideradas como
processos psíquicos primários. (38 ,p.432,
grifo nosso)

Neste momento, Freud relaciona desejo e defesa quan
do se refere à mútua implicação existente entre a 'atração
de desejo primária' e a 'defesa primária' , desenvolven
do a consideração de que sem defesa primária não há dese
jo. Em outras palavras, a defesa expressa o desejo (cf.id.,
p. 427).

Essa defesa primária dependeria da existência de
BEJAHUNGS primordiais (afirmações impostas provenientes do
campo do Outro) registradas como as primeiras inscrições de
sejantes, as inscrições provenientes do pai simbólico, que
possibilitam a instalação do significante do Nome-do-Pai. A
defesa primária equivale, portanto, ao recalque primário
(UR-VERDRÄNGUNG), que implica na forclusão do real e a
consequente entrada do sujeito na ordem discursiva, simbóli
ca, a única possibilidade de reconhecimento do desejo.

O termo 'recalque' (VERDRÄNGUNG) surge pela primei
ra vez na 'Comunicação Preliminar' de Breuer e Freud dos
'Estudos sobre a Histeria' em 1893 (cf. 3, p.51), aparecen
do antes do próprio termo 'defesa' que, como vimos, surge
com Freud em 1894. Designa, tal qual o conceito de 'defe
sa', uma INIBIÇÃO ASSOCIATIVA COMO PROTEÇÃO CONTRA A ANGÚS
TIA. Incide diretamente sobre as idêias, tornando-as isola

das, afastadas do curso normal do pensamento.

Em alemão, o termo Verdrängung tem exatamente esse sentido de DESALOJAMENTO (cf. 42, p. 1137): uma idéia é de salojada, retirada, ou não é permitida a sua entrada no lu gar a que deveria pertencer na cadeia associativa.

Com o primeiro recalque — o que não permite a entrada de uma idéia na cadeia associativa — uma primei ra cisão (SONDERUNG) da mente ocorre: a que separa os pro cessos primários dos processos secundários, ou seja, a que dá início à estruturação psíquica criando a antítese cons ciente-inconsciente (cf. 15, p.170).

A ausência dessa defesa primária caracterizaria a patologia mais grave, a psicose, onde tal antítese é inexis tente. Ao invêz de promover a foraclusão do real, o sujei to psicótico, de alguma forma, se vê obrigado a foracluir o significante do Nome-do-Pai, a língua materna, perdendo, com isso, sua possibilidade de identificação, reconhecimento e representabilidade do desejo enquanto LEI. Nesta estrutura não há identificação primária, não há inscrições desejantes, e esse modo de defesa, a 'rejeição' (Verwerfung da língua materna) forma uma falha, em buraco, no contexto apercepti vo, irreparável, sendo, portanto, a única 'defesa não-cons titutiva', na verdade, uma AUSÊNCIA DE DEFESAS.

Com essa falta de uma BEJAHUNG PRIMORDIAL, não se forma o campo do Outro (A), e o sujeito permanece sendo uma consequência direta do desejo do outro, mãe (a), sem possi

bilidades defensivas. (cf. 47, p. 21).

No Seminário XI, considerando a questão da psico
se, Lacan nos diz que:

*'É na medida em que, por exemplo, a criança, a criança dêbil toma o lugar (...) em relação a esse algo a que a mãe reduz a não ser mais do que o suporte do seu desejo num termo obscuro, que se introduz na educação do dêbil a dimensão do psicôti
co'. (49, p. 225).*

Com a forclusão da função simbólica — o Nome-do-Pai, a língua materna — só existe, para o psicótico, o pai real não simbolizado, e, se o pai do psicótico é real, ele é alucinatório, pois, não há um NOME que o represente. E ainda, sem a LEI de NOMEAÇÃO, não há produção de TEORIAS DA DIFERENÇA que se contraponham, não emergindo o significante do falo (Φ), o significante da falta em sua função de diferenciação. Ao invêz da vigência do Nome-do-Pai, há vigên
cia do real: O REAL DOMINA A FUNÇÃO.

Dessa forma, o psicótico não se identifica a um desejo (do Outro), ele permanece sendo o desejo do outro, o falo da mãe, que se corporifica, não num significante, mas num corpo real, ele próprio. Assim, o sujeito vive sob as ordens determinantes do desejo do outro enquanto um ENUNCIA
DO DEFINITIVO, irrevogável, que tem para ele, o sujeito psi
cótico, o VALOR DA REFERÊNCIA AO REAL perdendo a possibili

dade de produzir suas próprias ENUNCIÇÕES DEFENSIVAS.

Sem defesas, o "eu" do psicótico permanece colado no real do enunciado imposto: não adquire a função do SÍMBOLO — as correspondências CO-UNÍVOCAS — e os significantes, ou equivalem estritamente a significados não permutáveis, ou seja, equivalem ao real, como nas correspondências BI-UNÍVOCAS, ou então, perdem eles próprios a diferenciação entre si, como nas correspondências UNÍVOCAS.

A construção do delírio, que Freud indica ser a tentativa de cura do psicótico — a FORMAÇÃO DE UM DISCURSO PRÓPRIO — se delimitará a um enunciado fixo, colado no real.

Por exemplo, na esquizofrenia, o sujeito toma o real pelo simbólico, como se o simbólico pudesse dar conta do real que aí, nesta situação, o psicótico não sabe que é IMPOSSÍVEL: NÃO HÁ REPRESENTAÇÃO DA FALTA SIGNIFICANTE. É a própria DISPERSÃO. A cada novo significado que se apresenta a seus ouvidos surge um novo real, e o sujeito é diferente, a situação de vida é diferente, tudo é diferente de momento para momento — não há nenhuma possibilidade de comparação, identificação, julgamento e substituição. As vivências são fragmentadas, o discurso é fragmentado: surgem novas holófrases e cada momento — $(A+a)_1 \dots (A+a)_2 \dots (A+a)_3 \dots (A+a)_n \dots$ Seu delírio se compõe, ou melhor, não se compõe, enquanto um SABER PULVERIZADO.

Já na paranóia, há a composição de um delírio por

meio do qual é adotada uma "teoria da diferença" derivada do PODER DA IMPOSIÇÃO de um enunciado. E, se um enunciado se mantém pregnante porque imposto e não houve vivência da situação, NÃO HÁ ENUNCIÇÃO. Logo, na construção do delírio paranóico, a referência do sujeito está nesse enunciado tomado por si, e o delírio se delimitará a um SISTEMA FECHADO de idéias regidas por RELAÇÕES CAUSAIS, que formarão um saber que se exprime no fenômeno da CRENÇA e que excluirá todo apelo, toda demanda, impedindo-se, assim, a formação das relações inter-subjetivas. Ao contrário da situação esquizofrênica, este saber se apresentará num bloco compacto, numa holófrase única — (A+a). Seu delírio se constitui num SABER ABSOLUTO.

A situação do psicótico é, como vimos, a de ausência de defesas: não há diferenciação, não há descolamento, não há interdição. É uma situação extrema de impossibilidades defensivas: não há reversão no oposto, não há retorno da pulsão sobre si mesmo, não se forma o verbo reflexivo... e o 'si mesmo' é impossível dada a colagem fixada da afirmação inicial imposta. E, se o sujeito da enunciação é heterotópico, situando-se no intervalo significante, e surge da angústia, aqui não há nem pode mesmo haver enunciação pois o sujeito psicótico, ao invés de se situar no intervalo, ele é o significante imposto.

Em outras condições estão as estruturas na perverse são e na neurose, pois, nestas, há defesas.

Vimos que Freud, no texto 'A Pulsão e suas Vicissitudes' enumera quatro diferentes mecanismos constitutivos do sujeito considerados como 'MODALIDADES DE DEFESA': (1) a reversão no oposto: (2) o retorno em direção a si próprio ; (3) o recalque, e (4) a sublimação. Estes seriam os mecanismos constitutivos da estruturação psíquica pelas vias pulsionais: ativas, passivas e reflexivas, fundantes da estrutura inicial, a perversão.

Nos 'Tres Ensaíos ...' Freud define a criança como um PERVERSO POLIMORFO. É na situação do narcisismo primário, como vimos na questão da introdução ao Édipo, que inicia-se a estruturação pulsional. Isto, na dependência da identificação primária, ou seja, na dependência da existência do pai simbólico para a criança, o que lhe propicia a aquisição da metáfora paterna enquanto representante do campo do Outro (A) diferenciado do campo do objeto (a).

A estruturação terá início, portanto, com a reversão significativa (por exemplo, VER - SER VISTO) implicada no movimento de retorno do percurso pulsional. A cada volta deste circuito, uma nova aquisição estrutural se dará. Nas palavras de Lacan, a pulsão,

'(...) invaginando-se através da zona erógena [ouvido, olhar, boca, ânus...], está encarregada de IR BUSCAR ALGO que, de cada vez, responde no Outro'. (49, p. 185).

Desse modo, teríamos:

- . no nível da pulsão escópica: busca no outro o OLHAR
- . " " " " auditiva: " " " a VOZ
- . " " " " oral: " " " o SEIO
- . " " " " anal: " " " o SIGNIFICANTE.

No nível da perversão, o real já está foracluído, deposto, e substituído por uma imagem. Se a estruturação não segue outro caminho e se interrompe e se fixa neste nível, tem-se no adulto a estrutura perversa.

Na estrutura perversa, embora haja identificação primária, não há recalque, por uma RECUSA do sujeito em admitir totalmente a castração, e as defesas utilizadas — a reversão e o retorno — se exprimirão pela VERLEUGNUNG, que permite a existência simultânea de duas correntes de pensamento contrárias, o que ACEITA, e a que NÃO ACEITA a castração.

A ausência de recalque implica numa AUSÊNCIA de INIBIÇÃO, não só de julgamento e pensamento, quanto das ações do sujeito. Desse modo, a perversão se revela, como Freud nos indicou, como aquilo que o neurótico nem AGE, nem FALA. A ausência de inibições leva o sujeito diretamente à ATUAÇÃO, sem que seja interposto entre o desejar e o agir, um tempo de hesitação para o pensamento e julgamento da ação desejada.

No lugar da falta significante não será colocado outro significante para recobrir essa falta, mas o objeto do FETICHE, enquanto uma IMAGEM privilegiada. A estrutura perversa vive na vigência da imagem do objeto: o IMAGINÁRIO DOMINA A FUNÇÃO.

Aqui, o desejo do Outro não entra em consideração a não ser que "coincida" com a imagem do objeto eleito. Em outras palavras, o que caracteriza o ato perverso é o AGIR com a suspensão do desejo alheio. Esta estrutura, de análise, não quer nada saber.

No caso da estruturação psíquica não se interromper no nível da perversão, e seguir outro diferente caminho, o sujeito irá adquirir a terceira modalidade defensiva, o recalque, e a estrutura será a da neurose. Na neurose, não será possível manter simultaneamente duas afirmações que se contradizem como na perversão. Aqui, algo, ou HÁ ou NÃO HÁ, ou então, ou É ≠ ou NÃO É ≠. Uma das correntes contrárias terá que ser recalçada para que a outra vigore, pois o sujeito não suportará o incômodo da oscilação (ou, ou).

O recalque, entretanto, tal como as duas primeiras modalidades defensivas, não é o resultado de uma escolha consciente: é uma imposição determinada pelas condições homeostáticas da estrutura: é uma defesa contra uma angústia excessiva.

No 'Rascunho K' das correspondências de Freud com

Fliess, como em outros escritos desta época, o recalque aparece como consequência de uma EXPERIÊNCIA TRAUMÁTICA. Na 'Comunicação Preliminar, o trauma psíquico é definido por Freud como:

'[...] qualquer experiência que possa evocar emoções aflitivas tais como as de susto, angústia, vergonha ou dor física.'*
(3 , p.46).

Em 1914, ao escrever a história clínica do caso do 'Homem dos Lobos', Freud reafirma a importância do trauma na determinação da estrutura neurótica, após havê-la deixado de lado por algum tempo.

'A velha teoria do trauma das neuroses, que foi, afinal de contas, construída sobre impressões obtidas na prática psicanalítica, de repente vierá outra vez para o primeiro plano'. (25 , p. 119)

Voltando ao 'Rascunho K' de 1896, neste, Freud diferencia quando a 'tendência normal à defesa' pelo recalque resulta 'inócua' e quando torna-se 'prejudicial':

(1) resulta inócua: *'[...] quando se trata de idéias às quais em alguma época, estava ligado algum desprazer, mas*

* Erro de Tradução: no original alemão, a expressão utilizada por Freud é "dor psíquica".

que, na época atual, não tem possibilidade de originar desprazer recordado (...) e também em tais casos, essa tendência pode ser dominada por interesse psíquico'.

(2) torna-se prejudicial: '(...) se ela é dirigida contra idéias também capazes de, sob a forma de lembranças, liberar um desprazer novo — como é o caso das idéias sexuais'. (40, p.300/301).

Aqui, nos deparamos, uma vez mais, com a característica retrospectiva (nachträglich) dos fenômenos inconscientes, a noção do aprês-coup. E Freud justifica como no caso das idéias sexuais tem-se a oportunidade de observar claramente como determinadas lembranças adquirem, pela primeira vez um significado, após um período de latência, na puberdade.

Esta hipótese já havia sido levantada, e de maneira até mais detalhada, no capítulo 4, da parte II, do 'Projeto' — A Pseudo História — onde Freud exemplifica a questão com um caso clínico e o conclui dessa maneira:

'Aqui deparamos com um caso em que a lembrança desperta um afeto que não pode suscitar quando ocorreu na qualidade da experiência, porque nesse entretanto as mudanças [trazidas] pela puberdade tornavam

possível uma interpretação diferente do que era lembrado. Ora, esse caso é típico da repressão que se manifesta na histeria. Sempre se comprova que a lembrança fica reprimida apenas quando se torna um trauma por ação retardada. O motivo desse estado de coisas é o retardamento da puberdade em relação com o resto do desenvolvimento da pessoa'. (38 , p. 468)

A característica bi-fásica do desenvolvimento da sexualidade, onde se interpõe um período de latência é fundamental na estruturação psíquica, pois, este período de latência, será o protótipo e garantia de um tempo que se impõe para o pensamento, entre o desejo e a ação discursiva , ou, como diz Freud, tempo para 'traduzir a emoção em palavras'. (cf. 40 , p.47).

O recalque, enquanto consequência de um trauma, praticamente obriga a que se fale. Existiriam, segundo Freud, outros vários 'processos de desgaste de uma emoção' para eliminar o efeito patológico de um trauma:

'O esmaecimento de uma lembrança ou a perda de uma emoção depende: se houve uma reação enérgica ao fato que provoca uma emoção ... das lágrimas a atos de vingança'. (id., p. 48).

Mas, continua Freud,

'(...) a linguagem serve de substituto para a ação, e, dessa forma, uma pessoa normal é capaz de provocar o desaparecimento da emoção acompanhante através do processo de associação'. (id., p. 49, grifo nosso)

Na estrutura neurótica, em substituição a uma falta significativa, o sujeito colocará um outro significativo, e este, não servindo mais, também poderá ser substituído. Por outro lado, para cada significativo que se imponha, vários significados poderão se substituir uns aos outros. Isso é possível graças ao recalque, o que possibilita a ação do símbolo.

Há uma lógica no recalque: o que a estrutura neurótica recalca é o desejo perverso, e, enquanto esse desejo é recalcado ele permanece fora da lei, fazendo agir no escuro, provocando a volta do recalcado num discurso sintomático. O desejo, assim, permanece indestrutível, acobertado pelo processamento neurótico em forma de demandas sucessivas ou compulsivas.

Na neurose, a estrutura está na vigência do Nome-do-Pai: O SIMBÓLICO DOMINA A FUNÇÃO.

Nesta vigência, o sujeito pode se utilizar do símbolo da negativa, e assim, AFIRMAR ou NEGAR os enunciados impostos por meio de suas próprias enunciações. Dessa forma o sujeito entra no regime da denegação, da VERNEINUNG, sal

vando o pensamento e o julgamento das limitações do recalque e das compulsões associativas, por uma intervenção que, agora, já pode ser consciente (cf. 30, p.300). Pois, com esse recurso da negativa, o TEMA do recalcado pode surgir na consciência e ser abordado pelo sujeito. A partir disso, esse tema pode ser pensado e repensado, e então, RE-JULGADO, desta feita, conscientemente, num processo que Freud denomina VERURTEILUNG ou URTEILVERWERFUNG, termos não muito bem traduzidos para o português como 'julgamento de condenação' (cf. id., p. 297). Assim, o que estava recalcado no id, poderá ser re-integrado pelo sujeito ou não, sem que qualquer uma dessas alternativas acarrete danos ou ameaças à estrutura, salvaguardando-se o desejo e reduzindo-se a angústia a um sinal.

Neste procedimento da VERURTEILUNG, reencontraríamos a quarta modalidade de defesa, a SUBLIMAÇÃO, que, segundo Freud, pode efetuar-se 'REGULARMENTE' pela mediação do sujeito através dos processos de pensamento. Encontramos essas considerações no texto 'O Ego e o Id.':

*'Se os processos de pensamento, no sentido mais amplo, devem ser incluídos entre [esses] deslocamentos, então, a ATIVIDADE DO PENSAR é [também] suprida pela SUBLIMAÇÃO de forças motivadoras eróticas'.
(28 , p. 61)*

Recapitulando, os processos defensivos são os pro

cedimentos constitutivos da estruturação psíquica e incidiriam sobre as percepções, as representações e os juízos, na forma de MÉTODOS de NEGAÇÃO.

(1) Incidiriam sobre as PERCEPÇÕES:

'Rejeição' (VERWERFUNG) : a única "defesa" não-constitutiva do aparelho psíquico, sendo talvez mais correto não denominá-la por defesa, já que Freud não a inclui em sua própria classificação; provoca uma falha no contexto aperceptivo, com a consequente não formação de catexias inconscientes, numa espécie de 'ABOLIÇÃO SIMBÓLICA' ; acarreta as afasias assimbólicas, ou seja, as psicoses; sua consequência, o DELIRAR e o ALUCINAR.

'Recusa' (VERLEUGNUNG) : defesa que incide sobre a realidade externa quando o sujeito se recusa a reconhecer o real de uma percepção traumatizante, a CASTRAÇÃO; envolve, nos movimentos pulsionais, a reversão significativa e o retorno sobre 'si mesmo' com a exclusão do recalque devido à eleição de uma imagem particular (o objeto do fetiche) que interrompe a oscilação por um certo tempo, permitindo, assim, a coexistência de duas posições irreconciliáveis, a recusa e o reconhecimento da castração; sua fixação acarreta a estrutura perversa; sua consequência, o AGIR.

(2) Incidiria sobre as REPRESENTAÇÕES VERBAIS:

- . 'Recalque' (VERDRÄNGUNG): defesa que promove uma retirada de catexias prē-conscientes, alterando a secundaridade; é uma operação dinâmica que implica na manutenção de um contra-investimento constante devido à força do desejo inconsciente que procura atingir a consciência e a motilidade, o que ocasiona o retorno do recalcado e a formação de substituições por SÍMBOLOS; nestas operações de investimentos e de sinvestimentos das representações verbais, o que fica alterado e prejudicado, e ao mesmo tempo, se impõe como necessário, é o discurso; sua fixação acarreta a estrutura neurótica; sua consequência, O SIMBOLIZAR

(3) Incidiriam sobre os JUÍZOS ou JULGAMENTOS:

- . 'Denegação' (VERNEINUNG) : defesa adquirida com o auxílio do símbolo linguístico e lógico da negativa, com o qual o TEMA envolvido na operação do recalque é liberado para o pensamento sem, entretanto, que haja admissão do recalcado; tem o valor de um índice que revela a aproximação com o NÚCLEO do recalque na cadeia associativa do discurso; sua consequência, 'o pensamento LIBERTA-SE das LIMITAÇÕES DO RECALQUE.
- . 'Julgamento de Condenação' (VERURTEILUNG) : processo de pensamento, de elaboração e re-elaboração, que visa um novo julgamento, agora consciente, das questões envolvidas no recalque, e que permite uma apropria

ção, pelo sujeito, de seu conteúdo emocional, ou seja, do desejo; implica na travessia do sintoma; sua consequência, a possibilidade de SUBLIMAÇÃO.

2. DESEJO E SINTOMA

É de importância fundamental para a teoria e a prática psicanalítica a redescoberta freudiana de que os sintomas possuem um sentido, tal como os sonhos e os lapsos de linguagem. E esse sentido é o desejo: enquanto a defesa promove a existência e a representabilidade do desejo, o sintoma preserva essa existência e demonstra sua persistência.

A passagem ou a não passagem pelo Édipo define a defesa; a defesa define a estrutura, psicótica, perversa, ou neurótica; a estrutura, por sua vez, definirá o sintoma. Para Freud, o sintoma é,

'(...) uma experiência que é típica em si mesma — COMUM A TODOS OS SERES HUMANOS'.
(19, p. 321).

O sintoma, seja o delírio, o ato, ou a simbolização, é um substituto do desejo inconsciente, o representante de sua insistência, que marca e revela o traço particular, o estilo de cada um, tal como a 'marca de origem' a que Freud se refere no texto da 'Negativa' — 'Made in Germany' (cf. 30, p. 297).

Sua estrutura é a própria da constituição do aparelho psíquico, a da linguagem. Lacan, em seu escrito 'A Instância da Letra no Inconsciente', define o sintoma como 'uma metáfora ligada à questão do ser'.

'O mecanismo a duplo gatilho da metáfora é precisamente o mesmo em que se determina o sintoma. (...) Entre o significante enigmático do trauma sexual e o termo que ele vem substituir, passa a centelha, que fixa num sintoma, a significação inacessível ao sujeito consciente'. (51, p.249).

Em contraposição, o desejo, a que a metáfora-sintoma substitui e representa para o sujeito, é 'uma metonímia ligada à sua falta'.

'Os enigmas do desejo não são devidos a desregramento dos instintos, senão, a terem sido encarrilhados, nos trilhos - eternamente tendidos para o desejo de outra coisa. (...) É numa memória (...) que jaz esta cadeia que insiste em se reproduzir na transferência, e que é a de um desejo morto. É a verdade do que esse desejo foi em sua história que o sujeito grita em seu sintoma'. (id.)

Na 'Conferência XIX', Freud nos diz que os sintomas são:

'(...) satisfações substitutas daquilo que se PERDE na vida . (21 , p. 352, grifo nos so)

E, o que se perde na vida, transforma-se em ego no processo de identificação: o ego é o sintoma. O conflito que perturba o sujeito em relação a seus sintomas é o conflito identificatório. Mas, segundo Freud, a vida mental normal é 'permanente^{mente} agitada por conflitos', e enão, ele nos diz que o conflito tem poder patogênico quando:

'A frustração EXTERNA remove uma possibilidade de satisfação e a frustração INTERNA procura excluir UMA OUTRA POSSIBILIDADE'. (22 , p.409).

Ou seja, isto significa que, com tais impedimentos, FALTARIAM IDENTIFICAÇÕES, o que implicaria numa alienação maior do sujeito com relação a seus sintomas. De qualquer forma, a função do ego, enquanto instância imaginária, é essa mesmo de DESCONHECIMENTO e ALIENAÇÃO. E, portanto, quando um sujeito se queixa de seu sintoma por este ser um ato prejudicial ou inútil e causador de conflito, é enquanto ele desconhece seu sentido e sua razão que persiste o desprazer e o sofrimento, dado seu caráter compulsivo.

A questão toda para Freud está no fator quantita-
tivo : o principal dano que o conflito pode acarretar para

o sujeito será o 'dispêndio mental' na luta CONTRA determinado sintoma, o que pode implicar na 'paralização da pessoa nas outras áreas de sua vida'. Em suma, para Freud.

'(...) ser doente é, em essência, um CONCEITO PRÁTICO. (...) Se, contudo, assumirem um ponto de vista teórico e não considerarem essa questão de quantidade, os senhores podem muito bem dizer que TODOS NÓS SOMOS DOENTES — isto é 'NEURÓTICOS' (...). (22, p. 419, grifo nosso)

O sintoma, enquanto representante oficial do desejo, é o representante de uma representação impossível, uma 'interpelação sobre a existência', a identidade da estrutura. Sua função: DIZER A VERDADE DO SUJEITO, pois, o sintoma, o significante, ENCARNA A SUA QUESTÃO.

3. RESISTÊNCIA E TRANSFERÊNCIA

'Resistência' (Widerstand), é um conceito que se impõe a Freud a partir de suas dificuldades no trabalho (Arbeit) clínico. Nos 'Estudos sobre a Histeria', encontramos, pela primeira vez menção a diversas formas de resistência com exemplos clínicos, mas, somente na 'Interpretação dos Sonhos', em 1900, é que Freud introduz o conceito, com uma definição:

'Tudo que interrompe o progresso do traba

lho analítico é uma resistência'. (6, p. 551)

Resistência é, portanto, INÉRCIA, INIBIÇÃO. O termo alemão Widerstand inclui o sentido de OPOSIÇÃO (cf. 42, p. 1179) — oposição ao trabalho, oposição à modificação. Esta oposição à análise se expressa por uma inibição associativa que Freud relaciona ao conceito de transferência.

'Transferência' (Übertragung), surge também na 'Interpretação dos Sonhos' designando a passagem da energia psíquica de uma representação para outra, praticamente no mesmo sentido que o conceito de deslocamento (Verschiebung). Em alemão, o termo Übertragung designa: transporte, transferência; tradução, versão (cf. 42, 1113); e o termo Verschiebung designa: modificação, transposição; adiamento; traficância (cf. 42, 1147).

O que Freud enfatiza em ambos os conceitos é a possibilidade, a facilidade ou a dificuldade, com que a energia pode ser transferida de imagem para imagem em sua função de SUBSTITUIÇÃO e CONEXÃO nas formações simbólicas. (cf. 7, p. 463) Questões existentes desde o 'Projeto'. A transferência é uma resistência quando, por sua causa, as conexões associativas são inibidas e o discurso se interrompe.

Para Freud, as interrupções das associações podem ocorrer por dois motivos diferentes. Há aquelas em que as associações do sujeito FALTAM:

'Quero dizer, quando elas realmente ces-
sam (...)' (11, p. 135)

Neste caso, a interrupção se dá pela resistência i
nerente ao discurso como tal: as palavras faltam mesmo.

Hã ainda aquelas em que as associações do sujeito
SÃO RETIDAS.

'(...) o paciente as retêm devido a sentiti
mentos comuns de desprazer'. (id.)

Que 'sentimentos comuns de desprazer', (Unlust), se
riam estes? No 'O Ego e o Id' , respondendo à questão 'O
quê o ego teme?'. Freud nos diz que é a MORTE, o ANIQUILA
MENTO de sua estrutura. Na resistência transferencial o pe
rigo pulsional se transforma num perigo real externo encar
nado na figura do analista. E a resistência que surge fa
zendo oposição à continuação do trabalho analítico cumpre
uma função defensiva e se relaciona ao recalque. Toda a
'Conferência XIX' de 1917, 'Resistência e Recalque' , tra
ta desta questão. A resistência transferencial tentará pre
servar o caráter da estrutura, sua identidade.

Em condições favoráveis, a estrutura psíquica está
permanentemente aberta à re-atualizações transferenciais, e,
se um sujeito procura análise por sua estrutura lhe estar
sendo motivo de sofrimento, ou essa abertura não está sendo
possível por algum elemento de inércia que lhe obriga o fe

chamento, a oposição, por proteção, ou, o próprio fechamento e proteção da estrutura não estão sendo possíveis e esta se encontra permanentemente aberta, sem condições defensivas.

Num de seus últimos trabalhos escritos, no 'Esboço de Psicanálise', de 1940, inacabado, Freud deixa esta questão bem esclarecida:

'A quantidade de esforço que temos de dispende, pela qual avaliamos a resistência contra a conscientização do material, VARIA de magnitude SEGUNDO OS CASOS INDIVIDUAIS. Exemplificando, o que ocorre num tratamento analítico como resultado de nossos esforços PODE TAMBÉM OCORRER ESPONTANEAMENTE: um material que ordinariamente é inconsciente pode transformar-se em pré-consciente e, então, tornar-se consciente — coisa que acontece em grande escala, nos estados psicóticos. Disto inferimos que a MANUTENÇÃO DE CERTAS RESISTÊNCIAS INTERNAS CONSTITUI UM sine qua non DA NORMALIDADE'. (37, p. 186, grifo nosso)

As resistências internas, resistências provenientes do recalque — a divisão que forma a estrutura, que permite a antítese consciente-inconsciente — são resistências que DEVEM ser mantidas ou, na sua ausência, CRIADAS.

Em 'A Dinâmica da Transferência' , de 1912, Freud define transferência como o MÉTODO PARTICULAR de cada su jeito no relacionamento inter-subjetivo — um MÉTODO ou ESTILO de AMAR. Esse método ou estilo de cada um se revelaria como um 'clichê estereotípico' , constantemente repetido, mas, repetição esta que DEPENDERIA da 'NATUREZA DOS OBJETOS AMOROSOS' e das 'CIRCUNSTÂNCIAS EXTERNAS' (cf.11, p. 133). E, portanto, esse MÉTODO, Freud nos diz, o sujeito ...

'(...) NÃO É inteiramente INCAPAZ de MUDAR frente a experiências RECENTES' (id. p. 134)

Não fosse por isso, é claro, não haveria nenhum porque análise, nem toda essa discussão.

E de que DEPENDE a estrutura senão de um DESEJO proveniente do campo do OUTRO? Vimos com Freud que:

'(...) somente um DESEJO é capaz de colocar o aparelho em MOVIMENTO e que o CURSO da excitação nele é AUTOMATICAMENTE regulado por sentimentos de prazer e desprazer'. (6, p. 636/637, grifo nosso)

Na clínica, é o analista quem portará o desejo que dará partida ao movimento, no processo da cura. E não teria sido a ênfase dada por Freud ao fator ECONÔMICO — a magnitude das forças relativas — devida ao reconhecimen

to desta DEPENDÊNCIA? Id e superego são os representantes do mundo externo, nos indica Freud; de sua inter-influenciabilidade depende o processamento do real.

O sujeito está na dependência do desejo do Outro, enquanto enquanto sua estrutura, pela intervenção deste desejo, VARIA, ou se AVARIA. A abertura da estrutura ao discurso do Outro é o que lhe permite todo dinamismo, toda regulação, toda homeostase, no movimento do circuito da pulsão. Essa abertura pulsional, por condições próprias da estrutura psíquica, se EFETUA pelos caminhos indicados por Freud, os sonhos, os lapsos, os sintomas, que demonstram, em sua dinâmica de investimentos e desinvestimentos, os movimentos de ABERTURA e FECHAMENTO do inconsciente, num INTERVALO de TEMPO PARTICULAR, num ritmo individual.

Enquanto num primeiro momento técnico da psicanálise Freud considerava que o trabalho clínico do analista se constituiria na COMUNICAÇÃO da interpretação e elucidação dos sintomas com o objetivo de eliminar resistências, num segundo momento, Freud constata o caráter CONSTITUTIVO das resistências e dos próprios sintomas, pela força da repetição, e modifica radicalmente seus procedimentos técnicos. O sentido dos sintomas não deverá mais ser comunicado, mas assumido pelo sujeito, a partir das evidências repetidas na transferência atualizada com o analista.

Nesta 'experiência RECENTE', que é a relação transferencial com o analista, um estilo se imporia e revelaria

para o sujeito — que não teria como não percebê-lo, dada a repetição. Quanto às experiências PASSADAS, não podemos, é claro, mudar o que está 'dito e feito', mas podemos tentar dar uma nova VERSÃO a tais acontecimentos passados, como no procedimento da VERURTEILUNG, modificando-se as compulsões associativas. Freud nos diz em 'Análise Terminável e Interminável', de 1937, que:

*'(...) a façanha real da terapia analítica seria a subsequente CORREÇÃO do processo ORIGINAL de recalque, correção que põe fim à dominância do fator quantitativo'.
(35 , p. 259/260)*

Este é o próprio procedimento da VERURTEILUNG, tal como Freud o descreve na 'Conferência XIX', no texto do 'Homem dos Lobos', no texto da 'Negativa' e em outros lugares, como indicativo, não de um final de análise, mas de um objetivo atingido, a travessia de 1 sintoma. Após análise, o sujeito terá sido atravessado pelo significante, seu sintoma, de maneira diferente.

IV. CONCLUSÃO

O TEMPO DO SUJEITO E A RESISTÊNCIA DO ANALISTA

A determinação simbólica humana nos revela a 'defesa' e a 'resistência' como elementos fundantes da aparelhagem psíquica, na constituição do sujeito e do objeto, por meio das formações simbólicas.

A 'defesa', como vimos, se apresenta como uma marca de origem — 'made in...' — a partir da catexização das primeiras marcas simbólicas, as primeiras inscrições oficiais do desejo, as BEJAHUNGS PRIMORDIAIS. Na parte B, do capítulo VII da 'Interpretação dos Sonhos', Freud caracteriza essas afirmações iniciais como as 'PRÉ-DIÇÕES' do discurso do Outro, veiculadas pela figura real, mãe (pai, analista, etc.), e que formam, em sua contextura significativa, uma 'PROFECIA', que se encarna e se representa, pelo sintoma, na outra figura real, filho (analissando, aluno, etc.) (cf. 6, p. 581). São afirmações que se CONTRA-DIZEM, não satisfazem às pulsões, e que entretanto, formam a rede das séries significantes de onde partem as denegações do sujeito, seu discurso.

A 'resistência' é sempre uma resistência deste discurso no processamento do real, resistência que, na indicação de Freud, se expressa de duas formas diferentes essenciais: (1) por sua CESSAÇÃO; e (2) por sua RETENÇÃO.

Na primeira: a resistência inerente ao CÓDIGO da linguagem, a resistência própria da cadeia significante e de todo mundo simbólico constituído, cuja estrutura toma a forma de um conjunto aberto a partir da existência de uma falta significante real. Pela abertura que esta falta real implica, a estrutura da linguagem humana estará permanentemente aberta ao simbolismo em seus processos de SUBSTANTIVA-AÇÃO: das simples catacreses aos neologismos.

Na segunda: a resistência proveniente da CENSURA, também inerente ao código enquanto tal, implicada por esta abertura, mas cujos efeitos são uma decorrência, não de uma falta real (há versus não há), mas de uma valorização, em seus processos de ADJETIVA-AÇÃO (é ≠ versus não é ≠), o que traz como consequência uma ELEIÇÃO DE SIGNOS PRIVILEGIADOS, que se substituem a esta falta real e formam, no seu conjunto, a LEI. Por estas substituições, a lei significante confere à linguagem seu caráter de alegoria na ordem temporal do discurso: o anacronismo e o aprés-coup. É nesta CENSURA ALEGÓRICA, ANACRÔNICA — num SINTOMA — que se encontra qualquer possibilidade de formação e conservação de uma estrutura de identidade cultural ou individual.

Já em 1910, em 'As Perspectivas Futuras da Terapia Psicanalítica', Freud houvera enfatizado a importância da manutenção dos sintomas, na neurose (ou na

perversão), considerando-os a melhor solução que poderia ter sido dada, sempre.

'As neuroses possuem, de fato, uma FUNÇÃO BIOLÓGICA, como um DISPOSITIVO PROTETOR, e tem JUSTIFICAÇÃO SOCIAL: a 'vantagem da doença', que proporcionam, não é sempre uma vantagem puramente subjetiva. Existe alguém entre os senhores que, alguma vez, não examinou a causalidade da neurose, e não teve de admitir que esse era o MAIS SUAVE RESULTADO POSSÍVEL DA SITUAÇÃO? (10, p. 135, grifo nosso).

Na Conferência XXIII, 'O Caminho da Formação dos Sintomas', de 1917, Freud retoma esta questão, de forma também enfática:

'(...) DECIFRAR os sintomas não é o mesmo que compreender a doença (...) ELIMINAR sintomas não equivale a CURAR a doença (...) A única coisa tangível que resta da doença, depois de eliminados os sintomas, é a capacidade de formar novos sintomas.' (23, p. 419)

Isto, na melhor das hipóteses, acrescentamos. Na pior, a despersonalização ou psicotização.

Apesar de toda esta ênfase de Freud, há ainda quem pense a cura psicanalítica como uma prática 'ortopé-

dica', como disse Lacan, por interpretações dos conteúdos e das intenções alegóricas 'ocultas' do sujeito, por meio, ou de chaves fixas de simbolismo, ou de um delírio explicativo, imaginário, qualquer. Nestas práticas, é visada a 'compreensão' do sintoma num processo de OBJE-TIVAÇÃO do sujeito, o que é, na realidade, como LACAN chama nossa atenção, TUDO a ser evitado na clínica. Estes analistas ENCARNAM um SABER de forma que se tornam, eles mesmos, incapazes de se reconhecerem em falta com o saber: eles sabem, os pacientes enganam. Estes que pensam saber a verdade do sujeito, acabam funcionando na clínica como a CAUSA da psicose: o Outro não é furado, não porta a lei, ele é a lei (vide o pai de Schreber).

Seguindo Freud: o analista não sabe; guarda suas hipóteses para si quando as tem; espera confirmação.

No entanto, é necessário que o sujeito em análise suponha um saber no analista já que este terá que ocupar o lugar do Outro para esse sujeito, para que uma análise se dê.

Essa característica, e condição, do processo analítico foi descrita por Freud, em 1914, na 'História do Movimento Psicanalítico':

'A análise (...) não se presta a uso polêmico; pressupõe o CONSENTIMENTO da pessoa que está sendo analisada e

e uma situação na qual existem um SUPERIOR e um SUBORDINADO.' (12, p. 63).

A análise dependerá de seu 'CONTRATO' — nos indica Freud nos seus textos técnicos — dependerá do PACTO SIMBÓLICO que sustentará tal distinção entre um 'sujeito-suposto-saber', representante do Outro, o analista, e um 'sujeito-que-demanda-um-saber', o analisando. Esta disposição definirá a transferência.

A neurose, Lacan situa bem, é 'UMA QUESTÃO que o SER coloca para o SUJEITO' (cf. 50, p. 251). Os sintomas neuróticos portam esta estrutura INTERROGATIVA: o que é a morte? ... o que é uma mulher? ... qual o desejo do pai? Em suma, o sujeito é uma questão em permanente re-solução.

A este propósito, exemplificando com o caso Hans, Lacan escreveu:

'[...] abandonado aos cinco anos pelas CARÊNCIAS de seu 'ENTOURAGE' SIMBÓLICO, diante do ENIGMA subitamente ATUALIZADO para ele, de seu SEXO e de sua EXISTÊNCIA, desenvolve, em torno do CRISTAL SIGNIFICANTE de sua fobia, sob uma forma MÍTICA, TODAS AS PERMUTAÇÕES POSSÍVEIS DE UM NÚMERO LIMITADO DE SIGNIFICANTES. (...) mesmo no nível individual, a SOLUÇÃO DO IMPOSSÍVEL é trazida ao homem pela EXAUSTÃO de TODAS as

formas possíveis de IMPOSSIBILIDADES, encontradas no EQUACIONAMENTO significante da solução.' (51, p. 251)

Na elaboração clínica: em consequência da transferência, que pressupõe a existência de um sujeito-supos-to-saber, ao caráter definitivo e indestrutível das marcas significantes se contrapõe a possibilidade de novos investimentos e desinvestimentos destas marcas significantes, a partir da existência de UM DESEJO exterior ao sujeito que se lhe IM-PÕE DECIFRAR. Dessa forma, o analista se apresenta ao sujeito como a própria encarnação da Esfinge, o 'estranho', aquele que D'ora em diante estará no lugar do inconsciente do sujeito (A), por sua posição própria de objeto indecifrável (a), lhe impondo questões.

A análise se daria com esse 'equivoco' do sujeito que supõe que o analista sabe, o que o agita em suas questões, surgindo as demandas, um certo discurso, numa certa modulação de tempo particular.

Vejamos com Lacan essa questão do TEMPO:

'[...] o inconsciente se coloca FORA DO TEMPO exatamente como o CONCEITO porque é o TEMPO de si mesmo, o TEMPO PURO DA COISA (...). O elemento TEMPO é a dimensão CONSTITUTIVA da ordem da palavra.' (46, p. 276).

Esse TEMPO é o tempo da LATÊNCIA, tempo de HESITAÇÃO no surgimento do CONCEITO, do não realizado ainda, o inconsciente. No direcionamento de uma cura analítica, que visa a re-estruturação das marcas significantes — WO(ES)WAR, SOLL(ICH) WERDEN — esse TEMPO será único para cada sujeito e se desenvolverá numa LÍNGUA PARTICULAR.

Graças a um discurso infinitas vezes reproduzido na análise pelo sujeito, o enigma inconsciente se REALIZA no SIMBÓLICO, pelo ATO da ENUNCIÇÃO, re-encontrando o TEMPO DO VERBO, e se transforma em PASSADO, algo que, como disse Lacan, após a análise, simplesmente 'TERÁ SIDO'.. (cf. 46, p. 185).

No texto 'Recordar, Repetir e Elaborar', de 1914, Freud contrapõe a elaboração à inércia psíquica, relacionando-as ao elemento TEMPO e chamando a atenção do analista para as conseqüências desta CONSTITUIÇÃO temporal da ordem do discurso:

'Deve-se dar ao paciente TEMPO para CONHECER melhor a resistência que lhe é DES-CONHECIDA (...). O médico nada mais tem a fazer senão ESPERAR e deixar as COISAS seguirem seu CURSO, que NÃO PODE SER EVITADO nem continuamente APRESSADO.' (cf. 13, p. 202).

Quando, então, Freud pede ao analista tempo e paciência, não estará nos indicando que são as resistênci

as do analista que deverão ser superadas enquanto as do analisando vão sendo elaboradas? Em 1910, Freud já escreve sobre isso, afirmando que, por sua transferência, sua própria censura, nenhum psicanalista 'avança' além de suas próprias resistências.

Neste ponto, re-encontramos a mola motora da análise, a transferência do analista, seu desejo: é o analista quem dá a partida e movimenta um processo de cura analítico, na dependência do desejo que porta com relação a uma cura particular, um certo discurso, que será, obrigatoriamente, sintoma deste desejo.

Quanto mais esse sintoma, esse discurso, se lhe assemelhe ao desejo que pensa portar, mais o analista lhe terá horror. Mas não cabe ao analista ter horror ao real do discurso de ninguém. Ele já deverá ter atravessado o sintoma de ser o falo do outro, atravessando a castração, e se o foi, poderá se sustentar, em análise, na posição de objeto a, objeto CAUSA de DESEJO.

Um saber teórico se impõe ao analista, por certo. Saber que lhe permita sustentar tal posição que EXIGE tanta paciência na ESPERA, a posição de des-conhecimento.

O sujeito SURGE num discurso, simboliza, e isto feito, o inevitável, o fading ..., o sujeito SOME num discurso e, deste lugar, sumido, poderá surgir uma vez mais, compondo sua ESCRITURA num TEMPO e RITMO imprevisíveis.

Guiado pelos traços representantes deste objeto causa do desejo, o objeto indecifrável, o objeto do fantasma (a), o sujeito re-encontra o DESEJO, sua DEFESA. É seu ESTILO que se revela.

. . .

Quando é necessária uma análise? Quando há um perigo interno, um perigo pulsional, nos diz Freud, o fator determinante na preparação de uma situação de perigo externo real. O perigo está na transferência, onde se manifestam as compulsões que deverão ser simbolizadas, comunicadas. Cada nova transferência com que o sujeito se depara na vida re-atualiza suas questões.

Não cabe ao analista fazer juízos de valor sobre o estilo de cada um, suas preferências, sua maneira particular de viver e gozar a vida.

A maior dificuldade do analista: sua resistência no processamento do real de um discurso outro que se apresenta manco, truncado, tropeçante.

E, quando o analista deseja a cura, a falta significativa que esse desejo porta, legitimará TODA VACILAÇÃO e TODA IMPOSSIBILIDADE DE SE COMPLETAR UMA ESCRITURA.

BIBLIOGRAFIA

- [1] ALTHUSSER, L. - (1978) - "Freud e Lacan", in: 'Estruturalismo, Antologia de Textos Teóricos', org.: Coelho, E.P., Ed. Martins Fontes, S.P.
- [2] BOUVERESSE, J. - (1976) - "Une Illusion de Grand Avenir : La Psychanalyse selon Popper", in: Critique n° 315', Ed. Minuit, Paris.
- [3] BREUER, J. e FREUD, S. - (1983) - "Estudos sobre a Histeria", in: 'Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud', Imago Ed., R.J.
- [4] FREUD, S. - (1984) - "As Neuropsicoses de Defesa", in: E.S.B., vol. III, Imago Ed., R.J.
- [5] _____ . - (1896) - "Novos Comentários sobre as Neuroses de Defesa", in: E.S.B., vol. III, Imago Ed., R.J.
- [6] _____ . - (1900) - "A Interpretação dos Sonhos", in: E.S.B., vol. IV e V, Imago Ed., Rio de Janeiro.
- [7] _____ . - (1901) - "Psicopatologia da Vida Cotidiana", in: E.S.B., vol. VII, Imago Ed., R.J.

- [8] FREUD, S. - (1905) - "Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente", in: E.S.B., vol. VIII, Imago Ed., R.J.
- [9] _____ . - (1905) - "Três Ensaio sobre Sexualidade", in: E.S.B., vol. VII, Imago Ed., R.J.
- [10] _____ . - (1910) - "As Perspectivas Futuras da Terapêutica Psicanalítica", in: E.S.B., vol. XI, Imago Ed., R.J.
- [11] _____ . - (1912) - "A Dinâmica da Transferência" , in: E.S.B., vol. XII, Imago Ed., R.J.
- [12] _____ . - (1914) - "A História do Movimento Psicanalítico", in: E.S.B., vol. XIV, Imago Ed., Rio de Janeiro.
- [13] _____ . - (1914) - "Recordar, Repetir e Elaborar" , in: E.S.B., vol. XII, Imago Ed., R.J.
- [14] _____ . - (1915) - "As Pulsões e suas Vicissitudes", in: E.S.B., vol. XIV, Imago Ed., R.J.
- [15] _____ . - (1915) - "A Repressão", in: E.S.B., vol. XIV, Imago Ed., R.J.
- [16] _____ . - (1915) - "O Inconsciente", in: E.S.B., vol. XIV, Imago Ed., R.J.

- [17] FREUD, S. - (1917) - "Suplemento Metapsicológico à Teoria dos Sonhos", in: E.S.B., vol. XIV, Imago Ed., R.J.
- [18] _____ - (1916) - "Conferência I", Introdução, in: E.S.B., vol. XV, Imago Ed., R.J.
- [19] _____ - (1917) - "Conferência XVII", 'O Sentido dos Sintomas', in: E.S.B., vol. XVI, Imago Ed., R.J.
- [20] _____ - (1917) - "Conferência XVIII", 'Fixação em Traumas - O Inconsciente', in: E.S.B., vol. XVI, Imago Ed., R.J.
- [21] _____ - (1917) - "Conferência XIX", 'Resistência e Repressão', in: E.S.B., vol. XVI, Imago Ed., R.J.
- [22] _____ - (1917) - "Conferência XXII", 'Algumas Idéias sobre Desenvolvimento e Regressão - Etiologia', in: E.S.B., vol. XVI, Imago Ed., R.J.
- [23] _____ - (1917) - "Conferência XXIII", 'Os Caminhos da Formação dos Sintomas', in: E.S.B., vol. XVI, Imago Ed., R.J.
- [24] _____ - (1917) - "Conferência XXIV", 'O Estado Neurótico Comum', in: E.S.B., vol. XVI, Imago Ed., R.J.

- [25] FREUD, S. - (1918) - "Uma Neurose Infantil", in :
E.S.B., vol. XVIII, Imago Ed., R.J.
- [26] _____ - (1920) - "Além do Princípio do Prazer" ,
in: E.S.B., vol. XVIII, Imago Ed., R.J.
- [27] _____ - (1921) - "Psicologia de Grupo e a Análise
do Ego", in: E.S.B., vol. XVIII, Imago Ed., R.J.
- [28] _____ - (1923) - "O Ego e o Id", in: E.S.B., vol.
XIX, Imago Ed., R.J.
- [29] _____ - (1925) - "Um Estudo Autobiográfico", in :
E.S.B., vol. XX, Imago Ed., R.J.
- [30] _____ - (1925) - "A Negativa", in: E.S.B., vol.
XX, Imago Ed., R.J.
- [31] _____ - (1926) - "Inibições, Sintomas e Ansieda-
de", in: E.S.B., vol. XX, Imago Ed., R.J.
- [32] _____ - (1930) - "O Mal-Estar na Civilização", in:
E.S.B., vol. XXI, Imago Ed., R.J.
- [33] _____ - (1933) - "Conferência XXXI", 'A Dissec-
ção da Personalidade Psíquica', in: E.S.B. ,
vol. XXII, Imago Ed., Rio de Janeiro.
- [34] _____ - (1933) - "Conferência XXXV", 'A questão
de uma Weltanschamung', in: E.S.B., vol. XXII,
Imago Ed., R.J.

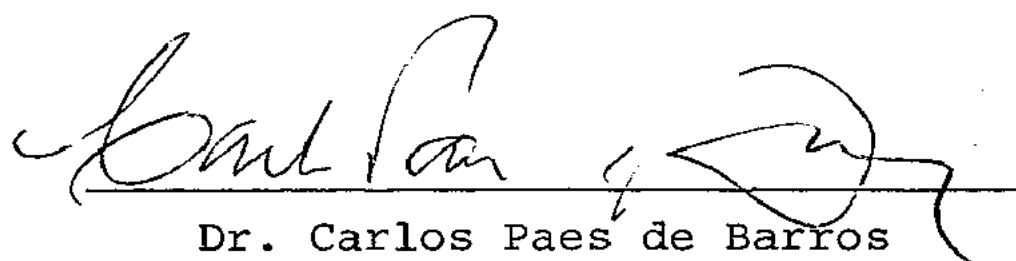
- [35] FREUD, S. - (1937) - "Análise Terminável e Interminável", in: E.S.B., vol. XXIII, Imago Ed., R.J.
- [36] _____. - (1983) - "A Divisão do Ego no Processo de Defesa", in: E.S.B., vol. XXIII, Imago Ed. R.J.
- [37] _____. - (1940) - "Esboço da Psicanálise", in: E.S.B. vol. XXIII, Imago Ed., R.J.
- [38] _____. - (1950) - "Projeto para uma Psicologia Científica", in: E.S.B., vol. I, Imago Ed., R.J.
- [39] _____. - (1950) - "Carta 52", in: E.S.B., vol. I , Imago Ed., R.J.
- [40] _____. - (1950) - "Rascunho K", in: E.S.B., vol. I, Imago Ed., R.J.
- [41] _____. - (1977) - "O Ego e os Mecanismos de Defesa", Ed. Civilização Brasileira, R.J.
- [42] IRMEN, F. - (1982) - "Langenscheidts Taschenwörterbuch der Portugiesischen und Deutschen Sprache", Langenscheidts, Berlim.
- [43] JACOBY, R. - (1977) - "Amnésia Social", Zahar Ed., R.J.
- [44] JONES, E. - (1979) - "Vida e Obra de Sigmund Freud", Zahar Ed., R.J.

- [45] LACAN, J. - (1976) - "Lo Simbólico, lo Imaginário y lo Real", in: 'Revista Argentina de Psicología', Buenos Aires.
- [46] _____ . - (1979) - "O Seminário, Livro I, Os Escritos Técnicos de Freud", Zahar Ed., R.J.
- [47] _____ . - (1985) - "O Seminário, Livro II, O Eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise", Jorge Zahar Editor, R.J.
- [48] _____ . - (1985) - "O Seminário, Livro III, As Psicoses", Jorge Zahar Ed., R.J.
- [49] _____ . - (1979) - "O Seminário, Livro XI, Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise", Zahar Ed., R.J.
- [50] _____ . - (1978) - "Tempo Lógico e a Asserção de Certeza Antecipada - Um Novo Sofisma", in: 'Escritos', Ed. Perspectiva, S.P.
- [51] _____ . - (1978) - "A Instância da Letra no Inconsciente ou a Razão desde Freud", in: 'Escritos', Ed. Perspectiva, S.P.
- [52] _____ . - (1978) - "A Significação do Falo", in: 'Escritos', Ed. Perspectiva, S.P.

- [53] LAPLANCE-PONTALLIS - (1970) - "Vocabulário de Psicanálise", Livraria Martins Fontes Editora, S.P.
- [54] PALMIER, I.M. - (1977) - "Lacan", Ed. Melhoramentos, S.P.
- [55] ROAZEN, P. - (1978) - "Freud e seus Discípulos", Ed. Cultrix, S.P.
- [56] ROSOLATO, G. - (1969) - "Le Symbolique", in: 'Essais sur le Symbolique', Gallimard, Paris.
- [57] SLOBIN, D.I. - (1980) - "Psicolinguística", EDUSP, S.P.
- [58] SOPHOCLES - (1976) - "The Theban Plays", in: 'Penguin Classics', The Chaucer Press Ltd., Great Britain.

. . .

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/RJ,
fazendo parte da Banca Examinadora os seguintes professores:



Dr. Carlos Paes de Barros
Professor Orientador



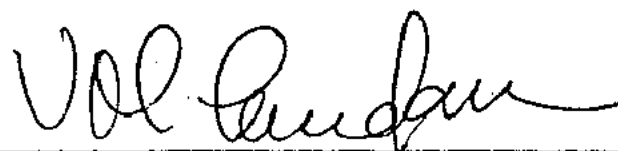
Profª Circe Vital Brazil
PUC/RJ



Prof. Eduardo Affonso Vidal
PUC/RJ

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro, 05 de setembro de 1986.



Vera Maria Ferrão Candau

Coordenadora dos Programas de Pós-Graduação
do Centro de Teologia e Ciências Humanas